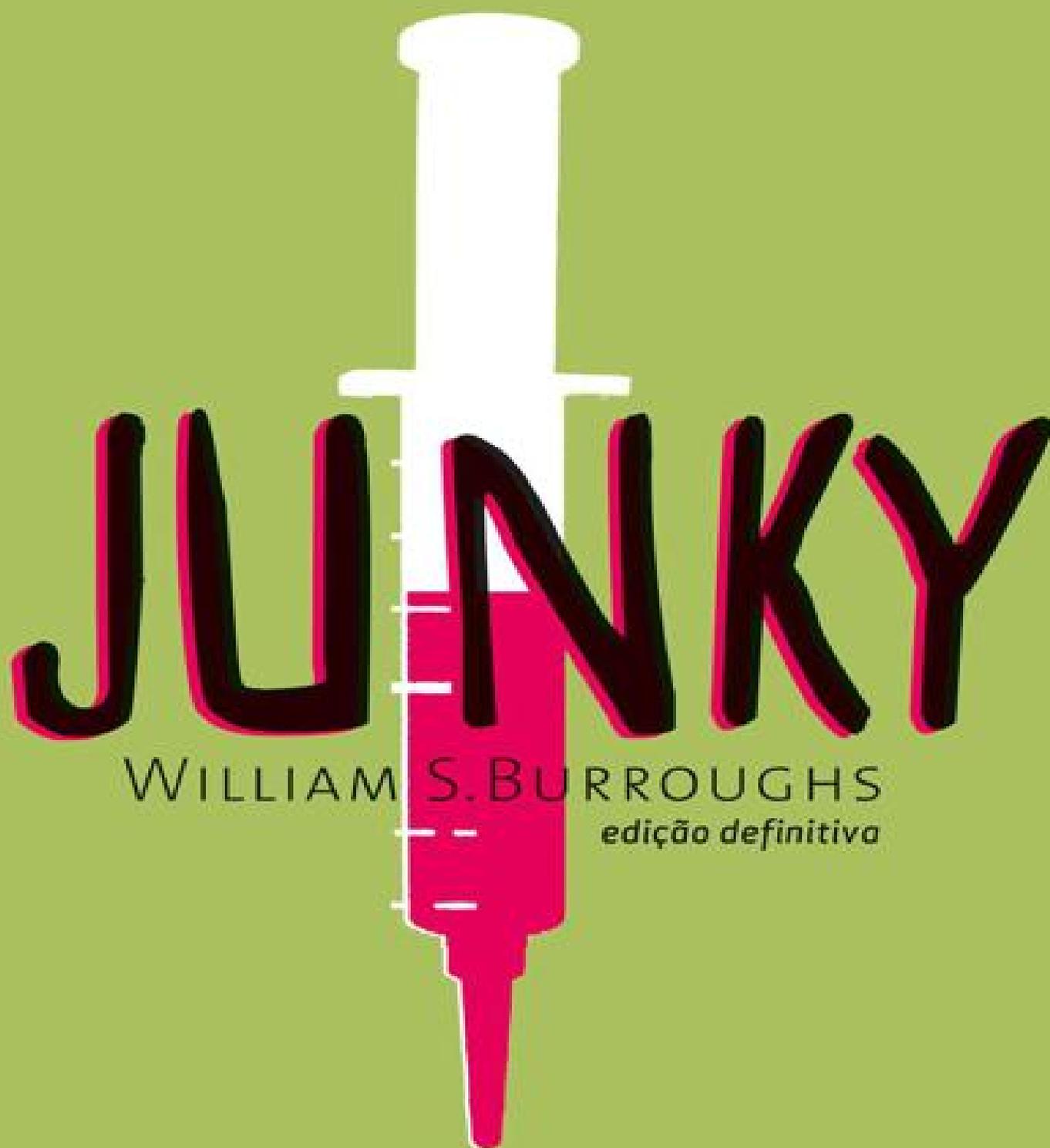


Com uma introdução de **ALLEN GINSBERG**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## Introdução à edição de 1977

por Allen Ginsberg

Bill Burroughs e eu nos conhecemos desde o Natal de 1944, e no começo dos anos 1950 mantivemos intensa correspondência. Sempre o respeitei como um cara mais velho & sábio que eu, e me espantava, no começo da nossa relação, que ele também me tratasse com respeito. Com o passar do tempo & as mudanças em nossa sorte — eu vivendo a solidão do hospício certa época, ele com suas tragédias e viagens —, fui tendo a ousadia de intuí-lo um tímido e encorajá-lo a escrever mais prosa. Eu e Kerouac nos considerávamos, então, poetas/escritores por Destino; Bill era muito acanhado para montar um teatro tão extravagante em torno de si mesmo. Seja como for, ele respondia às minhas cartas com capítulos de *Junky*. No começo, acho, eram apenas esboços curiosos, logo transformados por ele, para meu espanto e surpresa, num trabalho contínuo de elaboração de fragmentos de um livro — uma narração em torno de um assunto. Assim, foram me chegando pelo correio as pilhas de manuscritos, algumas enviadas para Paterson, em Nova Jersey. Eu achava que o estava encorajando. Agora me ocorre que era ele quem me encorajava a manter contato ativo com o mundo, pois eu estava passando uma temporada com meus pais depois de oito meses num hospital psiquiátrico, por causa de encrencas ripongas com a polícia.

Isso aconteceu há mais de vinte e cinco anos, e não me lembro mais da estrutura da nossa correspondência — que prosseguiu por anos, de continente a continente & costa a costa americana. Esse era o nosso método de construir os livros, não apenas *Junky* mas também *Cartas do Yage*, *Queer* e muito de *Almoço nu*. É uma vergonha que Burroughs tenha destruído boa parte das suas cartas mais pessoais de meados dos anos 50, que eu tinha confiado aos cuidados de seu acervo — cartas de uma natureza mais acentuadamente afetiva, em comparação com as coisas que ele

oferecia ao público. Assim, pois, esse aspecto charmoso do Detetive Invisível Lee ficou pra sempre oculto atrás da Cortina das Belas-Letras.

Uma vez terminado o manuscrito, eu saí por aí mostrando-o a vários colegas de faculdade ou do hospital psiquiátrico que haviam conseguido ingressar no ramo editorial — uma ambição que também já foi minha, frustrada, porém. Incompetente que sou em matéria de assuntos mundanos, eu me via como um agente literário secreto. Jason Epstein leu os manuscritos de *Junky* (ele conhecia Burroughs de fama desde os tempos da universidade) e concluiu que, se o autor fosse Winston Churchill, o livro seria interessante; mas como a prosa de Bill era “indistinta” o livro não tinha interesse editorial. Combati essa opinião o quanto pude no escritório dele da Doubleday, mas caí sob o cerco de um excesso de Realidade... gás mostarda lançado por editores sinistros e inteligentes... da minha própria paranoia ou inexperiência com a Grande Burrice dos Edifícios Comerciais de Nova York. Na mesma época, eu também era portador dos capítulos proustianos de *Visões de Cody*, de Kerouac, que mais tarde desembocaram no visionário *On the Road — Na estrada*. E eu, então, ficava levando *On the Road* de editor em editor. Louis Simpson, ele também se recuperando de um colapso nervoso no hospital Bobbs-Merrill, foi outro que não encontrou méritos artísticos nesses manuscritos.

Foi sorte grande que meu companheiro no Instituto Estadual de Psiquiatria de Nova York, Carl Solomon, tenha sido empregado por seu tio, sr. A. A. Wyn, da Ace Books. Solomon tinha gosto e disposição pra esses documentos — embora nos reflexos das suas extravagâncias literárias dadaístas & paranoico-críticas ele, a exemplo de Simpson, desconfiasse do romantismo criminoso ou vagabundo de Burroughs & Kerouac. (Eu, na época, era um bom menino judeu, com um pé na classe média, que escrevia versos metafísicos cuidadosamente rimados e revisados — bom, nem tanto.) Esses livros, por certo, indicavam que estávamos em plena crise de identidade, prenunciando o colapso nervoso de todo os Estados Unidos. Por outro lado, o selo de livros de bolso da Ace Books era quase todo um mingau comercial, com um ou outro

romance francês ou alguma narrativa mais barra-pesada que o Carl Solomon enfiava, nervoso, na lista de publicações, sob a piscadela cúmplice do Titio.

Solomon, como editor, achava que a gente (Bill, Jack, eu) não dava bola, como ele, pra Paranoia real que nossos textos despertavam — isso não fazia parte da nossa condição, como fazia da dele. Carl se preocupava com família, psiquiatras, responsabilidades editoriais e com a possibilidade de seu tio considerá-lo um doente mental. Portanto, exigia coragem da sua parte botar em circulação “esse tipo de coisa”, um livro sobre droga pesada, e pagar duzentos e cinquenta dólares de adiantamento a Kerouac pelo seu romance. “Aquela porcaria toda quase me provocou um colapso nervoso, movido a medo e terror. Trabalhar com aquele material era fogo.”

Havia naquela época — e ainda hoje vibram resquícios da paranoia oficial policesca cultivada pela Delegacia Federal de Entorpecentes (Narcotics Bureau) — uma forte crença implícita, ou pressuposição: se alguém dissesse em voz alta “fumo” (sem contar droga pesada, *junk*) no ônibus ou no metrô, podia ser preso. Mesmo que estivesse apenas discutindo mudanças na legislação. Era praticamente ilegal falar sobre drogas. Uma década depois, ainda era impossível promover uma discussão nacional na tv sobre as leis que regiam o assunto sem que a Delegacia Federal de Entorpecentes e a fcc (Federal Communications Commission) se intrometessem, semanas depois, com clipes produzidos para a tv que denunciavam o debate. Isso é história. Todavia, o “medo e terror” mencionados por Solomon eram tão reais que foram internalizados pela indústria editorial; assim, o livro só foi publicado depois de se distribuir, em diversos parênteses no texto, toda sorte de desmentidos e “correções” — isso para que o editor não pudesse estar implicado criminalmente com o autor e para que as opiniões arbitrárias do autor, em discordância com as de “reconhecidas autoridades médicas”, não confundissem o público. As tais autoridades médicas, nessa época, eram cativas da Delegacia Federal de Entorpecentes, que, entre 1935 e 1953, processou vinte mil médicos por tentarem prestar assistência a junkies, viciados em

drogas pesadas, chegando a lhes impor multas e prender milhares deles, no que a Associação Médica Municipal de Nova York classificou de “uma guerra contra os médicos”.

O fato simples e básico é que, em conchavo com o crime organizado, a Delegacia Federal de Entorpecentes estava envolvida no tráfico por baixo do pano, interessando-lhe, portanto, criar mitos que reforçassem a “criminalização” dos viciados, em vez de tratamento médico. O motivo era simples e singelo: ganância por dinheiro, salários, chantagem & lucros ilícitos, às custas de uma classe de cidadãos tidos pela polícia & imprensa como “degenerados”. As relações de trabalho históricas entre a polícia e a máfia foram documentadas no início dos anos 1970 por vários relatórios oficiais e livros (destacam-se o Relatório da Comissão Knapp, 1972, Nova York, e o livro *A política do ópio na Indochina*, de Al McCoy).

O fato de o assunto ser considerado tão maldito pela mídia obrigou Burroughs a escrever um prefácio dizendo proceder de uma família muito distinta — William Lee era seu pseudônimo — e explicando como foi que um cidadão supostamente normal chegou a virar um “drogado degenerado”, tudo isso para fazer média com leitores, censores, resenhistas, polícia, meio editorial e sabe-se lá quem mais. A mando do editor, Carl escreveu uma introdução cautelosa, fingindo-se de porta-voz da sanidade. Vai ver era mesmo. Cortou-se do livro uma descrição literária da sociedade agrícola do Texas, por não ser pertinente a um assunto tão escandalosamente não literário como aquele. Além disso, repito, afirmações cruciais de natureza médico-política de William Lee, derivadas de suas vivências e opiniões, iam sendo imediatamente repudiadas (pelo editor) à medida que iam aparecendo no texto (entre parênteses).

Na condição de agente literário, negocieei um contrato aprovando todos esses obscurantismos e entregando a Burroughs um adiantamento de oitocentos dólares por uma edição de cem mil exemplares. Acoplado a *Junky*, saiu outro livro sobre drogas, escrito por um ex-agente da Delegacia Federal de Entorpecentes. Um livro se juntava ao outro, invertido: um 69. Sem dúvida, um pacote dos mais bizarros. Por outro lado, graças à nossa ingenuidade,

conseguimos o milagre ousado de imprimir e oferecer a milhões de *cognoscenti* um texto admirado por suas inegáveis qualidades: inteligência, percepção clara, linguagem nua e precisa, sintaxe direta & imagens mentais — pra não falar do seu enorme poder de apreensão sociológica e da sua atitude cultural revolucionária diante da burocracia e do mundo das leis e do seu olhar estoico, frio & irônico sobre o crime.

*Nova York , 19 de setembro de 1976*

JUNKS

## Prólogo

Nasci em 1914, numa sólida casa de tijolo aparente, de três andares, numa grande cidade do Meio-Oeste. Meus velhos viviam bem. Meu pai tocava seu próprio negócio madeireiro. A casa tinha uma área na frente, um quintal nos fundos com jardim, um laguinho cheio de peixes e uma cerca alta de madeira protegendo tudo. Me lembro do homem dos lampiões acendendo o gás nas ruas, do enorme Lincoln preto reluzente e dos passeios pelo parque aos domingos. Não faltava nada: era uma vida segura e confortável, para sempre perdida agora. Eu podia vir com uma dessas conversas nostálgicas sobre o médico alemão que morava ao lado, os ratos que rondavam o quintal, o carrinho elétrico da minha tia e o meu sapo de estimação que vivia na beira do laguinho dos peixes.

Na verdade, minhas primeiras lembranças são matizadas pelo medo de pesadelos. Eu tinha medo de ficar sozinho, medo do escuro e medo de dormir por causa dos pesadelos, em que um horror sobrenatural estava sempre a ponto de se materializar. Tinha medo de que um dia, ao acordar, o pesadelo ainda estivesse lá. Me lembro de uma empregada falando sobre ópio, que o ópio trazia sonhos lindos, e eu disse: "Vou fumar ópio quando eu crescer".

Quando criança eu vivia assolado por alucinações. Uma vez, acordei de manhã bem cedo e vi uns homenzinhos brincando numa casa de cubos que eu tinha erguido. Não tive medo, só uma sensação de imobilidade e espanto maravilhado. Outra alucinação ou pesadelo muito comum envolvia "animais na parede", e começava com o delírio provocado por uma febre estranha, jamais diagnosticada, que eu costumava ter aos quatro, cinco anos.

Frequentei uma escola moderna, ao lado dos futuros cidadãos íntegros — advogados, médicos e empresários de uma grande

cidade americana. Junto das outras crianças eu ficava tímido, com medo de violências físicas. Tinha uma lesbica mirim muito agressiva que puxava meu cabelo tão logo me via. Eu bem que gostaria de socar a cara dela nesse mesmo instante, mas, anos atrás, ela caiu do cavalo e quebrou o pescoço.

Quando eu tinha sete anos, meus pais resolveram se mudar para o subúrbio “pra se verem livres de gente”. Compraram um casarão com muito terreno, bosques e um lago com peixes; em vez de ratos, havia esquilos no quintal. Vivíamos numa redoma aprazível, ao lado de um belo jardim, afastados da vida urbana.

Me botaram num ginásio particular de subúrbio. Eu não era especialmente bom ou mau nos esportes, nem brilhante ou retardado nos estudos. Tinha um bloqueio definitivo para matemática e tudo que fosse mecânico. Jamais gostei de jogos competitivos de equipe, e os evitava sempre que possível. O fato é que me tornei um doente imaginário crônico. Porém, gostava pra valer de pescar, caçar e caminhar. Lia mais do que a média dos garotos americanos daquele tempo e lugar: Oscar Wilde, Anatole France, Baudelaire e até Gide. Criei um apego romântico por um garoto, e a gente passava os sábados explorando velhas pedreiras, passeando de bicicleta e pescando em lagoas e rios.

Por essa época, fiquei muito impressionado pela autobiografia de um ladrão, intitulada *Você não pode vencer*. O autor afirmava que tinha passado boa parte da vida na prisão. Me parecia melhor que a chatice do subúrbio, onde todo contato com a vida estava cortado. Eu encarava meu amigo como um aliado, um cúmplice no crime. A gente descobriu uma fábrica abandonada, quebrou todos os vidros e roubou um formão. Fomos apanhados e nossos pais tiveram de pagar os prejuízos. Depois dessa, meu amigo me virou a cara, porque a nossa relação punha em risco sua permanência no grupo. Eu logo vi que não havia compromisso possível com aquele grupo — *os outros* — e, quando dei por mim, estava bem sozinho.

O ambiente era estéril, o adversário vivia oculto e eu parti para aventuras solitárias. Meus atos criminosos eram meros gestos gratuitos, não visavam vantagens, e, na maior parte, não eram punidos. Eu invadia casas, ficava zanzando lá dentro sem pegar

nada. Na verdade, não tinha nenhuma necessidade de dinheiro. Às vezes, eu percorria a região com uma carabina 22, acertando galinhas. Dirigia como um tarado, sem ligar pra segurança, até que um acidente, do qual saí sem um único arranhão por milagre, me assustou a ponto de me tornar prudente.

Entrei numa das três grandes universidades, onde me graduei em literatura inglesa por falta de interesse em outro assunto. Detestava a universidade e a cidade em que estava instalada. Tudo ali era morto. A universidade era um estabelecimento inglês postigo dirigido por graduados em renomadas escolas inglesas não menos postiças. Eu vivia só. Não conhecia ninguém, num lugar em que os estranhos eram vistos com desdém pela fechadíssima corporação dos benquistos.

Caí por acaso num grupo de homossexuais abonados da cena gay internacional que vivia perambulando pelo mundo e tropeçando uns nos outros nas bibocas de entendidos, de Nova York ao Cairo. Conheci um novo estilo de vida, um novo vocabulário, referências específicas — um sistema simbólico global, enfim, como dizem os sociólogos. Mas quase só dava idiota nessa turma e, depois de um curto período de fascínio, caí fora.

Uma vez graduado, sem distinções, me deram uma pensão de cento e cinquenta dólares por mês. Isso, no tempo da Depressão, quando não havia empregos; em todo caso, eu não conseguia mesmo pensar em nenhum emprego que me interessasse. Fiquei passeando pela Europa durante um ano mais ou menos. Os remanescentes da decadência do pós-guerra vadiavam pela Europa. Os dólares americanos podiam comprar uma boa porcentagem dos habitantes da Áustria, machos ou fêmeas. Isso foi em 1936, com os nazis avançando rapidamente.

Voltei aos Estados Unidos. Minha pensão dava para viver sem ter de trabalhar ou trambicar. Eu ainda estava apartado da vida, como nos tempos do subúrbio do Meio-Oeste. Vivia bestando, entre cursos de psicologia e aulas de jiu-jítsu. Comecei a fazer psicanálise, o que durou três anos. A psicanálise removeu inibições e ansiedades, me facilitando viver do jeito que eu queria. Muito do meu progresso na psicanálise foi obtido a despeito do meu analista, que não

concordava com a minha "orientação", como ele dizia. Por fim, ele abandonou a objetividade analítica e me botou pra fora, me acusando de "degenerado e fora da lei". Eu estava mais satisfeito com os resultados da análise do que ele.

Cinco programas de treinamento para oficiais me rejeitaram por motivos físicos. Mesmo assim, o Exército acabou me incorporando com um certificado de capacidade para qualquer tipo de serviço. Percebendo que eu não ia me dar bem no Exército, apelei para minha ficha do hospício. Certa vez, entrei numas de Van Gogh e cortei um pedaço do dedo pra impressionar uma pessoa em quem eu estava interessado na ocasião. Os médicos do hospício nunca tinham ouvido falar em Van Gogh. Me engaiolaram como esquizofrênico, acrescentando um diagnóstico de "tipo paranoide", para justificar o fato de eu saber onde estava e quem era o presidente da República. Quando o Exército viu esse diagnóstico, fui logo dispensado, com a ressalva: "Este homem não deve nunca mais ser recrutado ou reclassificado".

Depois de abandonar o breve convívio com o Exército, arranjei uma série de empregos. Naquela época já era possível arrumar qualquer tipo de trabalho que se quisesse. Trabalhei como detetive particular, exterminador de insetos e roedores e barman. Trabalhei em fábricas e escritórios. Fui xeretar nas redondezas do crime. Contudo, meus cento e cinquenta dólares mensais estavam sempre à mão. Eu não precisava ganhar dinheiro. Gostava da extravagância romântica de pôr em risco minha liberdade em atos criminosos de valor simbólico. Foi por esse tempo, e nessas circunstâncias, que entrei em contato com drogas pesadas, me tornei viciado e, em função disso, passei a ter uma necessidade real de dinheiro, que até então desconhecia.

Sempre se formula a mesma questão: por que um sujeito se torna viciado?

A resposta é que, em geral, ele não pretende se tornar viciado. Ninguém levanta de manhã e resolve se viciar. Demora pelo menos dois meses, com duas aplicações diárias, para se ficar realmente dependente. E ninguém sabe de fato o que é fissura por droga pesada até passar por vários períodos de dependência. Eu demorei

quase quatro meses para ficar dependente pela primeira vez, e, mesmo então, os sintomas da privação da droga foram suaves. Não acho exagero afirmar que é preciso um ano e várias centenas de injeções para se produzir um verdadeiro viciado.

Outras questões, é claro, poderiam ser formuladas: por que você resolveu experimentar entorpecentes? Por que continuou a usá-los tempo suficiente para se viciar? Bem, você se vicia em entorpecentes quando não tem motivações fortes que apontem para outras direções. A droga pesada ganha por desistência. Eu a experimentei por curiosidade. Ia tomando umas picadas sempre que descolava a droga. Acabei fisgado. A maioria dos viciados com quem conversei relata a mesma experiência. Ninguém começou a usar drogas por algum motivo especial. Apenas foram tomando seus picos até se verem fisgados. Quem nunca foi viciado não consegue entender o que significa precisar da droga pesada com a urgência do vício. Ninguém decide virar viciado. Certa manhã o sujeito acorda fissurado e pronto — é um viciado.

Nunca me arrependi da minha experiência com drogas. Acho que estou melhor de saúde agora, depois de ter tomado drogas pesadas em vários períodos da vida, do que estaria se nunca tivesse me viciado. Quando se para de crescer, se morre. Um viciado nunca para de crescer. A maioria dos usuários costuma cortar a dependência periodicamente, o que envolve o encolhimento do organismo e a substituição das células dependentes da droga. Um usuário está em contínuo processo de encolhimento e crescimento no seu ciclo diário de carência e satisfação através da picada.

Os viciados, na maioria, parecem mais jovens do que são. Recentemente, cientistas fizeram experiências com um verme que obrigavam a encolher pela privação de alimento. Repetindo periodicamente esse processo de encolhimento, mantiveram o verme em crescimento contínuo, o que prolongou indefinidamente sua vida. Se um junky (viciado em droga pesada, junk) pudesse se manter num constante estado de dependência e cura, talvez conseguisse viver até uma idade assombrosa.

Droga pesada — junk — é uma equação celular que ensina ao usuário (junky) verdades de validade universal. Aprendi muito

usando junk: vi a vida sendo medida em conta-gotas com solução de morfina. Senti a privação agônica da droga — a chamada “fissura” — e o alívio prazeroso quando as células sedentas de junk bebiam da agulha. É possível que todo prazer seja apenas alívio. Aprendi o estoicismo celular que a droga ensina ao usuário. Vi uma cela repleta de junkies fissurados, silentes e imóveis em suas misérias estanques. Eles sabiam o quanto era inútil reclamar ou se mover. Sabiam que ninguém ali podia ajudar ninguém. Não há nenhum recurso, nenhum segredo que alguém possua e possa te oferecer.

Aprendi a equação junk. Droga pesada não é um meio de aumentar o prazer de viver. Junk não é um barato. É um meio de vida.

Minha primeira experiência com junk foi durante a guerra, em 1944 ou 1945. Eu conhecia um sujeito chamado Norton que trabalhava num estaleiro na época. Norton, cujo verdadeiro nome era Morelli, ou algo assim, tinha sido expulso do Exército por forjar um cheque de pagamento e recebera a classificação 4-F: mau-caratismo. Se parecia com o George Raft, só que mais alto. Tentando melhorar seu inglês, Norton arranjava uns modos delicados, afáveis. Essa afabilidade, porém, não ficava natural nele. Quando distraído, sua expressão era sombria e cruel; a gente sabia que, ao virar as costas, a crueldade estaria cintilando de novo naquele olhar.

Norton era um ladrão esforçado e não se sentia bem se não roubasse alguma coisa todos os dias no estaleiro onde trabalhava. Ferramentas, comida enlatada, um macacão, o que fosse. Um dia, ele me ligou pra dizer que tinha roubado uma metralhadora Thompson. Será que eu arrumaria um comprador? Eu disse: — Talvez. Traz pra eu ver.

A escassez de moradia ia se agravando. Eu pagava quinze dólares por semana por um apartamento sujo que se abria pra uma escada interna e nunca pegava sol. O papel de parede estava descolando por causa do vapor que vazava do radiador, isso, quando havia algum vapor pra vazar. Eu mantinha as janelas fechadas e calafetadas com jornal por causa do frio. O lugar vivia cheio de baratas e, vez por outra, eu matava um percevejo.

Eu estava sentado do lado do radiador, meio úmido de vapor, quando ouvi Norton bater. Abri a porta. Lá estava ele na escuridão do corredor com um pacote embrulhado em papel pardo debaixo do braço. Sorriu e disse: — Oi.

Eu disse: — Entre, Norton, tire o casaco.

Ele desembulhou a metralhadora; montamos a bicha e ficamos brincando de disparar o percussor.

Disse a ele que eu tentaria achar um comprador.

Norton falou: — Ah, tem outra coisa que peguei.

Era uma caixa amarela, achatada, contendo cinco seringuetas de meio grão (um grão = 64,8 miligramas) de tartarato de morfina.

— É só uma amostra — disse ele, indicando a morfina. — Tenho quinze dessas caixas em casa e posso arranjar mais se você se livrar delas.

— Vou ver o que posso fazer — eu disse.

Naquela época, eu ainda não tinha tomado drogas pesadas nem me passava pela cabeça experimentá-las. Comecei a procurar alguém interessado nos dois artigos, e foi assim que topei com Roy e Herman.

Eu conhecia um jovem trambiqueiro do norte de Nova York que estava trabalhando numa lanchonete, a Riker's, só pra "dar um tempo", como ele disse. Liguei pra ele e falei que precisava me livrar de uns troços; marcamos um encontro no Angle Bar, na Oitava Avenida, perto da rua 42.

Esse bar era ponto de encontro dos malandros da rua 42, que compõem um tipo peculiar de aspirante a marginal. Estão sempre procurando um "cara por dentro", alguém que saiba planejar golpes e lhes diga exatamente o que fazer. Mas, como nenhum "cara por dentro" vai querer se meter com gente tão incompetente, sem sorte, fracassada, eles continuam à espreita, fabricando mentiras grotescas sobre suas grandes façanhas, enquanto dão um tempo como lavadores de pratos, balconistas de lanchonete, garçons; de vez em quando limpam algum bêbado ou alguma bicha apavorada; e continuam procurando, sempre procurando pelo "cara por dentro", com o grande golpe planejado, que lhes diga: "Ando de olho em você. Preciso de um cara prum serviço aí. Você é o homem. Agora escuta...".

Jack — através de quem eu conheci Roy e Herman — não era uma dessas ovelhas desgarradas sempre à procura do pastor com um anel de diamante no dedo e um revólver no coldre preso ao ombro, de voz dura, confiante, sugerindo contatos, subornos, transas e fazendo um assalto à mão armada soar tão fácil — sucesso

garantido! Jack se dava bem. De vez em quando, aparecia de roupa nova e até de carro novo. Também era um mentiroso inveterado, que mais parecia mentir para si mesmo que para alguma plateia real. Tinha um rosto bem talhado e saudável, mas nunca lhe abandonava um curioso toque doentio. Ele sofria súbitas flutuações de peso, como um diabético ou um doente do fígado. Essas variações de peso eram acompanhadas de ataques incontrolláveis de desassossego que o faziam sumir por vários dias.

O efeito disso era incrível. Num dia, ele era um garotão saudável; uma semana depois, aparecia tão magro, pálido e envelhecido que era preciso olhar duas vezes pra reconhecê-lo. Sua cara era vincada por um sofrimento do qual os olhos não participavam. Parecia um sofrimento exclusivo de suas células. Ele próprio — o ego consciente que espiava pelos olhos de vigarista, esgazeados em calma prontidão — nada tinha a ver com o sofrimento de seu outro ser rejeitado, um sofrimento do sistema nervoso, da carne, das vísceras e células.

Jack deslizou pro reservado onde eu estava sentado e pediu uma dose de uísque. Virou num trago, descansou o copo e me olhou com a cabeça um pouco inclinada pro lado e pra trás.

— O que foi que o cara conseguiu? — perguntou ele.

— Uma metralhadora Thompson e uns trinta e cinco grãos de morfina.

— Da morfina eu dou conta no ato. A metranca pode demorar um pouco.

Dois investigadores entraram, se encostaram no balcão e ficaram de papo com o barman. Jack apontou-os com a cabeça. — A lei. Vamos dar uma volta.

Saí com ele do bar. — Vou te levar a uma pessoa que vai querer a morfina — disse ele. — Depois pode esquecer esse endereço.

Descemos até o nível mais baixo da linha Independente do metrô. A voz de Jack, se dirigindo a uma plateia invisível, não dava descanso. Ele tinha a manha de infiltrar aquela voz direto pra dentro da consciência do interlocutor. Nenhum barulho externo conseguia abafá-la. — É só me jogar um 38 na mão. Engatilho e mando ver. Derrubo qualquer um a cento e cinquenta metros. Você acredita se

quiser. Meu irmão tem duas metranças calibre 30 mocoçadas em Iowa.

Sáímos do metrô e fomos andando pelas calçadas cobertas de neve, ao longo de uma fileira de casinhas geminadas.

— Fazia tempo que o cara tava me devendo, sabe? Eu sabia que ele tinha a grana, mas não queria me pagar. Esperei ele na saída do trabalho. Eu tinha um rolo de moedas na mão. Ninguém pode te prender por estar portando dinheiro americano. Ele me disse que estava duro. Arrebentei o queixo do sujeito e tirei a minha grana dele. Tinha dois amigos do cara vendo tudo, mas não se meteram. Eu enfiava uma lâmina neles.

Subimos a escadinha que ia dar na porta da frente de uma casa. Os degraus eram de metal preto gasto. Paramos diante de uma porta estreita revestida de latão e Jack deu uma batidinha na porta de um jeito todo maneiro, a cabeça abaixada, estilo arrombador de cofre. Uma bicha de meia-idade, imensa, flácida, abriu a porta. Tinha tatuagens nos antebraços e até nas costas das mãos.

— Esse é o Joey — disse Jack. Joey disse:

— Oi, pessoal.

Jack tirou uma nota de cinco dólares do bolso e deu pro Joey. — Vai comprar meia garrafa de Schenley's pra gente, tá, Joey?

Joey vestiu um sobretudo e saiu.

Em muitas casinhas como aquela a porta da rua abria direto pra cozinha. Era o caso daquela: estávamos na cozinha.

Depois que Joey saiu, reparei que havia um homem ali em pé me olhando. Ondas de hostilidade e suspeita fluíam de seus grandes olhos castanhos, como numa transmissão de tv. O efeito era quase de impacto físico. Era um homem baixo, muito magro, com o pescoço sobrando dentro do colarinho da camisa. Sua tez, sobre a qual uma pesada maquiagem tentava disfarçar uma erupção cutânea, descambava do moreno para um amarelo malhado. A boca, retorcida nos cantos, compunha uma careta de desagrado petulante.

— Quem é esse? — perguntou ele. Mais tarde fiquei sabendo que se chamava Herman.

— Um amigo meu. Quer vender um pouco de morfina — disse Jack.

Herman deu de ombros e fez um gesto com as mãos: — Acho que não me interessa, não.

— O.k. — disse Jack —, vou ver se alguém quer. Vem cá, Bill.

Passamos pra sala. Tinha lá um radinho, um Buda chinês com uma vela votiva na frente e muita quinquilharia. Além de um homem deitado num pequeno sofá. Assim que entramos, levantou o tronco, disse oi e sorriu amigável, exibindo dentes sujos e manchados. Tinha sotaque sulista, com um toque do leste do Texas.

Jack disse: — Roy, este aqui é um amigo meu. Tem morfina e quer vender.

O homem se empertigou, tirando as pernas de cima do sofá. Seu queixo pendeu bambo, dando-lhe um ar ausente. Tinha uma pele suave e morena e maçãs do rosto salientes que lhe davam um aspecto oriental. Orelhas de abano despontavam de seu crânio assimétrico. Os olhos castanhos tinham um brilho especial, como se houvesse pontos de luz acesos por trás. A iluminação ambiente cintilava naqueles olhos, como numa opala.

— Quanto você tem? — me perguntou.

— Setenta e cinco seringuetas de meio grão.

— O preço normal é dois dólares o grão — disse ele —, mas seringuetas pegam um pouco menos. A turma prefere pastilhas. As seringuetas vêm com muita água, é preciso espremer elas e cozinhar o bagulho. — Fez uma pausa; sua cara ficou nula. Por fim, falou: — Posso pagar um dólar e meio o grão.

— Acho que tá bom — eu disse.

Ele quis saber como me achar, e eu lhe dei o número do meu telefone.

Joey voltou com o uísque, e todo mundo tomou um trago. Herman enfiou a cara na sala e disse a Jack: — Posso falar um minuto com você?

Dava pra ouvi-los discutindo na cozinha. Depois Jack voltou, sozinho. Continuamos bebendo, enquanto Jack contava uma história:

— Meu sócio andava me passando a perna. Cheguei nele, enquanto o cara dormia, segurando um pedaço de cano que eu tinha achado no banheiro. O cano tinha uma torneira na ponta,

saca? De repente ele dá um pulo da cama e sai correndo. Acertei ele com o lado da torneira; ele correu pra sala com o sangue esguichando da cabeça a uns três metros, cada vez que o coração dele batia. — Jack fez um gesto de pulsação com a mão. — Dava pra ver os miolos misturados com o sangue. — Jack caiu num riso descontrolado. — Minha garota tava me esperando no carro. Me xingou de... — ha-ha-ha — me xingou de... — ha-ha-ha — *assassino desalmado*.

Riu até ficar vermelho.

Numa das noites seguintes ao meu encontro com Roy e Herman, resolvi experimentar uma seringueta. Foi meu primeiro contato com junk. Uma seringueta parece um tubo de pasta de dente com uma agulha na ponta. Basta romper o lacre de segurança com um alfinete e a seringueta está pronta para ser aplicada.

A morfina atinge primeiro a barriga da perna, depois a nuca. Uma onda de relaxamento se alastra; os músculos parecem descolar dos ossos e você tem a sensação de flutuar sem limites, como se boiasse no mar morno. No que essa onda de relaxamento começou a se espalhar pelos meus tecidos, fui tomado por um medo poderoso. Tinha a impressão de que uma imagem terrível se escondia um pouco além do meu âmbito de visão, acompanhando meus movimentos de cabeça, de maneira a nunca me deixar vê-la. Senti náuseas. Deitei e fechei os olhos. Vi uma sequência de cenas, como num filme: um bar enorme, todo iluminado com neon, ia crescendo, crescendo, até que as ruas, o trânsito e os edifícios fossem abarcados por ele; uma garçonete carregava um crânio numa bandeja; estrelas cintilavam no céu claro. Impacto físico do medo da morte; corte da respiração; parada da circulação sanguínea.

Caí no sono e logo acordei sobressaltado. Na manhã seguinte, vomitei e passei mal até o meio-dia.

Roy ligou naquela noite.

— Sobre aquilo que a gente conversou outro dia... — disse ele. — Eu posso chegar até uns quatro dólares por caixa e levar cinco caixas agora. Você tá ocupado? Vou dar um pulo aí. A gente chega a um acordo.

Minutos depois, ele bateu à porta. Estava de terno de lã xadrez e uma camisa cor de café. Trocamos um oi, ele olhou em redor, indiferente, e disse: — Se você não se incomoda, vou tomar uma daquelas agora.

Abri a caixa. Ele pegou uma seringuetas e a injetou na perna. Afivelou rapidamente a calça. Puxou vinte dólares do bolso. Eu botei cinco caixas na mesa da cozinha.

— Acho que vou tirar elas das caixas — disse ele. — Muito volume.

Começou a enfiar as seringuetas nos bolsos do casaco. — Acho que não vão perfurar desse jeito. Escuta, te ligo de novo amanhã, ou depois, assim que tiver passado isto adiante e arranjado mais dinheiro. — E, ajustando o chapéu no crânio assimétrico, disse: — Até mais.

No dia seguinte, estava de volta. Injetou uma seringuetas e puxou quarenta dólares. Apresentei-lhe dez caixas e separei duas.

— São pra mim — eu disse.

Me olhou surpreso: — Você também toma?

— De vez em quando.

— Não presta — disse ele, balançando a cabeça. — É a pior coisa que pode acontecer a um homem. No começo todo mundo acha que dá pra controlar. — Riu. — Fico com tudo que você puder me arrumar a esse preço.

No dia seguinte, lá estava ele de novo. Perguntou se eu não tinha mudado de ideia sobre as duas caixas. Respondi que não. Ficou com duas seringuetas, a dois dólares cada uma, injetou as duas e foi embora. Disse que tinha se candidatado para uma viagem de dois meses num navio.

No decorrer do mês seguinte, usei as oito seringuetas que não tinha vendido. O medo despertado pela primeira seringuetas não se repetiu a partir da terceira. Mesmo assim, de vez em quando, eu acordava sobressaltado de pavor depois de um pico. Um mês e meio depois, passei um fio pro Roy, duvidando que ele já tivesse voltado de viagem. Mas foi sua voz que ouvi ao telefone.

Eu disse: — Ei, cê tem alguma coisa aí pra vender? Daquele mesmo material que eu te vendi antes?

Pausa.

— Te-tenho — balbuciou. — Posso te arrumar seis, mas o preço vai subir pra três dólares cada. Sabe como é, não tenho muito.

— O.k. — eu disse —, você sabe o caminho. Traz aqui.

Eram doze pastilhas de meio grão num tubo fino de vidro. Paguei os dezoito dólares, ouvindo de novo suas desculpas pelo preço de varejo.

No dia seguinte, Roy me comprou dois grãos de volta. — Tá muito difícil de conseguir agora, a qualquer preço — disse. Em seguida, espetou uma veia, injetando o líquido com um bulbo de borracha. — Se esses bulbos matassem, não tinha mais nenhum junky vivo — ele comentou, subindo a calça.

Mais tarde nesse mesmo dia, Roy me apontou uma farmácia onde se vendiam agulhas sem fazer perguntas. São poucas as farmácias que vendem agulhas sem receita. Também me ensinou a fazer um colarinho de papel para adaptar a agulha a um conta-gotas. O conta-gotas é mais fácil de manipular do que uma seringa normal, sobretudo nas picadas de veia.

Dias depois, Roy me mandou ver um médico, munido de uma história sobre pedras nos rins, pra tentar descolar uma receita de morfina. A mulher do médico bateu a porta na minha cara. Roy foi à luta, conseguiu passar por ela e descolou uma receita de dez grãos.

O consultório desse médico ficava em território junky, na rua 102, travessa da Broadway. Era um velhinho decrépito, incapaz de resistir aos junkies que lotavam seu consultório e eram, na verdade, seus únicos pacientes. Ele devia se sentir importante vendo o consultório cheio de gente. Deve ter desenvolvido uma capacidade de mudar a aparência das coisas pra que se ajustassem à sua fantasia. Assim, quando olhava a saleta, via uma clientela distinta e diversificada, provavelmente envergando roupas finas, no melhor estilo de 1910, em vez de um bando de junkies ratinheiros, ávidos por uma receita de morfina.

A cada duas ou três semanas, Roy embarcava. Eram viagens curtas em geral. Quando estava na cidade, a gente costumava

rachar umas receitas. Mas o velho coveiro da rua 102 andou passando dos limites, e já nenhuma farmácia aceitava suas receitas. Roy logo descobriu um médico italiano do Bronx que topava passar receita.

Eu tomava um pico de tempos em tempos, mas ainda estava longe de uma dependência. Por essa época, me mudei pra um sobrado no fim do East Side. A porta da rua se abria pra cozinha.

Comecei a aparecer no Angle Bar todas as noites. Topava sempre com Herman. Fiz ele superar a má impressão inicial que teve de mim e logo me vi pagando suas refeições e bebidas, além dos trocos que ele me serrava regularmente. Herman ainda não era dependente nessa época. Na verdade era raro ele ficar dependente, a não ser que outra pessoa pagasse pelo seu vício. Mas ele sempre estava zozinho de alguma coisa — maconha, benzedrina ou bolinhas de nembital que estuporavam sua mente. Ele ia todas as noites ao Angle com um polonês meio pancada chamado Whitey. Havia quatro Whities na turma do Angle, o que causava confusão. Esse Whitey, do Herman, combinava a sensibilidade de um neurótico com a inclinação para a violência de um psicopata. Estava convencido de que ninguém gostava dele, fato que parecia lhe causar grande aborrecimento.

Numa terça à noite, eu estava com Roy em pé no fundo do balcão do Angle. Mike Metrô estava lá, Frankie Dolan também. Dolan era um irlandês meio vesgo, especialista em golpes sujos, tais como espancar bêbados indefesos e passar a perna em seus cupinchas na divisão do botim. “Não tenho moral nenhuma”, dizia. “Sou um rato.” E dava um risinho.

Mike Metrô tinha um carão pálido e era dentuço. Parecia um desses animais subterrâneos que vivem de pilhar os animais da superfície. Era um rapa-bebum talentoso, mas tinha má figura. Qualquer tira ficaria de olho nele assim que o visse. Ele já era freguês da segurança do metrô. Mike passava pelo menos metade do tempo na Ilha, puxando um cinco-vinte e nove por bater carteira. (*Cinco meses e vinte e nove dias*, pena usual que um rapa-bebum recebe da justiça por bater carteira.)

Naquela noite, Herman estava chumbado de bolinhas e sua cabeça despencava o tempo todo no balcão. Whitey circulava pelo bar, descolando bebida de graça. Isso deixava o pessoal rígido e tenso, mão crispada no copo, troco rapidamente embolsado. Ouvi o Whitey dizer ao barman: “Me faz o favor de guardar isto?”, estendendo uma faca de mola por cima do balcão. Os rapazes estavam quietos e macambúzios sob a luz fluorescente. Todos temiam Whitey, todos menos Roy. Ele ia despejando a bebida pra dentro da sua carranca, onde os olhos brilhavam com aquela fosforescência peculiar; o corpo assimétrico e comprido debruçado no balcão. Ignorava o Whitey, fixando o olhar nos reservados vazios, no lado oposto ao balcão. Me disse: — Ele não tá mais bêbado que eu. Só tá com mais sede.

E lá estava o Whitey, no meio do bar, punhos cerrados, lágrimas rolando pela cara. — Eu não presto — dizia. — Não presto. Será que ninguém entende que eu não sei o que estou fazendo?

A turma procurava ficar o mais longe possível dele, sem chamar sua atenção.

O Magro do Metrô, comparsa ocasional do Mike, entrou e pediu uma cerveja. Era alto e ossudo, com uma curiosa expressão estagnada na cara horrenda, como se fosse de pau. Whitey deu-lhe um tapa nas costas, ao que o Magro disse: — Pelo amor de Deus, Whitey. — Perdi a conversa que se seguiu. Em algum momento o barman deve ter devolvido a faca ao Whitey, pois ele chegou por trás do Magro e, de repente, enfiou a mão nas costas dele. O Magro emborcou sobre o balcão, gemendo. Vi quando o Whitey correu pra porta do bar, parando um instante para conferir o ambiente com o olhar, fechar a faca de mola e guardá-la no bolso.

Roy disse: — Vam’bora.

Whitey sumiu e o bar esvaziou; só ficaram Mike, escorando o Magro de um lado, mais o Frankie do outro.

No dia seguinte, fiquei sabendo pelo Frankie que o Magro estava o.k. — O coveiro do hospital disse que a faca só não acertou um rim por um triz.

Roy comentou: — Grande cretino. Um sujeito valente de verdade não fica assim mendigando tostões no bar. Ele tava na minha mira.

Ia acertar a barriga dele primeiro; depois eu pegava uma daquelas meias garrafas de cerveja da caixa no chão e lhe quebrava na cachola. Você precisa usar de estratégia com um safado desses.

Fomos todos barrados no Angle depois desse episódio. Mais tarde, o bar mudou de nome para Roxy Grill.

Uma noite fui procurar Jack no endereço da Henry Street. Uma ruiva alta me recebeu na porta.

— Sou Mary — disse. — Entre.

Jack tinha ido a Washington a negócios, pelo que ela me disse.

— Vamos pra sala — ela disse, abrindo passagem através de uma cortina de cotelê vermelho. — A cozinha é só pra receber síndicos e cobradores. A gente vive é aqui.

Olhei em volta. A quinquilharia tinha sumido. O lugar parecia um restaurante chinês barato. Tinha mesas laqueadas de vermelho e branco espalhadas por ali. Cortinas pretas cobriam as janelas. Uma enorme mandala colorida tinha sido pintada no teto, cheia de quadradinhos e triângulos coloridos, imitando mosaico.

— Foi o Jack que fez isso — disse ela, apontando a mandala. — Você precisava ver ele. Apoiou uma tábua em duas escadas e deitou nela pra pintar. A tinta ficava pingando na cara dele. Jack curte paca fazer essas coisas. A gente fica curtindo a mandala, quando tá de barato. A gente deita de costas e fica sacando a mandala; daí ela começa a girar. Quanto mais você olha pra ela, mais depressa ela gira.

A mandala possuía a vulgaridade alucinada dos mosaicos astecas; uma alucinação vulgar, sanguinolenta; coração pulsando na manhã ensolarada, cor-de-rosa berrante e azul de cinzeiro de souvenir, de cartões-postais e calendários. As paredes eram pintadas de preto, e numa delas se via um ideograma chinês em laca vermelha.

— A gente nem sabe o que quer dizer — ela falou.

— Camisas a trinta e um centavos — sugeri.

Ela me devolveu um sorriso frio e vazio. Começou a falar de Jack. — Eu dou cobertura pro Jack. Roubar pra ele é que nem um trabalho qualquer. Ele costuma aparecer à noite e me passa o

revólver. “Mocoza este bagulho!” Ele gosta de ficar em casa, pintando, fazendo móveis.

Enquanto falava, ela zanzava pelo quarto, se jogando de uma cadeira para outra, cruzando e descruzando as pernas, arrumando a anágua para me propiciar uma visão parcelada de sua anatomia.

Mary me disse que estava com os dias contados por causa de uma doença rara. — Só vinte e seis casos registrados até agora. Daqui a uns anos vou ter que sair de circulação. Sabe, meu organismo não consegue absorver cálcio e os ossos vão se dissolvendo aos poucos. É provável que as minhas pernas tenham que ser amputadas; depois, os braços.

Ela tinha mesmo um aspecto desossado, parecia uma criatura das profundezas do mar. Tinha olhos frios de peixe, duas gelatinas viscosas. Podia imaginar aqueles olhos incrustados em uma massa protoplasmática, ondulando na superfície escura do mar.

— Benzedrina é um barato — disse ela. — Três tiras de papel ou então dez pastilhas. Ou duas tiras de benzê e duas bolinhas de nembutal. Elas ficam brigando na sua barriga. Dá o maior pique.

Três bandidinhos do Brooklyn apareceram de repente. Caras de mau, mãos nos bolsos, estilizados como num balé. Estavam atrás do Jack. Ele devia ter dado um gato neles em algum negócio. É o que parecia. Os três se comunicavam mais por acenos significativos de cabeça que por palavras. Rastream o apartamento; esperaram encostados nas paredes. Por fim, um deles abriu a porta da rua, fez um gesto de cabeça pros outros e todos se foram.

— Cê quer ficar doidão? — Mary perguntou. — Deve ter uma bagana em algum lugar. — Começou a vasculhar gavetas e cinzeiros. — Não, acho que não tem. Por que a gente não dá uma saída? Conheço uns bons canais que a gente pode agitar agora.

Um jovem se insinuou pra dentro da casa, com um objeto embrulhado em papel pardo debaixo do braço. — Desbaratina isto aqui quando você sair — disse, deixando o embrulho na mesa. E se abalou pro quarto, que também dava pra cozinha. Quando eu e Mary saímos pra rua, o embrulho afrouxou, e vimos um coletor de moedas de banheiro público, que havia sido arrombado sem piedade.

Na Times Square, pegamos um táxi e nos pusemos a percorrer as ruas adjacentes, seguindo as indicações de Mary. A toda hora ela gritava: "Para!", e pulava pra fora, seu cabelo ruivo ondulando na noite. Abordava uma figura na calçada e papeava um instante. Depois, me dizia: — O contato passou por aqui há uns dez minutos. Esse cara tava com tudo em cima, mas não quis apresentar nada. — Em seguida: — O meu contato de sempre já foi embora. Mora no Bronx. Vou dar só mais uma paradinha aqui. Quem sabe eu acho alguém no Kellogg's. E por fim: — Parece que ninguém tá em parte alguma. É meio tarde pra descolar alguma coisa agora. Vamos comprar uns tubos de benzê e dar uma passada no Ronnie's. Lá tem música antiga na jukebox. A gente pede café e se empapuca de benzedrina.

O Ronnie's era um lugar perto do cruzamento da rua 52 com a Sexta Avenida, frequentado por músicos que iam comer frango frito e tomar café depois da uma da madrugada. Nos metemos num reservado e pedimos café. Mary quebrou com perícia um tubo de benzedrina, extraindo o papel dobrado. Me passou três tiras. — Enrola isto numa pastilha e manda ver com café.

O papel desprendia um cheiro nauseante de mentol. Várias pessoas em volta franziram o nariz, sorrindo. Engasguei com o chumaço de papel, mas acabou descendo. Mary programou uma seleção de músicas na máquina e ficou batucando na mesa com cara de retardada punheteira.

Disparei a falar. Estava com a boca seca e a saliva se embolava em flocos brancos — "cuspe de algodão", como se diz. Ficamos zanzando pela Times Square. Mary queria descolar alguém que tivesse um "piccolo" (vitrola) em casa. Fui invadido por sentimentos expansivos e benevolentes, deflagrados pela droga, que me deram uma súbita vontade de ligar para pessoas que fazia meses eu não via, e mesmo anos, pessoas de quem eu nem gostava e que também não gostavam de mim. Fizemos várias tentativas frustradas de achar um hospedeiro ideal com um "piccolo". No meio desse périplo, encontramos Peter e resolvemos, por fim, voltar ao apartamento da Henry Street, onde pelo menos havia um rádio.

Peter, Mary e eu passamos as trinta horas seguintes dentro do apartamento. De vez em quando, fazíamos café e engolíamos mais benzedrina. Mary começou a descrever as técnicas que usava para arrancar dinheiro dos "coronéis", sua principal fonte de renda.

— Você tem que ir trabalhando aos poucos o seu coronel. Se ele tem um físico bom, você diz pra ele: "Nossa, não vá me machucar...". O coronel é diferente do otário. Com o otário você fica o tempo todo na defensiva. Você não dá nada pra ele. Você só rapa o otário. Mas o coronel é diferente. Ele tem que receber pelo que paga. Com ele você se diverte e faz o possível pra ele se divertir também.

Mary continuou:

— É fácil deixar um sujeito arrasado: basta acender um cigarro bem no meio da transa. Bom, pra dizer a verdade, eu não curto os homens sexualmente. Eu gosto mesmo é das gatinhas. Acho o maior barato pegar uma gatinha orgulhosa e quebrar a pose dela, fazer ela sentir que não passa de um animal. Uma gatinha nunca é bela depois de domada. Olha — disse, apontando pro rádio, o único ponto de luz no aposento —, parece que a gente tá em volta de uma lareira.

A cara dela se contorceu, que nem um macaco enraivecido, enquanto falava dos homens que a abordavam na rua. — Filhos da puta! — rosnou. — Eles sabem muito bem quando uma mulher não tá fazendo ponto. Eu costumava andar com um soco-inglês debaixo da luva, só esperando um desses caipiras chegar em mim.

Um dia, Herman me falou de um quilo de maconha de primeira, de New Orleans, que eu poderia comprar por setenta dólares. Passar maconha parece fácil na teoria, como criar galinhas ou rãs. Ao preço de setenta e cinco centavos cada baseado, e cada onça (trinta e um gramas) de fumo rendendo setenta baseados, parecia um bom negócio. Fiz as contas e comprei o fumo.

Herman e eu nos associamos para passar o fumo. Ele contactou uma lésbica chamada Marian que morava no Village e se dizia poeta. Guardamos o fumo no apartamento de Marian, oferecendo-lhe o que ela quisesse usar, mais cinquenta por cento nas vendas. Ela conhecia uma porção de maconheiros. Nesse meio-tempo, outra lésbica foi

morar com Marian, e cada vez que eu ia lá topava com aquela ruiva, a Lizzie, me olhando com seus olhos gélidos de peixe, carregados de ódio besta.

Um dia, a ruiva Lizzie abriu a porta e ficou ali parada, pálida de morte e inchada de barbitúricos. Me jogou o pacote de fumo: — Peguem isso e deem o fora — disse. — Vocês são dois grandes filhos da puta. — Estava meio adormecida. Seu xingamento tinha um tom realista, como se estivesse afirmando que eu e Herman éramos, de fato, filhos de uma profissional do sexo.

Eu disse: — Agradeça à Marian por tudo.

Bateu a porta. O barulho deve tê-la acordado. Abriu de novo e se pôs a gritar com uma raiva histérica. Da rua ainda dava pra ouvi-la.

Herman contatou outros fumetas. Eram tipos irritantes, todos eles. Passar fumo é uma dor de cabeça na prática. Pra começar, maconha é um trambolho. É preciso uma mala cheia pra se fazer algum dinheiro. Se, de repente, os tiras batem na sua porta, você se vê às voltas com um fardo de alfafa pra se livrar.

Fumetas não são como junkies. Um junky te passa a grana, pega o bagulho e some. Fumetas não; esperam que o passador acenda unzinho e fique papeando meia hora, só pra vender dois dólares de maconha. Se você vai logo ao assunto, eles dizem que você é um corta-barato. Na verdade, um passador nunca deve se mostrar ansioso para fazer negócio. Não, ele só descola pra uns poucos “carinhas” e “gatinhas” especiais, pois é um cara do pedaço. Todo mundo sabe que ele é o contato, mas pega mal escancarar isso. Sabe Deus por quê. Pra mim, os fumetas são insondáveis.

Tem uma pá de segredos comerciais no ramo da maconha, e os fumetas preservam esses pretensos segredos com uma astúcia estúpida. Por exemplo, o fumo tem de ser curado, pois se fumado verde raspa na garganta. Agora, experimente perguntar a um fumeta como curar maconha; ele te olha de um jeito estupidamente matreiro e vem com um papo furado pra desbaratinar. Vai ver a maconha afeta o cérebro, se usada direto; ou então é que os fumetas são tolos por natureza.

O fumo que eu tinha comprado era verde. Botei ele em banho-maria no forno, até adquirir a tonalidade marrom-esverdeada

adequada. Esse é o segredo de curar maconha, ou pelo menos um dos.

Maconheiros são gregários, sensitivos e paranoicos. Se você ficar conhecido como "deprê", um deprimido, um chato, ou "corta-barato", ninguém vai querer fazer negócio. Logo vi que eu não ia aguentar muito tempo essas figuras, e dei graças a Deus quando alguém me arrematou toda a muamba a preço de custo. Decidi que, dali pra frente, jamais ia traficar maconha de novo.

Em 1937, a maconha foi incluída na Lei Harrison de entorpecentes. As autoridades argumentaram que se tratava de uma droga causadora de dependência, prejudicial à mente e ao corpo; e capaz de induzir os usuários ao crime. Eis os fatos: decididamente, maconha não causa dependência. Você pode puxar fumo anos a fio, e não sentirá nenhum incômodo se lhe cortarem o suprimento de repente. Já vi muito maconheiro na prisão e nenhum deles apresentava sintomas de privação da droga. Eu mesmo fumei maconha intermitentemente por quinze anos, e nunca senti falta quando estava sem. Maconha cria menos dependência do que tabaco. Maconha não causa danos à saúde. Na verdade, a maioria dos usuários afirma que ela exerce uma ação tônica sobre o organismo. Não conheço nada melhor para abrir o apetite. Quando fumo um baseado, fico logo com vontade de saborear um copo de xerez da Califórnia e uma boa comidinha caseira.

Uma vez, cortei a dependência de junk com maconha. No segundo dia sem junk, sentei à mesa e devorei uma refeição completa, sendo que, de hábito, fico oito dias sem comer quando estou me desintoxicando.

Maconha não induz ninguém ao crime. Nunca vi ninguém ficar belicoso sob efeito de fumo. Fumetas são uma raça de sociáveis. Sociáveis demais pro meu gosto. Não entendo por que as pessoas que acusam a maconha de instigadora de crimes não vão mais longe e pedem também a proibição do álcool. Todos os dias você vê bêbados cometendo crimes que não aconteceriam se estivessem sóbrios.

Já se falou muito dos efeitos afrodisíacos da maconha. Por algum motivo, os cientistas não gostam de admitir que existem afrodisíacos

de qualquer espécie. A maioria dos farmacologistas afirma “não haver evidências que sustentem a crença popular nas propriedades afrodisíacas da maconha”. Posso dizer, sem sombra de dúvida, que a maconha é um poderoso afrodisíaco e que o sexo fica muito mais gostoso sob a sua influência. Qualquer um que já tenha experimentado uma boa maconha sabe do que estou falando.

Ouve-se falar que as pessoas enlouquecem por causa da maconha. De fato, pode ocorrer um certo tipo de demência com o uso excessivo da erva, caracterizada por uma espécie de raciocínio demasiado alusivo e abstrato. Todavia, a maconha vendida nos Estados Unidos não é forte o suficiente para cozinhar os miolos de um cidadão; nos States é muito raro encontrar casos de psicose de maconha. No Oriente Próximo parece que é comum. A psicose de maconha corresponde mais ou menos ao *delirium tremens* alcoólico e desaparece rapidamente ao se cortar o consumo. Quem fuma uns poucos cigarrinhos por dia está tão sujeito a pirar quanto um sujeito que toma seus drinques antes do jantar.

Mais uma coisa sobre maconha: uma pessoa fumada fica completamente inepta para dirigir automóvel. A maconha altera a percepção do tempo e, em consequência, também a das relações espaciais. Uma vez, em New Orleans, tive de parar no acostamento e esperar o barato ir baixando. Eu não conseguia avaliar as distâncias entre as coisas nem o momento certo de fazer curvas ou pisar no freio.

Agora eu me picava todo santo dia. Herman se mudara para o meu apartamento da Henry Street, pois não tinha sobrado ninguém pra dividir o aluguel do apartamento onde morava com Jack e Mary. Jack tinha entrado pelo cano numa história de arrombamento de cofre e estava na prisão municipal do Bronx aguardando julgamento. Mary partira pra Flórida com um “coronel”. É claro que não passou pela cabeça do Herman pagar ele mesmo o aluguel. Toda a vida tinha morado na casa dos outros.

Roy passava por um período de vacas gordas. Tinha arrumado um médico no Brooklyn com ótimo fôlego para receitas. Esse coveiro passava até três receitas diárias de nada menos que trinta pastilhas

cada. Vez por outra, ficava meio inseguro com o negócio, mas a visão do dinheiro logo o reanimava.

Há vários tipos de coveiros que topam receitar junk. Alguns querem ter certeza de que você é mesmo junky; outros, que você não é. A maioria dos viciados desenrola histórias já gastas pelos anos de uso constante. Alguns alegam cálculo biliar ou pedras nos rins. São as histórias mais comuns, e não é raro um coveiro se levantar furioso e abrir a porta tão logo você mencione cálculo biliar. Eu consegui melhores resultados com nevralgia facial, depois de me informar sobre ela e memorizar os sintomas. Roy usava uma cicatriz de operação no estômago como aval à sua história de cálculo biliar.

Tinha um médico da velha guarda que morava numa antiga casa vitoriana, no lado Oeste, altura da rua Setenta. Com ele, bastava ostentar uma fachada cavalheiresca. Se você conseguisse passar da sala de espera para o consultório, estava no papo. Mas ele só dava três receitas. Outro médico vivia bêbado, e a questão era pegá-lo no momento certo. Muitas vezes cometia erros na receita e você precisava voltar lá pra corrigi-la. Daí, sem mais, ele dizia que a receita era forjada e rasgava o papel em pedacinhos. Havia um médico senil, e você tinha de ajudar ele a escrever a receita. Ele esquecia o que estava fazendo, descansava a mão e se perdia em longas reminiscências sobre o alto gabarito dos seus pacientes de outrora. Gostava muito de falar de um tal de general Gore, que certa vez disse a ele: "Doutor, eu já estive na Clínica Mayo e lhe garanto que o senhor sabe mais do que todo o corpo médico da clínica junto". Não havia como detê-lo, e o viciado, em plena fissura, era obrigado a ficar ouvindo aquele papo com paciência. Acontecia de a mulher dele irromper no consultório no último minuto e rasgar a receita, ou então ela se recusar a confirmá-la quando a farmácia telefonava para lá.

Em geral, os médicos mais velhos são mais propensos a receitar que os jovens. Médicos refugiados já foram um campo fértil, mas os viciados acabaram por queimá-los. Não é improvável o médico espumar de raiva à mera sugestão de narcóticos e ameaçar com a lei.

Os médicos são tão empanturrados de ideias grandiosas sobre sua posição que uma abordagem franca costuma levar aos piores resultados. Mesmo que não acreditem na sua história, eles querem ouvir uma de qualquer jeito. É um ritual para livrarem a cara. Um sujeito desempenha o papel do médico incorruptível que não passaria uma receita antiética nem por mil dólares; o outro faz o possível para parecer um paciente autêntico. Se você chegar e disser: "Olha, doutor, quero uma receita de sm, sulfato de morfina, e estou disposto a pagar o dobro de uma consulta por ela", o coveiro se destempera e te joga pra fora do consultório. É preciso muito jeitinho com os médicos, ou não se consegue coisa alguma.

Roy era um tamanho sorvedouro de junk que obrigava a mim e ao Herman a tomar mais picos do que o necessário, pra nos igualarmos a ele e não perdermos nosso quinhão. Comecei a me picar na "rua principal", a veia do braço, para economizar o bagulho e também porque dava mais barato. A gente andava tendo dificuldade para aviar as receitas. Muitas farmácias só aviavam receitas de morfina uma ou duas vezes, outras nem isso. Tinha uma farmácia que sempre aviava nossas receitas, e a gente ia lá toda vez, embora Roy advertisse que era melhor diversificar, para dificultar o trabalho do inspetor. Como dava muito trabalho ficar fazendo a via-sacra das farmácias, a gente sempre acabava levando as receitas ao mesmo lugar. Eu estava aprendendo a esconder a droga cuidadosamente — "mocoçar", como se diz no ramo —, para que Roy e Herman não a sursupiassem.

Roubar o junk que outro junky escondeu é "estourar o seu mocó". É difícil se resguardar dessa forma de roubo, pois um junky sempre sabe onde procurar um mocó. Tem gente que carrega a droga consigo, se expondo a um flagrante por posse na eventualidade de uma revista policial.

No que passei a usar junk todos os dias, ou melhor, várias vezes por dia, parei de beber e de sair à noite. Quando se usa junk não se bebe. Pelo visto, um corpo cujas células contêm certa quantidade de junk não consegue absorver álcool. A bebida fica no estômago, produzindo náusea, desconforto, tontura, sem dar nenhum barato. O uso de junk seria uma boa cura para o alcoolismo. Também parei de

tomar banho. Quando se usa junk, a sensação da água na pele não é nada agradável, por alguma razão. Junkies relutam em tomar banho.

Um monte de nonsense já foi escrito sobre as transformações físicas sofridas pelas pessoas que se tornam dependentes. Dizem que um belo dia o viciado olha no espelho e não se reconhece. Na verdade, as transformações reais são difíceis de captar e não aparecem no espelho. Quer dizer, o viciado desenvolve um bloqueio perceptivo em relação ao avanço da sua dependência. Em geral, não percebe que está ficando dependente. Pensa que basta tomar cuidado para não ficar dependente, observando algumas regras, como a de se aplicar dia sim, dia não. Na verdade, ele acaba não respeitando essas regras; cada novo pico é encarado como excepcional. Já conversei com muitos viciados e todos se disseram surpreendidos com a descoberta de que estavam dependentes. Muitos atribuíram os sintomas da dependência a outras causas.

Com a consolidação da dependência, o usuário vai perdendo interesse por outras coisas. A vida passa a ser vista através de um telescópio virado ao contrário; depois de um pico, só resta aguardar o próximo; tudo se resume a "mocós" e "receitas", "picos" e "contagotas". O viciado muitas vezes acha que está levando uma vida normal e que a droga é meramente incidental. Não se dá conta de que apenas está fingindo desempenhar as atividades normais. Só mesmo quando a fonte de junk seca é que ele começa a avaliar o peso da droga em sua vida.

"Por que o senhor *precisa* de entorpecentes, sr. Lee?" é a pergunta mais formulada pelos psiquiatras estúpidos. A resposta é: "Preciso de junk pra levantar da cama de manhã, pra me barbear e tomar café. Preciso de junk pra me manter vivo."

Em geral, os junkies não morrem de privação da droga. Porém, o corte da dependência envolve, num sentido muito literal, a morte das células dependentes de junk, que cedem lugar a novas células não carentes da droga.

Roy e sua patroa se mudaram para o mesmo sobrado em que eu morava, no andar de cima. Todos os dias a gente se encontrava nas minhas dependências, depois do café, para programar a rotina junky

do dia. Um de nós se encarregava de morder o coveiro. Roy sempre tentava passar a bola pros outros. “Não posso ir dessa vez; tive uma briga com ele. Mas, escuta, eu te digo exatamente o que você tem de falar.” Ou então tentava empurrar a mim ou ao Herman a tarefa de sair à cata de um novo coveiro. “Não tem erro. É só não deixar ele dizer *não* que ele passa a receita. Não vai dar pra eu ir.”

Um desses coveiros “garantidos” ameaçou ligar pra polícia assim que eu toquei no assunto. Conteí pro Roy, que disse: “Hum, acho que o cara tá queimado. Alguém roubou o bloco de receitas dele dias atrás”. Depois dessa, fiquei longe dos coveiros desconhecidos. No entanto, nosso amigo do Brooklyn estava ficando teimoso.

Todos os coveiros te mandam passear cedo ou tarde. Um dia, quando Roy apareceu pra pegar a receita, o médico lhe disse: — Esta é, definitivamente, a última. É melhor vocês sumirem da minha frente. O inspetor veio me ver ontem. Trouxe todas as receitas que eu passei pra vocês. Me avisou que eu vou perder minha licença se passar mais uma. Por isso vou pré-datar esta aqui. Diz pro farmacêutico que você estava muito doente ontem pra ir até lá. Vocês deram endereços errados nas receitas, e isso é proibido pela Lei de Saúde Pública número 334. Depois não me venham dizer que eu não avisei. Pelo amor de Deus, me deem cobertura se eles perguntarem alguma coisa. Isso pode comprometer toda a minha carreira. Eu sempre fui decente com você e seus amigos. Queria ter parado há meses. Mas não aguentei ver a turma na pior. Por isso me deem uma folga. Olha aqui a receita, e não me apareça mais.

Roy voltou no dia seguinte. O cunhado do médico estava a postos para salvar a honra da família. Agarrou Roy pela gola do casaco e pelo cinto, e o atirou na calçada.

— Da próxima vez que eu te encontrar aqui perturbando o doutor — disse —, você não volta andando pra casa.

Dez minutos depois, chega Herman. O cunhado já estava lhe dispensando o mesmo tratamento, quando Herman puxou um vestido de seda mocoçado no seu casaco. Lembro que alguém trocara conosco um lote de vestidos roubados por três grãos de morfina. Herman se virou pra mulher do médico, que tinha descido

pra ver o que era aquele fuzuê, e disse: — Achei que a senhora poderia gostar desse vestido. — Assim, conquistou o direito de falar com o médico, que ainda lhe passou uma última receita. Demorou três horas pra aviá-la. A farmácia costumeira tinha sido advertida pelo inspetor; não queriam mais aviar nossas receitas.

— É melhor vocês desaparecerem — disse o dono. — Acho que o inspetor já tem mandados de prisão expedidos contra vocês todos.

Nosso coveiro nos fechou a porta. Nos espalhamos para rastrear a cidade. Cobrimos Brooklyn, Bronx, Queens, Jersey City e Newark. Não conseguimos descolar nem drogas mais leves. Parecia que todos os médicos já estavam nos esperando em seus consultórios pra dizer um sonoro *não*. Era como se todo médico da Grande Nova York tivesse de repente feito o juramento de nunca mais prescrever entorpecentes. Estávamos ficando curtos de junk. Em algumas horas estaríamos imobilizados. Roy resolveu pedir arrego e foi a Riker's Island para a "cura de trinta dias". Não é um tratamento por redução da dose. Eles não dão nenhum junk, nem mesmo remédio para dormir. Tudo que oferecem ao viciado é trinta dias de detenção. O lugar está sempre cheio.

Herman foi pego no Bronx quando procurava um coveiro. Não havia nenhuma acusação especial; parece que dois investigadores simplesmente não foram com a cara dele. Quando o levaram pra cidade, descobriram que a delegacia de entorpecentes tinha um mandado de prisão contra ele, expedido pela Inspetoria do Estado. A acusação foi de má-fé, pois dera endereço falso numa receita. Um advogado de porta de cadeia me procurou pra saber se eu pagaria a fiança de Herman. Em vez disso, mandei-lhe dois dólares pros cigarros. Se era pro sujeito dar um tempo, então que começasse de uma vez.

A essa altura eu já estava sem droga. Comecei a ferver meus últimos algodões. A droga é cozida numa colher e sugada pelo conta-gotas através de um algodão embebido, que é pra não sobrar nada na colher. Um pouco da solução sempre fica no algodão, que os junkies guardam para as emergências.

Conseguí uma receita de codeína com um médico, inventando a história de uma enxaqueca. Codeína é melhor que nada, e cinco

grãos injetados sob a pele evitam o pior da fissura. Por algum motivo, é perigoso aplicar codeína na veia.

Lembro de uma noite em que eu e Herman nos pilhamos sem nada além de um pouco de sulfato de codeína. Herman cozinhou sua dose de um grão e injetou-a na veia. Na mesma hora ficou vermelho; depois, muito pálido. Debilitado, sentou na beirada da cama. — Meu Deus! — disse.

— Que foi? — perguntei. — Tá tudo perfeitamente bem.

Ele me lançou um olhar rancoroso. — Perfeitamente bem, é? Então tome um pico também.

Cozinhei um grão e preparei meus troços pra tomar o pico. Herman me encarava sério. Ainda estava sentado na beirada da cama. Logo que tirei a agulha da veia, senti um formigamento intenso, dos mais desagradáveis. Completamente diferente do suave formigamento produzido por um bom pico de morfina. Sentia minha cara inchando. Sentei na beirada da cama, ao lado de Herman. Meus dedos estavam duas vezes mais grossos.

— E aí? — disse Herman. — Tudo bem?

— Não — respondi.

Meus lábios estavam dormentes, como se eu tivesse levado uma porrada na boca. Me deu uma terrível dor de cabeça. Comecei a andar de lá pra cá no quarto, pois acreditava vagamente que, se estimulasse a circulação, o sangue dissolveria a codeína.

Uma hora depois, me senti um pouco melhor e fui pra cama. Herman me contou de um cupincha dele que desmaiou e ficou azul depois de um pico de codeína. — Botei ele debaixo do chuveiro frio, e aí ele se recobrou.

— Por que você não me disse isso antes? — perguntei.

Uma repentina e incontrolável irritação tomou conta de Herman. As origens das suas raivas eram, em geral, insondáveis.

— Bom — começou —, você tem que assumir *certos* riscos quando toma junk. Além disso, só porque uma pessoa teve uma certa reação, não quer dizer, necessariamente, que toda pessoa vai reagir da mesma forma. Você parecia tão seguro de que estava tudo bem... não quis te chatear com uma história dessa.

Quando soube da prisão de Herman, fiquei achando que logo chegaria a minha vez; mas já estava fissurado e me faltava energia para deixar a cidade.

Fui preso em meu apartamento por dois investigadores e um agente federal. A Inspetoria Estadual tinha expedido um mandado de prisão contra mim sob a alegação de que eu tinha violado a Lei de Saúde Pública número 334, que pune quem dá nome errado pra receita. Os dois investigadores formavam a dupla Fala-Manso e Jogo-Duro. O Fala-Manso me perguntou: — Há quanto tempo você se droga, Bill? Você sabe muito bem que devia ter dado o nome certo pras receitas. — Daí, o Jogo-Duro interveio: — Vamo logo, vamo logo, tá pensando que eu sou escoteiro?

No fundo, não estavam muito interessados no meu caso; nem me forçaram a depor. A caminho do centro, o federal me perguntou umas coisas pra um formulário. Me levaram às Catacumbas, tiraram meu retrato e minhas impressões digitais. Enquanto eu esperava a hora de comparecer diante do juiz, o Fala-Manso me deu um cigarro e veio com um papo de que a droga pesada era mau negócio etc.

— Mesmo que você aguente trinta anos nessa vida, serão trinta anos de ilusão. Olha, veja o caso desses degenerados sexuais — seus olhos cintilaram —, os médicos dizem que não têm cura.

O juiz fixou a fiança em mil dólares. Fui levado de volta às Catacumbas, onde fui obrigado a me despir e entrar no chuveiro. Um guarda apático revistou minha roupa. Me vesti de novo e subi de elevador até a cela que me designaram. Às quatro da tarde, as celas se fechavam automaticamente, com um tremendo *clan!* que ecoava por todo o pavilhão.

A codeína ia sumindo dentro de mim. Meus olhos e nariz começaram a escorrer, minha roupa ficou empapada de suor. Ondas de calor e frio me varavam o corpo, como se eu estivesse na frente da porta de uma fornalha se abrindo e fechando sem parar. Deitei no catre, quase sem forças para me mover. Sentia dor nas pernas, meus músculos repuxavam, qualquer posição era insuportável. Me virava de um lado pro outro, chapinhando dentro da roupa suarenta.

Uma voz de negro entoava: “Levanta, mulher, levanta, sai de cima desse pão de ló amanhecido”. Vozes vagavam no vazio. “Quarenta

anos! Cara, não vou segurar quarenta anos!”

À meia-noite, minha patroa pagou a fiança. Me esperava na porta da cadeia, com bolinhas de nembutal, que sempre ajudam um pouco.

No dia seguinte, eu estava pior e não consegui sair da cama. Tomava “nembies”, nembutal, a toda hora.

À noite, engoli duas tiras de benzedrina e fui pra um bar; me sentei do lado da jukebox. Música é um grande remédio pra fissura. Uma vez, no Texas, cortei uma dependência na base da maconha, elixir paregórico e alguns discos do Louis Armstrong.

Quase pior que a fissura é a depressão que vem junto. Uma tarde, fechei os olhos e vi Nova York em ruínas. Centopeias e escorpiões gigantescos entravam e saíam dos bares, cafeterias e farmácias da rua 42. Crescia mato nas fendas e nos buracos do asfalto. Ninguém à vista.

Depois de cinco dias, comecei a me sentir um pouco melhor. Mais três dias e me bateu a larica, uma voracidade absurda por comida, especialmente doces, que costuma se manifestar dias depois de iniciado o processo de desintoxicação. Me deu um tremendo desejo de comer doces de creme e macarrão. No décimo dia, a fissura me largou. Resolveram adiar o meu processo.

Roy voltou da sua cura de trinta dias em Riker’s Island e me apresentou a um traficante que estava passando heroína mexicana na esquina da rua 103 com a Broadway. No início da guerra, a importação de heroína foi virtualmente cortada e o único junk disponível era morfina obtida com receita. As linhas de comunicação, porém, logo se restabeleceram e a heroína começou a aparecer de novo, vinda do México, onde imigrantes chineses cultivavam campos de papoula. A heroína mexicana era meio marrom por causa do ópio bruto que continha; daí o apelido “*brown sugar*”, açúcar mascavo.

A 103 com a Broadway não se diferencia das outras esquinas da grande avenida. Uma cafeteria, um cinema, lojas. No meio da Broadway, tem uma ilha com gramado e bancos. Na rua 103, tem também uma estação de metrô situada num ponto supermovimentado. Ali é território junky. A droga paira na cafeteria,

circula pelo quarteirão, vai até o gramado da ilha e senta num banco para descansar. Um fantasma à luz do dia no meio da multidão.

A gente sempre vê junkies na cafeteria ou zanzando pela rua com a gola do paletó levantada, cuspidando na calçada, olhando de um lado pro outro, à espera do contato. No verão, ficam nos bancos da ilha, amontoados feito abutres, com seus ternos escuros.

O traficante tinha cara de adolescente senil. Com seus cinquenta e cinco anos, ninguém lhe dava mais de trinta. Era baixo, moreno, rosto irlandês afilado. Quando finalmente apareceu — era rigorosamente impontual, como a maioria dos junkies da velha guarda —, foi logo se sentando numa mesa da cafeteria. Recebia ali o dinheiro e, três minutos depois, entregava a muamba na esquina. Nunca andava com ela; mocojava o bagulho nas redondezas.

Era conhecido como Irlandês. Trabalhara no passado para Dutch Schultz, mas os gangsters antigos não confiavam em junkies. Por isso, o Irlandês fora excluído da folha de pagamento de Dutch. Agora traficava de vez em quando e “fuçava a toca” (depenava bêbados nas estações e trens do metrô) sempre que perdia seus contatos de fornecimento de junk. Uma noite, o Irlandês foi pego no metrô batendo carteira. Foi parar numa gaiola das Catacumbas.

A função de traficante, uma espécie de serviço público, era rotativa: cada membro do grupo a exercia por um período médio de três meses. Todos sabiam que a tarefa era ingrata. Como dizia George, o Grego, “você acaba duro e no xadrez. Todo mundo te acusa de pão-duro se você não vende fiado; e, se você aceita fiado, te passam a perna”.

George nunca deixava na mão um cara fissurado. As pessoas tiravam proveito de sua bondade, descolando dele fiado e jogando o dinheiro na mão de outro passador. George puxou três anos de cana; quando saiu, se negou a continuar traficando.

Os junkies do tipo curtidor, da geração be-bop, nunca apareciam na rua 103. Os rapazes da 103 eram da velha guarda — caras chupadas, pálidas; bocas contraídas de rancor, gestos duros, estilizados. Tem um gesto que caracteriza o junky, como o pulso mole identifica o veado: acariciar o cotovelo com a palma da mão aberta. Os junkies da 103 variavam na aparência e nacionalidade,

mas, no fundo, todos tinham a mesma cara — a cara da droga. Eram o Irlandês, George, o Grego, Zé Chapado, Luís do Ópio, Eric, a Bicha, Xereta, Marinheiro e Joe Mexicano. Vários já morreram; outros estão puxando cana.

Já não há mais junkies na 103 com a Broadway à espera do contato. Os contatos se mandaram pra outro lugar. Mas o clima junky ainda permanece intenso na esquina; ele vai te seguindo pelo quarteirão, insistente; por fim, acaba te largando, à medida que você se afasta, como um mendigo desesperançado.

Joe Mexicano tinha um nariz afilado, longo e torto na cara chupada e uma boca banguela com os cantos torcidos pra baixo. Muita história marcava essa cara, mas Joe permanecia intocado. Seus olhos jorravam juventude. Havia uma delicadeza nele comum nos junkies da velha guarda. Joe era visível a vários quarteirões de distância. Despontava límpido e inequívoco no meio da multidão anônima, como se ampliado por um binóculo. Era mentiroso e, como bom mentiroso, vivia modificando a mesma história — lugares, tempo, personagens — cada vez que a contava. Ora a história acontecia com um amigo seu, ora ele mesmo era o protagonista. Ficava na cafeteria, diante do seu café com bolo, falando a esmo de suas experiências.

— A gente sabia que o chinês tinha um bagulho mocoçado. Ficamos cutucando ele pra nos dizer onde estava. Amarramos ele numa cadeira. Acendi um fósforo — Joe fez o gesto correspondente — e passei a chama na sola do pé dele. Não falou nada. Tive pena do chinês. Daí, meu sócio acertou a cara dele com a coronha do revólver e o sangue começou a escorrer — Joe fez os dedos das mãos escorregarem pela cara, pra indicar o sangue escorrendo. — Quando vi aquilo, meu estômago revirou e eu falei: “Vamos cair fora daqui! Deixa o cara em paz. Ele não vai mesmo abrir a boca”.

Louie era um ladrão de loja que tinha perdido completamente o sangue-frio. Usava velhos sobretudos negros que lhe davam um ar de urubu malandro. Ele todo cheirava a roubo e vício. Louie passou por maus pedaços na vida. Ouvia dizer que tinha sido cagete em outros tempos, mas agora era considerado boa gente. George, o Grego, não gostava do Louie, dizia que ele não passava de um

vagabundo. “Não convide ele pra ir na sua casa. Ele vai tirar proveito. É capaz de aparecer entupido de junk na frente da sua família. Esse cara não tem a menor classe.”

George, o Grego, era considerado o juiz da turma. Cabia a ele decidir quem era legal e quem não era. George se orgulhava da sua integridade. “Nunca espanquei ninguém”, dizia.

George era um perdedor da pá virada. Seu fim estava próximo. Reduzira sua vida ao mínimo, por medo de se envolver em confusão. Não traficava, não roubava; trabalhava de vez em quando nas docas. Estava cercado por todos os lados; só podia mesmo ir pra baixo. Quando não conseguia descolar junk, o que acontecia metade do tempo, bebia e tomava bolinhas de nembutal.

Tinha dois filhos adolescentes que lhe davam um bocado de trabalho. Vivia semifissurado a maior parte do tempo e não conseguia se impor aos dois sacanas. Sua cara ostentava as marcas de muitas batalhas perdidas. Da última vez que estive em Nova York, não consegui localizar o George. O pessoal da rua 103 se dispersou e ninguém sabia me dizer onde andava George, o Grego.

Fritz, o Zelador, era um magrelo pálido que dava a impressão de ser aleijado. Estava em liberdade condicional, depois de cinco anos de prisão por vender junk a um caguete. O caguete estava precisando entregar alguém logo, e o investigador de entorpecentes tinha urgência em prender quem quer que fosse. Fritz possuía ligações com um grande traficante e, através dele, a polícia estourou toda uma rede de tráfico de entorpecentes. Fritz se orgulhava da atenção especial que seu caso mereceu; até falava com certa complacência da sua “suíte” na Lexington.

O Bicha era um rapa-bebum talentoso e bem-sucedido. Emplacava sempre. Era o primeiro a chegar no bebum; nunca aparecia na hora que o bebum já estava largadão lá, com os bolsos revirados. O bebum adormecido — conhecido como “pato-que-ronca” no ramo — atrai toda uma hierarquia de rapadores. Primeiro vêm os rapa-bebuns, como o Bicha, guiados por uma espécie de radar. Só ligam pra dinheiro vivo, joias de valor e relógios. Depois vêm os pivetes, que roubam tudo. Pegam chapéu, sapatos e cinto. Por fim,

aparecem os caras de pau, que tentam tirar o casaco ou paletó do bebum.

O Bicha sempre descobria primeiro os melhores bebuns. Uma vez, saiu da estação da rua 103 com mil dólares no bolso. Em geral, suas performances lhe rendiam centenas de dólares. Se o bebum acordava no meio do rapa, ele dava um sorrisinho meloso e apalpava a perna do sujeito, fingindo que suas intenções eram sexuais. Daí seu apelido.

Andava sempre bem vestido, com paletós esporte de tweed e calças de flanela cinza. Mesclava o charme europeu com um ligeiro sotaque escandinavo. Ninguém se parecia menos com um rapa-bebum. Sempre trabalhava sozinho. Não queria contaminar sua boa estrela. Às vezes, o contato com um sujeito sortudo inverte a má sina de uma pessoa azarada; mas em geral acontece o contrário. O azar contagia mais que a sorte. Junkies são um bando de invejosos. A rua 103 em peso invejava a boa fortuna do Bicha. Porém, todos eram obrigados a admitir que o cara era decente, além de estar sempre disposto a emprestar uns trocados.

As cápsulas de heroína custavam três dólares cada uma e eram necessárias pelo menos três por dia pra se ir levando. Como eu estava liso, resolvi “fuçar a toca” com Roy. A gente ia viajando no trem, cada qual atento a uma das plataformas das estações até flagrar um “pato” roncando num banco. Então, descíamos do trem. Eu parava na frente do banco com um jornal aberto, dando cobertura pro Roy, que revistava os bolsos do bebum. Roy me sussurrava instruções: “Mais pra esquerda... foi demais... um pouquinho pra trás... aí, fica assim”. Muitas vezes, chegávamos tarde demais — os bolsos do bebum já estavam do avesso.

A gente também operava nos trens. Eu sentava do lado do bebum e abria o jornal. Roy vinha por trás de mim e fuçava os bolsos do cara. Se o bebum acordasse, veria minhas mãos segurando o jornal. A gente tirava uma média de dez dólares por noite.

Uma noite normal de trabalho começava por volta das onze horas na estação da Times Square. Uma vez, flagrei um pato na estação da rua 149. Eu e Roy descemos do trem. A estação da 149 tem

vários níveis e é um perigo para os rapa-bebuns, por ter muitos cantos e desvãos onde os tiras podem se esconder. É impossível cobrir todos os ângulos. Além do que, no nível inferior, a única saída é pelo elevador.

Chegamos no pato displicentemente, como quem não quer nada. Era um tipo de meia-idade, esparramado na parede, respirando pesado. Roy sentou do lado dele e eu fiquei de pé, de costas para eles, com o jornal aberto. Roy disse: — Um pouco pra direita... aí... agora um bocadinho pra trás... isso, tá bom.

Nisso, a respiração pesada do cara estancou. Me lembrei de uma cena clássica nos filmes, quando a respiração do paciente para no meio da cirurgia. Senti a imobilidade de Roy atrás de mim. O bebum resmungou e mudou de posição. Devagar, a respiração se restabeleceu. Roy levantou: — O.k. — disse, caminhando rápido pra extremidade da plataforma. Tirou do bolso uma maçaroca de notas e contou oito dólares. Me passou quatro. — Tava no bolso da calça. Não consegui achar a carteira. Teve uma hora que eu pensei que ele fosse partir pra cima da gente.

Tomamos o trem de volta pra cidade. Na estação da rua 116, flagramos outro pato e descemos. Mas o pato levantou e saiu andando antes que chegássemos perto dele. Daí, um sujeito maltrapilho, com uma bocona mole, chegou no Roy e começou um papo. Era outro rapa-bebum.

— O Bicha atacou de novo — disse ele. — Faturou duas notas altas e um relógio na estação da rua 96.

Roy sussurrou alguma coisa pra ele e fingiu se concentrar no jornal. O sujeito continuou falando, em voz alta:

— Um pato que eu estava depenando acordou e partiu pra cima de mim aos berros: “Ei, que é que cê quer com essa mão no meu bolso?”.

— Pelo amor de Deus! — disse Roy. — Cala essa boca!

E, se virando pra mim, falou: — Dedo-duro filho da puta! Já não tem muitos rapa-bebuns atuando ultimamente. Só o Bicha, o Espião, essa corja. Todo mundo morre de inveja do Bicha, que é imbatível. Se um otário acorda no meio, ele finge que está passando a mão no cara, que nem veado. Os vagabundos da rua 103 vivem dizendo

“Bicha filha da mãe”, pois não conseguem rapar nada. E ele é tão bicha quanto eu. — Roy fez uma pausa reflexiva. — Talvez nem tanto.

Fomos até o fim da linha, no Brooklyn, sem topar com um único pato. Na volta, tinha um bêbado dormindo num vagão. Sentei do lado dele e abri o jornal. Sentia o braço do Roy roçando nas minhas costas. Uma hora, o bêbado acordou e me deu uma olhada feia. Porém, minhas mãos seguravam o jornal, era nítido. Roy, ao meu lado, fingia ler o jornal comigo. O bebum pegou de novo no sono.

— Vamos cair fora — disse Roy. — É melhor tomar um ar lá fora. Não vale a pena rodar muito tempo direto.

Tomamos um cafezinho no automático da rua 34 e rachamos a grana do último rapa. Só três dólares pra cada um.

— Quando você chega num bebum no vagão — explicou Roy —, você tem que acompanhar o movimento do trem. Se você acertar o ritmo, dá pra trabalhar até com o otário acordado. Cheguei muito afoito naquele cara. Por isso ele acordou. Sentiu alguma coisa errada, mas não sabia o quê.

Na Times Square cruzamos com o Mike Metrô. Ele acenou pra gente com a cabeça, sem parar. Mike sempre trabalhava sozinho.

— Vamos dar um pulo até Queens Plaza — disse Roy. — Fica na linha Independente. Tem uns tiras especiais nessa linha, contratados pela companhia, mas eles não usam revólver. Só cassetete. Por isso, se algum te pegar e você conseguir se soltar, é só dar no pé.

Queens Plaza é outra estação perigosa, onde não dá pra gente se cobrir de todos os ângulos. É preciso correr o risco. Achamos um bêbado dormindo espichado no banco, mas tinha muita gente em volta.

— Vamos dar um tempo — disse Roy. — Mas lembre-se: nunca fique na estação além do terceiro trem. Se até lá você não tiver conseguido nada, melhor esquecer, mesmo que o bebum pareça um prato cheio.

Dois pivetes desceram do trem arrastando um bêbado. Largaram ele num banco e deram uma olhada na gente.

— Vamos levar ele pro outro lado — um disse pro outro.

— Por que vocês não limpam ele aqui mesmo? — se intrometeu Roy.

Eles fingiram não entender. — Limpar ele? Não tô sacando. O que será que o nosso amigo veado quer dizer com isso? — disse um dos pivetes. E apanharam sua presa, arrastando o bebum pro outro lado da plataforma.

Roy chegou no pato largado no banco e tirou uma carteira do bolso dele. — Não temos tempo pra gentilezas — disse. A carteira estava vazia. Roy deixou-a no banco.

Um dos pivetes gritou do outro lado dos trilhos: — Tira as mãos do bolso dele! — E os dois caíram na gargalhada.

— Pivetes do caralho! — disse Roy. — Se eu cato um lá na zona oeste, jogo nos trilhos.

Um dos pivetes veio até nós, pedindo uma mordida do nosso bolo.

Juro que ele não tinha nada — disse Roy.

— Te vi tirando a carteira dele.

— Tava vazia.

O trem chegou e a gente pulou num vagão. O pivete ficou na plataforma, sem saber se engrossava ou não.

— Esses pivetes de merda pensam que isto aqui é brincadeira — disse Roy. — Não vão durar muito. Quero ver se vão achar graça puxando um cinco-vinte e nove na Ilha.

Era um dia de azar, aquele. Roy disse: — Bom, é assim mesmo. Tem noites que você faz cem dólares e outras que não rendem nada.

\* \* \*

Uma noite, entramos no metrô em Times Square. Um sujeito vestido na maior estica andava à nossa frente, capengando um pouco. Roy analisou o cara e disse: — Taí um belo pato. Vamos ver aonde ele vai.

O pato entrou no trem que ia pro Brooklyn. Ficamos esperando na junção dos vagões até o pato adormecer. Daí, fui sentar do lado dele, com o *New York Times* aberto. O *Times* era ideia do Roy. Me fazia parecer um homem de negócios, segundo ele. O vagão quase vazio, e lá estávamos nós encostados no pato, com dezenas de lugares disponíveis em volta. Roy começou a trabalhar às minhas

costas. O pato não parava quieto. Uma hora acordou e me deu uma olhada remelenta e mal-humorada. Sentado à nossa frente, um crioulo sorria, cúmplice.

— Ele tá sacando tudo — sussurrou Roy ao meu ouvido. — Mas, tudo bem, o cara é legal.

Roy não conseguia achar a carteira. A situação começava a ficar perigosa. Eu sentia o suor escorrendo pelos meus braços.

— Vamos dar o fora — eu disse.

— Não. Esse pato é dos bons. Ele sentou em cima do sobretudo, por isso não tô achando o bolso. Quando eu avisar, se jogue em cima dele, que eu dou um puxão no sobretudo... *Agora!*... Saco! Ainda não deu ...

— Vamos dar no pé! — eu disse de novo. O medo crescia no meu estômago. — Ele vai acordar!

— Não vai, não. Vamos lá, de novo... *Agora!*... Mas que porra tá acontecendo com você? É só se jogar com força em cima dele.

— Roy, pelo amor de Deus — eu disse —, vamos embora! Ele vai acordar.

Fiz menção de levantar, mas Roy me segurou. De repente, ele me deu um puxão forte e eu desabei pesado em cima do pato.

— Dessa vez consegui! — disse Roy.

— A carteira?

— Não, consegui puxar o sobretudo de baixo dele.

O trem saiu do túnel subterrâneo e pegou um elevador ao ar livre. O medo me dava náuseas; meus músculos estavam tensos. O pato só estava meio adormecido. Eu esperava que ele viesse pra cima da gente a qualquer minuto.

Por fim, ouvi Roy dizer: — Peguei!

— Então, vam' bora.

— Ainda não. Peguei só um bolo de notas soltas. Tem uma carteira em algum lugar, e eu vou achar ela. Tem que ter uma carteira.

— Eu não fico mais aqui.

— Não, espere.

Ele fuçava descaradamente as roupas do sujeito. Era incrível que o sujeito continuasse dormindo.

Chegamos no fim da linha. Roy se levantou. — Me dá cobertura — disse. Fiquei na sua frente com o jornal aberto, tentando escudá-lo o melhor possível contra os olhares dos outros passageiros. Só tinham sobrado três, mas estavam sentados em pontos diferentes do vagão. Roy vasculhava os bolsos do homem sem a menor cerimônia. Por fim, disse: — Vamos sair daqui. — Saímos do vagão e saltamos para a plataforma.

O pato acordou e examinou os bolsos. Daí, desceu na plataforma e abordou Roy.

— O.k., Zé — disse. — Pode ir passando o meu dinheiro de volta.

Roy deu de ombros e estendeu-lhe as mãos vazias. — Que dinheiro? Do que o senhor está falando?

— Você sabe muitíssimo bem do que eu estou falando! Você meteu a mão no meu bolso, que eu vi.

Roy estendeu as mãos de novo, num gesto de perplexidade indignada. — Ora, não sei do que o senhor está falando. Não tenho nada a ver com o seu dinheiro.

— Toda noite eu vejo você nesta linha. É a sua rota costumeira. — Apontou pra mim. — E ali está o seu cupincha. Bom, você vai ou não vai devolver a minha grana?

— Que grana?

— O.k., fique firme. Vamos voltar pra cidade, e é melhor que você esteja falando a verdade.

De repente, o cara meteu as mãos nos bolsos do casaco do Roy. — Seu filho da puta — ele gritou —, me dá o meu dinheiro!

Roy deu-lhe um soco na cara que o jogou no chão. — Ora, seu... — disse Roy, perdendo abruptamente seu jeito perplexo e conciliatório. — Tire as mãos de mim!

O condutor, vendo a briga, retinha o trem pra que ninguém caísse nos trilhos.

— Vamos dar o fora — eu disse.

Fomos andando pela plataforma. O sujeito se levantou e veio correndo atrás da gente. Alcançou Roy, passando-lhe os braços por trás, desajeitado. Roy não conseguia se livrar. Estava bem enredado.

— Tira este idiota de cima de mim! — gritou Roy.

Dei duas porradas na cara do homem. Ele afrouxou e caiu de joelhos.

— Chuta a cabeça dele! — disse Roy.

Chutei as costelas do sujeito. Senti que uma estalou. Ele apertou o lugar com as mãos. — Socorro! — gritou. Nem tentou se levantar.

— Vamos dar no pé — eu disse. Ouvi um apito vindo da outra extremidade da plataforma. O homem ainda estava caído lá, apertando a costela quebrada e gritando “Socorro!” sem parar.

Lá fora caía um chuveiro. A calçada estava escorregadia, e eu patinhei um pouco até me firmar. Nos abrigamos num posto de gasolina fechado e olhamos para a parte elevada do metrô.

— Vam’bora — eu disse.

— Eles vão ver a gente.

— Aqui é que a gente não pode ficar.

Fomos andando. Minha boca estava seca, esturricada. Roy tirou duas bolinhas de nembutal do bolso da camisa.

— Minha boca tá muito seca — eu disse. — Não consigo engolir.

Continuamos andando.

— Devem ter dado o alarme contra a gente, com certeza — disse Roy. — Fique de olho nos carros. Se aparecer algum, a gente se esconde nos arbustos. Eles devem estar achando que vamos voltar pra estação. Por isso o melhor é seguir em frente.

O chuveiro não cessava. Uns cachorros latiram pra gente.

— Não esquece da história que você vai contar se pegarem a gente — disse Roy. — Caímos no sono e só acordamos no fim da linha. O cara, então, acusou a gente de ter roubado o dinheiro dele. Ficamos com medo e demos umas porradas nele. Vão prensar a gente, Bill, pode contar com isso.

— Vem vindo um carro — eu disse. — Luz amarela!

Caímos rastejando entre os arbustos. Buscamos abrigo atrás de uma placa, na beira da estrada. O carro passou devagar. Continuamos a caminhada. Eu já estava fissurado. Só queria saber de voltar pra casa, pra minha morfina mocoçada.

— Daqui a pouco é melhor a gente se separar — disse Roy. — Se um de nós for pego, o outro pelo menos pode tentar fazer alguma coisa. Se a gente tropeçar num tira, a gente diz que saiu com umas

garotas e agora tá procurando o metrô. A chuva tá a nosso favor. Os tiras devem estar todos enfiados num bar tomando café. Pelo amor de Deus! — disse Roy, irritado. — Não fica olhando pra trás assim!

Eu olhava pra trás, por cima do ombro. — É normal olhar pra trás — eu disse.

— Normal pros ladrões!

Por fim, chegamos a outra estação e pegamos o metrô de volta pra Manhattan.

— Não era só eu que estava apavorado, né, Bill? Tó, olha aqui a sua parte.

Me passou três dólares.

No dia seguinte, eu disse a ele que a minha carreira de rapa-bebum estava encerrada.

— É, você tem lá sua razão — disse ele. — Mas dá pra fazer a festa, se você se aguentar tempo suficiente.

Meu caso foi julgado nas Sessões Especiais. Peguei quatro meses, com sursis. Já que tinha desistido de rapar bebuns, resolvi traficar junk. Não rende quase nada. Tudo que um viciado pode almejar, virando passador de rua, é conseguir manter seu vício. Pelo menos, quando se está passando, a gente tem na mão um bom estoque da droga, o que dá segurança. Algumas pessoas, claro, fazem um bom dinheiro passando no varejo. Eu conhecia um passador irlandês que começou encapsulando envelopes de 1/16 de onça, quase dois gramas, de heroína e, dois anos depois, ao pegar três anos de cana, tinha amealhado trinta mil dólares e um prédio de apartamentos no Brooklyn.

Se você anda pensando em traficar, o primeiro passo é fazer contato com um atacadista. Como me faltava esse contato, fiz sociedade com Bill Gains, que conhecia uns italianos do Baixo Leste. Comprávamos o bagulho por noventa dólares o quarto de onça, sete gramas, malhávamos a herô com um terço de açúcar lácteo e acondicionávamos a mistura em cápsulas de um grão. No varejo, as cápsulas valiam dois dólares. Continham entre dez e dezesseis por centro de H, heroína, o que era muito bem servido em termos de tráfico de rua. Um quarto de onça de herô tem de render pelo

menos cem cápsulas antes do malho. Porém, se o atacadista é italiano, é quase certo ele dar uma aliviada na mercadoria. Os quartos de onça dos italianos nos rendiam apenas umas oitenta cápsulas.

Bill Gains era de “boa família”. Se bem me lembro, seu pai era presidente de banco em Maryland. Bill tinha estampa. Costumava roubar sobretudos em restaurantes, nisso ele era perfeito. O americano de classe média é um conjunto de negativas. Ele se define basicamente por aquilo que não é. Gains ia mais longe; não era apenas uma soma de negativas; ele era positivamente invisível, uma presença vaga e respeitável. Tem um certo tipo de fantasma que só consegue se materializar com o auxílio de um lençol ou de uma roupa que lhe dê contorno. Assim era o Gains. Se materializava nos sobretudos alheios.

Gains costumava abrir um malicioso sorriso infantil, em chocante contraste com seus olhos azul-pálidos, envelhecidos e inanimados. Sorria, entretido consigo mesmo, como se algo dentro dele o divertisse. Às vezes, depois de um pico, ele sorria e dizia, com seu jeito introspectivo e matreiro: “Esse bagulho é poderoso”. Usava o mesmo sorriso para falar da decadência e desgraça alheias. “Herman era um belo garoto quando apareceu pela primeira vez em Nova York. O problema é que ele perdeu o porte.”

Gains era um dos poucos junkies que sentiam um prazer todo especial em ver leigos se tornarem dependentes. Muitos traficantes se alegram em saber que há um novo viciado na praça, por razões econômicas. Quem tem uma mercadoria para vender quer encontrar bons consumidores, é natural. Gains, no entanto, gostava de convidar adolescentes ao seu quarto pra tomar um pico, em geral extraído de velhos algodões, e ficar observando os efeitos, sorrindo safado.

A maioria dos garotos achava aquilo apenas mais um barato pra curtir de vez em quando. Como nembutal, benzedrina, birita, maconha. Uns poucos, contudo, viravam fregueses e acabavam fisgados. Gains sorria, benevolente, pra esses neófitos — um verdadeiro prelado junky. Um tempinho depois, você o ouvia dizer: “Realmente, fulano precisa se dar conta de que eu não posso mais

carregar ele nas costas". A fonte da generosidade tinha secado. Era hora do novo dependente pagar pela droga, pagar pelo resto da vida, esperar nas esquinas e cafeterias pelo contato, o mediador entre o homem e a droga. Gains era um mero pároco na hierarquia junky. Ele se referia aos mandachucas num tom sepulcral e cerimonioso: "O contato disse que...".

Suas veias tinham quase sumido; bateram em retirada pra perto dos ossos, onde se escondiam da agulha impaciente. Passou a usar as artérias por um tempo, mais profundas e difíceis de atingir que as veias. Para isso, muniu-se de agulhas especiais, mais compridas. Fazia um rodízio de picos entre mãos, braços e pés. Com o tempo, as veias voltam a aparecer. Mesmo assim, Gains tinha de se aplicar sob a pele metade das vezes, pois não podia esperar. Só fazia isso, porém, depois de meia hora de agonia, espetando, xuxando a carne; a todo instante precisava limpar o "espeto" entupido de sangue.

Um dos meus primeiros fregueses foi uma figura do Village chamado Nick. Ele pintava, entre largos períodos de ócio. Suas telas eram minúsculas, como se concentradas, comprimidas, deformadas por uma tremenda pressão. "Produto de uma mente depravada", como afirmou, solene, um agente da delegacia de entorpecentes depois de ver uma tela do Nick.

Nick andava sempre meio doente, seus grandes olhos melancólicos marejando, o nariz escorrendo sem parar. Dormia em sofás nos apartamentos dos amigos, sobrevivendo graças à indulgência precária de gente neurótica, instável, cheia de uma estúpida desconfiança que, de repente, o jogava no meio da rua sem motivo ou aviso. Ele descolava droga pra esse pessoal, na esperança de receber em troca pelo menos uma pontinha de cápsula pra ir maneirando sua voracidade junky. Era comum ele não receber nada além de um displicente "Obrigado" de um comprador que já o imaginava recompensado do outro lado do esquema. Por isso, Nick começou a aliviar de leve as cápsulas, descomprimindo o pó pra que voltasse a preencher o espaço da cápsula.

Não sobrava muito do Nick. Sua fome constante e insaciável por junk tinha se imposto a todos os outros interesses. Ele falava

vagamente em se internar em Lexington pra uma desintoxicação, ou se engajar na Marinha mercante, ou ir a Connecticut comprar paregórico pra ir reduzindo aos poucos a dependência de junk.

Nick me apresentou a Tony, que trabalhava de barman num restaurante do Village. Tony já andara traficando e uma vez quase entrou pelo cano quando os federais invadiram seu apartamento. Mal deu tempo de ele jogar um pacote de doses de 1/16 de onça de herô debaixo do piano. Os federais só acharam seus apetrechos e tiveram de soltá-lo. Tony ficou com medo e deixou de traficar. Era um italianinho que conhecia muito bem as regras do jogo. Parecia capaz de manter o bico calado. Um bom tipo de freguês.

Eu ia todos os dias ao bar do Tony e pedia uma coca-cola. Tony me dizia quantas cápsulas ia querer e eu dava um pulo na cabine telefônica ou no banheiro para embrulhar sua encomenda em papel de alumínio. Ao voltar pra minha coca, lá estava o dinheiro das cápsulas sobre o balcão, como se fosse o troco. Eu jogava o embrulhinho no cinzeiro e Tony o esvaziava sob o balcão, se apoderando das cápsulas. Esse número era necessário porque o dono sabia que Tony era chegado a drogas e já tinha avisado pra ele parar ou cair fora. Na verdade, o filho do dono também era junky, e na época estava se desintoxicando num sanatório. Quando saiu, veio direto pra mim para comprar o bagulho. Não conseguia largar o vício, pelo que disse.

Um italianinho curtidor, chamado Ray, costumava aparecer todos os dias nesse mesmo bar. Parecia gente boa, e eu passei a cuidar dele também, jogando suas cápsulas no cinzeiro junto com as do Tony. Esse bar era um lugarzinho que ficava vários degraus abaixo do nível da rua. Só tinha uma porta. Sempre que eu entrava lá, me sentia caindo numa armadilha. O lugar me dava tamanha depressão e cagaço que eu mal conseguia me empurrar porta adentro.

Depois de cuidar de Tony e Ray, geralmente eu ia encontrar Nick numa cafeteria da Sexta Avenida. Ele sempre tinha dinheiro suficiente pra umas cápsulas no bolso. Eu sabia, é claro, que ele descolava pra outras pessoas, mas não sabia quem eram. Eu devia ter pensado melhor antes de fazer negócio com gente como Nick, que vivia duro e doente e, portanto, não titubeava em aceitar

dinheiro de qualquer um. Algumas pessoas precisam de alguém que descole a droga pra elas ou porque são forasteiros na cidade, ou porque são novatos no junk e ainda estão por fora da jogada. O passador, porém, tem razão em desconfiar de gente que manda outros descolarem em seu lugar, pois um motivo comum que impede alguém de se descolar por si é ser um cagete manjado. Por isso, usa alguém que pode nem ser dedo-duro, mas apenas um desesperado por junk. Descolar para um cagete não é nada ético. Em geral, quem descola pra cagete acaba virando cagete também.

Mas eu não estava em condições de virar as costas pra dinheiro nenhum. Não conseguia ter lucro. Todos os dias eu tinha de vender um número suficiente de cápsulas que me permitissem financiar a próxima remessa de um quarto de onça; entre uma e outra, nunca me sobravam mais que uns poucos dólares. Por isso, eu aceitava todo dinheiro que Nick tinha a oferecer, sem perguntas. Eu sabia que Nick era o oposto de uma garantia de segurança, mas eu não estava em condições de dispensá-lo.

Eu continuava traficando junto com Bill Gains, que se encarregava dos negócios nos bairros distantes. A gente se encontrava numa cafeteria da Oitava Avenida, logo depois de ter feito o Village. Bill tinha alguns bons fregueses. Izzy, possivelmente o melhor de todos, trabalhava de cozinheiro num rebocador, no porto de Nova York. Era um dos rapazes da rua 103. Izzy já tinha puxado cana por tráfico e era conhecido como um cara da maior limpeza. Além disso, tinha uma fonte de renda segura. Esse é o freguês perfeito.

Izzy aparecia às vezes com seu sócio, Goldie, que trabalhava no mesmo rebocador. Goldie era um magricela de nariz adunco e pele colada na cara, de onde sobressaía o rosado das maçãs do rosto. Outro amigo de Izzy era um ex-paraquedista chamado Matty, um cara jovem, robusto, de uma beleza dura, que não carregava nenhuma marca de droga. Bill também cuidava de duas putas. De modo geral, putas são mau negócio. Atraem encrenca e entregam com facilidade. Mas Bill insistia que aquelas duas putas em particular eram o.k.

Old Bart era outro freguês nosso. Pegava todo dia algumas cápsulas em consignação pra vender. Eu não conhecia seus fregueses, mas isso não me preocupava. Bart era limpeza. Se desse sujeira, ele aguentava o tranco sem abrir o bico. E, seja lá como fosse, ele tinha uma experiência de trinta anos de junk; sabia o que estava fazendo.

Ao chegar à cafeteria onde iria me encontrar com Bill, vi-o numa mesa, seu corpo esquelético aninhado no sobretudo de alguém. A seu lado, a figura maltrapilha e insignificante de Old Bart mergulhava uma rosquinha no café. Bill me disse que já tinha “alimentado” o Izzy, por isso passei dez cápsulas ao Bart, pra ele vender. Bill e eu fomos de táxi pra minha casa. Lá tomamos um pico, avaliamos o estoque e reservamos noventa dólares para o próximo quarto de onça.

Depois do pico, Bill ficou um pouco corado e quase melindroso. Era uma visão desagradável. Uma vez ele me contou que uma bicha havia lhe passado uma cantada e oferecido vinte dólares. Bill agradeceu, dizendo: “Acho que você não ficaria plenamente satisfeito”. Lembrei disso naquela hora. Bill rebolou os quadris ossudos na minha frente. “Você devia me ver ao natural”, disse ele. “Sou uma gracinha.”

Uma das coisas mais detestáveis em Bill era aquele seu papo costumeiro sobre o estado das suas tripas. — Às vezes fica de um tal jeito que eu tenho de enfiar o dedo e puxar pra fora. Duro feito porcelana, sabe. A dor é de matar.

— Escuta — eu disse, depois de ouvir seu relato escatológico —, esse teu contato continua passando a perna na gente. O último lote só rendeu oitenta cápsulas depois do malho.

— Bom, não espere mesmo grande coisa — ele respondeu, logo voltando ao outro assunto. — Ah, se eu pudesse fazer uma boa lavagem intestinal num hospital! Mas pra isso eu ia ter que me internar, aí não dá pé, claro. Eles te seguram lá por pelo menos vinte e quatro horas. Uma vez, eu disse pra eles: “Isto aqui é ou não é um hospital? É só vocês me chamarem um atendente e...”.

Não havia jeito de desligá-lo. Quando as pessoas se põem a falar das suas desventuras intestinais, se tornam tão inexoráveis quanto

os processos que relatam.

As coisas continuaram nesse pique por várias semanas. Os fregueses de Nick, um por um, acabaram me achando. Estavam cheios de descolar junk através do Nick, pois sabiam que ele roubava as pontas das cápsulas. Que patota! Punguistas, veados, cascadeiros, dedos-duros, vagabundos — imprestáveis pro trabalho, incompetentes até pra roubar, sempre curtos de grana, sempre choramingando por um fiado. Não havia um só que não cedesse e fosse logo desembuchando tudo na delegacia assim que lhe acertavam a boca e berravam: “Onde foi que você arranjou esse bagulho?”.

O pior da roda era o Gene Doolie, um irlandês baixinho e esquelético com jeito de veado e cafetão. Gene era dedo-duro até o último fio de cabelo. Provavelmente puxava do bolso pedaços de papel encardido com nomes — suas mãos viviam encardidas — que ia lendo em voz alta pra polícia. Dava pra imaginá-lo entrando afobado no quartel-general das tropas fiéis à Inglaterra durante a Insurreição Irlandesa, ou de toga cinza-suja entregando cristãos aos romanos, ou passando informações para a Gestapo e a polícia secreta russa, ou sentado numa cafeteria cochichando com um investigador de entorpecentes. Sempre aquela cara chupada de ratinho, sempre aquelas roupas maltrapilhas e antiquadas, sempre aquela voz fanhosa, penetrante.

O mais insuportável em Gene era a sua voz. Entrava direto em você. Essa voz foi o primeiro sinal que tive da existência dele. Nick tinha acabado de chegar na minha casa com dinheiro pro negócio, quando o telefone do *hall* tocou, me chamando.

— Sou Gene Doolie — disse a voz. — Estou esperando o Nick já faz um tempão. — Sua voz entoou o “já faz um tempão” num tom estridente, rascante e queixoso.

— Bem, ele está aqui agora — eu disse. — É melhor você esperar e tratar diretamente com ele. — E desliguei.

No dia seguinte, Doolie me ligou de novo. — Estou bem aqui na esquina da sua casa. Você se incomoda se eu der um pulo aí? Acho mais maneiro te encontrar sozinho.

Desligou antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Dez minutos depois, ele estava à minha porta.

Quando uma personalidade topa com outra pela primeira vez, há um período inicial de observação mútua no plano intuitivo da empatia e da identificação. Com Doolie, porém, era impossível qualquer relação. Ele era tão somente o veículo de uma força hostil invasora. Dava pra senti-lo se insinuando pra dentro da sua psique, à procura de alguma coisa que pudesse lhe interessar. Recuei um pouco ao abrir a porta, para evitar qualquer contato com ele. Gene se esgueirou pra sala, se instalou no sofá e acendeu um cigarro sem a menor cerimônia.

— É melhor um encontro assim a sós. — Seu sorriso tinha um ambíguo toque sexual. — Nick é muito irritado. — Levantou e me exibiu quatro dólares. — Você se importa se eu “decolar” aqui mesmo? — perguntou, tirando o paletó.

Eu nunca tinha ouvido ninguém usar essa expressão. Por um momento de delírio, achei que ele estava me cantando. Gene ajeitou o paletó no sofá e arregaçou a manga da camisa. Trouxe-lhe duas cápsulas e um copo d’água. Ele tinha trazido seus apetrechos, o que me deixou mais aliviado. Observei-o fisgando uma veia; em seguida, apertou o conta-gotas; por fim, abaixou a manga.

Quando você já está dependente, os efeitos de um pico não são muito dramáticos. Mas o observador experiente consegue detectar a ação imediata do junk no sangue e células de outro viciado. Em Doolie, porém, não se notava nenhuma alteração. Ele vestiu o paletó e apanhou o cigarro que ficara queimando no cinzeiro. Me olhou com seus olhos de um azul-pálido sem profundidade que pareciam artificiais.

— Deixa eu te falar um negócio — disse ele. — Você tá fazendo uma grande besteira em confiar no Nick. Uma noite dessas, eu estava na Cafeteria Thompson e cruzei com o Rogers, um investigador. Ele me disse: “Eu sei que o Nick anda descolando pra todos vocês aqui no Village, seus junkies sacanas. O bagulho é dos bons, né? Entre dezesseis e vinte por cento. Bom, diga ao Nick o seguinte: vamos pegar ele a qualquer momento. E, quando isso acontecer, ele vai colaborar com a gente. Já cantou pra mim uma

vez. Vai cantar de novo. A gente vai acabar descobrindo de onde vem esse bagulho”.

Doolie me olhou e deu uma tragada. Disse: — Quando pegarem o Nick, te pegam em seguida. É melhor você avisar ele que, se ele falar, vai parar no fundo do rio com um bloco de concreto nos pés. Não preciso te dizer mais nada. Você mesmo trate de avaliar a situação.

Me olhou, tentando medir o efeito de suas palavras. Impossível dizer o quanto daquela história ele esperava que eu engolissem. Talvez fosse só um jeito torto de me dizer: “Como é que você vai saber quem te dedurou? Agora que o Nick virou um suspeito óbvio aos seus olhos, você nunca vai ter certeza se fui eu quem te entregou; é ou não é?”.

— Dá pra você me arrumar uma cápsula fiado? — ele perguntou.  
— O que eu acabei de te contar vale alguma coisa, né?

Dei-lhe a cápsula e ele a embolsou, sem comentários.

Levantou-se. — Bom, vamos continuar a nos ver, né? Te ligo amanhã nesse mesmo horário.

Saí por aí investigando sobre o Doolie, pra checar sua história. Ninguém sabia nada de conclusivo sobre ele. Tony, o barman, disse: — Doolie te entrega, se precisar. — Mas não sabia nada de concreto. Quanto ao Nick, todos sabiam que ele tinha aberto a boca uma vez. Mas quem me cheirava mal pra valer era o Doolie.

Dias depois do episódio com Gene Doolie, eu estava saindo do metrô na Times Square, quando um loirinho magrela me abordou. — Bill — disse ele. — Acho que você não me conhece. Tenho descolado de você através do Nick, mas já estou cheio desse negócio dele roubar a ponta das minhas cápsulas. Você mesmo não podia cuidar de mim?

Pensei *Ora, por que não? Se fiz isso com Gene Doolie, por que iria agora discriminar o garoto?* Disse a ele: — O.k., garoto. Quanto você quer?

Me deu quatro dólares.

— Vamos dar uma volta — eu disse, seguindo em direção à Sexta Avenida.

Botei duas cápsulas na mão e fiquei à espera de um desses espaços vazios que de repente se abrem na multidão. — Se prepare pra pegar a muamba — eu disse. — E larguei as cápsulas nas mãos dele. Marquei um encontro com ele para o dia seguinte na Bickford's da Washington Square.

O garoto loiro se chamava Chris. Nick tinha me dito que os pais dele eram cheios da grana e que ele vivia de mesada. No dia seguinte, tão logo o encontrei na Bickford's ele veio com o velho papo sobre o Nick. — Nick está sendo seguido o tempo todo agora. Você sabe, quando um cara está tranquilo não fica olhando pra trás a toda hora. Ele vive fugindo. Por isso, veja bem a quem você dá seu endereço e o número de telefone.

— Tô sabendo — eu disse.

Chris se fez de magoado. — Bom, tomara que você saiba o que está fazendo. Agora, escuta, não é cascata, eu estou pra receber um cheque da minha tia hoje à tarde. Dá uma olhada.

Puxou do bolso um telegrama. Dei uma espiada. Havia uma vaga referência a um cheque. Continuou a explicar o caso. Enquanto falava, pegava a todo instante no meu braço, me olhando firme nos olhos. Senti que eu não ia aguentar muito tempo aquele doce vigarista. Pra cortar logo o papo, dei-lhe uma cápsula de graça, antes que ele começasse a chorar por duas ou três.

No dia seguinte, apareceu com um dólar e oitenta cents. Não falou mais no cheque. As coisas seguiram nessa toada, ele sempre curto de grana ou sem nada. Estava eternamente pra receber uma bolada da tia ou da sogra, ou de sei lá mais quem. Documentava suas histórias com cartas e telegramas. Acabou se revelando um pentelho tão grande quanto Gene Doolie.

Outro freguês cativo era o Marvin, que trabalhava meio período de garçom numa boate do Village. Sempre sujo, com a barba por fazer. Só tinha uma camisa, que ele lavava uma vez por semana, mais ou menos, e secava no aquecedor. O toque final eram os pés: nunca usava meias. Eu costumava entregar o bagulho em seu quarto, um aposento mobiliado numa casa de tijolinhos vermelhos da Jane Street. Eu achava melhor ir até lá fazer a entrega do que encontrá-lo em outro lugar.

Tem gente que é alérgica a junk. Uma vez, vendi uma cápsula ao Marvin e ele tomou o pico no ato. Eu fiquei olhando pela janela — me esfrangalha os nervos ver outra pessoa espetando a carne à procura de uma veia — e, quando me virei, vi o conta-gotas cheio de sangue. Ele tinha desmaiado e o sangue afluía pra dentro do conta-gotas. Liguei pro Nick, que foi tirar a agulha e reanimar o Marvin com uma toalha molhada. Ele voltou a si, ou quase, e ficou murmurando coisas ininteligíveis.

— Acho que ele tá o.k. — eu disse. — Vamos dar o fora.

Marvin parecia um cadáver, afundado naquela cama de lençóis sujos e amarfanhados; um braço sem vida esticado pra fora da cama, uma gota de sangue se formando lenta no cotovelo, prestes a pingar no chão.

Enquanto descíamos a escada, Nick me contou que Marvin tinha lhe pedido o meu endereço.

— Escuta — eu disse —, se você der, pode procurar outro contato. Se tem uma coisa que eu não preciso é de alguém morrendo na minha casa.

Nick ficou magoado. — É claro que eu não vou dar o teu endereço pra ele.

— E o Doolie?

— Não sei como ele conseguiu o teu endereço. Juro que não sei.

Junto com esses estrupícios, arranjei também um par de bons fregueses. Um dia, topei com Bert, um sujeito que eu conhecia do Angle Bar. Bert era conhecido pela sua força física. Troncudo, cara redonda, jovem, com um olhar ao mesmo tempo enganador e doce; se especializara em assalto à mão armada e tinha se habituado às batidas policiais, conhecidas como “gerais” — “Levei uma tremenda *geral* dos ratos ontem...”. Eu achava que Bert só fumava maconha, por isso me surpreendi quando ele me perguntou se eu tinha algum junk pra arrumar. Respondi que sim, que eu estava passando junk, e ele comprou dez cápsulas. Descobri que fazia seis meses que ele já estava dependente.

Por intermédio do Bert, arranjei outro freguês. Louie, um belo homem, pele lustrosa, feições delicadas e um bigode preto sedoso.

Parecia um retrato de 1890. Louie era um ladrão dos mais talentosos e vivia cheio da grana. Quando pedia fiado, o que era raro, sempre honrava a dívida no dia seguinte. Às vezes, aparecia com um relógio em vez de dinheiro vivo, o que não me incomodava. Eu recebia, por exemplo, um relógio de cinquenta dólares em troca de cinco cápsulas; eu não tinha do que reclamar.

Passar junk deixa os nervos do sujeito numa tensão constante. Cedo ou tarde, você contrai a "tiranoia", uma forma de paranoia que faz todo mundo parecer tira. Pessoas no metrô dão a impressão de estar se aproximando de você pra agarrá-lo antes que tenha tempo de jogar o bagulho fora.

Doolie aparecia todos os dias, descarado, exigente, insuportável. Sempre vindo com um novo boletim sobre o caso Nick-Rogers. Ele não estava nem aí que eu ficasse sabendo da sua intimidade com Rogers.

— Rogers é sabido, mas é sentimental — disse Doolie. — Ele vive dizendo: "Tô cagando pra vocês, seus junkies duma figa. Estou é atrás dos caras que fazem dinheiro com o negócio. Quando a gente achar o Nick, ele vai cantar, ah se vai! Já cantou uma vez. Vai cantar de novo".

Chris ficava me rondando atrás de junk fiado. Choramingava, me dava tapinhas, falava do dinheiro que estava pra chegar em poucos dias ou horas.

Nick estava arrasado, desesperado. Acho que não gastava nem mais um tostão com comida. Parecia viver o estágio terminal de alguma doença incurável.

Sempre que eu ia abastecer o Marvin, saía antes que ele tomasse o pico. Sabia que, cedo ou tarde, ele ia morrer por causa da droga, e eu não queria estar por perto quando isso acontecesse.

O pior de tudo é que eu estava vivendo com migalhas. As aliviadas que a gente sofria do atacadista, o excesso de fiado — alguns fregueses já me deviam vinte e cinco, cinquenta e até cem dólares —, além do meu próprio vício, reduziam meus ganhos à mera sobrevivência.

Quando eu reclamava do atacadista, Bill Gains se enfezava e recomendava que eu malhasse mais ainda o junk. "Você oferece a

melhor cápsula de Nova York. Ninguém vende herô a dezesseis por cento nas ruas. Se os teus fregueses reclamarem, manda os caras resolverem o problema deles no Walgreen's."

A toda hora mudávamos nosso ponto de encontro de uma cafeteria para outra. Não demora muito, o gerente detecta um passador de junk ou um bookmaker. A gente tinha agora seis fregueses constantes nos bairros, o que significava um tráfico razoável. Por isso tínhamos de ficar pulando de um lugar pro outro, pra não dar bandeira.

O bar do Tony continuava me dando paranoia. Um dia eu estava indo pra lá debaixo de uma chuva pesada. Estava meia hora atrasado. No caminho, Ray, o italianinho curtidor, apareceu na porta de um restaurante e me chamou. Havia um balcão de um lado e reservados do outro. Nos acomodamos num reservado e eu pedi um chá.

— Tem um tira lá fora de impermeável branco — Ray me falou. — Me seguiu do Tony até aqui, e eu tô com medo de sair.

Era uma mesa sustentada por tubos metálicos. A mão de Ray guiou a minha debaixo da mesa, até eu tocar a extremidade aberta de um tubo. Vendi duas cápsulas pra ele. Embrulhou-as num guardanapo de papel e enfiou o pacotinho dentro do tubo.

— Vou sair limpo primeiro, pro caso de levar uma geral — disse ele.

Tomei minha xícara de chá, agradeci a informação e saí primeiro. Eu levava o bagulho dentro de um maço de cigarros, pronto pra jogá-lo na enxurrada a qualquer momento, se necessário. Era verdade: havia mesmo um rapaz corpulento de impermeável branco em pé na soleira de uma porta. Quando me viu, logo se abalou rua acima, na minha frente. Daí, virou numa esquina, me esperando passar pra depois me seguir. Dei meia-volta e corri na direção contrária. Na altura da Sexta Avenida, ele já estava a uns cinquenta passos atrás de mim. Passei pela catraca do metrô e atirei o maço de cigarros atrás de uma máquina automática de chiclete. Desci voando a escada e peguei um trem que ia pra Times Square.

Bill Gains estava numa mesa da cafeteria. Vestia um sobretudo roubado e tinha outro dobrado no colo. Ostentava uma cara

petulante e satisfeita. Old Bart estava lá também, junto com um motorista de táxi desempregado chamado Kelly, que vivia pela rua 42 e juntava alguns dólares mascateando camisinhas e pedindo cinquenta cents pros transeuntes, no melhor estilo pé de chinelo. Contei-lhes sobre o detetive, e Old Bart foi até a estação do metrô apanhar o bagulho na máquina de chiclete.

Gains ficou irritado e disse, rabugento: — Pelo amor de Deus, olha bem de quem você pega dinheiro.

— Se eu não tivesse parado pra pegar o dinheiro do Ray, eu agora estaria a caminho da polícia federal.

— Bom, toma cuidado.

Enquanto esperávamos o Bart voltar, Kelly nos contou como tinha dado uma chamada num guarda nas Catacumbas.

Bart logo voltou com o bagulho. Informou que um sujeito de impermeável branco ainda estava rondando a plataforma da estação. Passei duas cápsulas pro Bart por baixo da mesa.

Fui com Gains ao quarto dele para um pico.

— Olha — disse ele —, vou ter de avisar o Bart que não dá mais pra eu ficar carregando ele nas costas.

Gains vivia numa casa de cômodos bem mixuruca no lado oeste, altura das ruas Quarenta. Abriu a porta do quarto. — Entra e me espera — disse. — Vou pegar meus trecos. — Como a maioria dos junkies, Gains também mocojava seus trecos (conta-gotas, agulha, garrote etc.) e cápsulas fora do quarto. Voltou com os trecos e nós dois tomamos um pico.

Gains tinha consciência da sua habilidade para se tornar invisível. De tempos em tempos, sentia que precisava se cuidar um pouco; assim, pelo menos lhe sobraria um pouco de carne onde espetar a agulha. Nesses períodos, ele caía fundo na realidade. Agora começou a vasculhar a escrivaninha. Pescou um envelope de papel kraft todo amarrotado. Me mostrou um certificado de dispensa da base de Annapolis, “a bem do serviço militar”, uma carta velha e encardida “do meu amigo, o capitão”, uma carta de apresentação endereçada aos maçons, outra aos Cavaleiros de Colombo.

— Qualquer coisinha ajuda — disse, apontando as cartas.

Ficou ali sentado, quieto e reflexivo, por alguns minutos. Depois sorriu. — Não passo de uma vítima das circunstâncias — disse. Levantou e foi guardar com cuidado o envelope. — Já estou manjado em todas as casas de penhor da cidade. Será que dá pra você botar esses sobretudos no prego pra mim?

Depois disso, as coisas foram ficando cada vez piores. Um dia, o funcionário do hotel me breçou no saguão. — Eu nem sei como lhe dizer isto, mas parece que tem alguma coisa errada com as pessoas que sobem pro seu quarto. Olha, eu também andava metido numas transas obscuras há uns anos. Só queria te avisar para tomar cuidado. Sabe, todas as chamadas passam pelo pbx do escritório. Ouvi uma hoje de manhã: tava muito na cara. Se fosse outra pessoa na mesa do pbx... Por isso, tome cuidado e avise seus amigos pra prestarem atenção no que dizem ao telefone.

Ele se referia ao telefonema do Doolie, que tinha me ligado de manhã. — Quero te ver — ele berrou do outro lado da linha. — Tô fissurado. Vou já praí.

Eu sentia os federais chegando perto. Era uma questão de tempo. Eu não confiava em nenhum dos fregueses do Village; estava convencido de que pelo menos um deles era um cagete profissional. Doolie era o suspeito número um; Nick vinha encostado em segundo lugar, com Chris atropelando em terceiro. Sem contar, claro, a possibilidade de Marvin ter escolhido um jeito mais fácil de arranjar dinheiro pra um par de meias.

Nick também descolava pra gente respeitável, que trabalhava no Village e gostava de uma curtição ocasional. Esses tipos oferecem pouca segurança, pois se intimidam com facilidade. Morrem de medo da polícia e de perder seus bons empregos. Não passa pela cabeça deles que não é muito elegante passar informações pros tiras. É claro que eles não vão de livre e espontânea vontade na polícia dedurar alguém, pois têm medo de se envolver. Mas costumam cantar bonitinho sob pressão.

Os investigadores de entorpecentes operam com a ampla colaboração de informantes. O procedimento rotineiro consiste em flagrar alguém com junk e deixá-lo cozinhar em fogo lento na cadeia

até sua fissura chegar ao máximo. Quando ele está no ponto, jogam a lenga-lenga rotineira: “Você pode pegar cinco anos por posse. Por outro lado, se quiser, você pode sair daqui agora mesmo. Você é que sabe. É bom negócio trabalhar pra gente. Não vai lhe faltar junk nem dinheiro pro gasto. Basta entregar as pessoas certas. Pense um pouco no assunto”.

O investigador joga umas cápsulas na mesa. É que nem botar um copo de água gelada na frente de um sujeito morto de sede. “Por que é que você não pega as cápsulas? Ah, bom, agora sim está sendo razoável. O primeiro homem que a gente quer pegar é...”

Tem gente que nem precisa de pressão. Junk e dinheiro pro gasto é tudo que eles querem na vida, não interessa como. O novo cagete recebe dinheiro marcado e a missão de realizar uma compra. A polícia fica de campana pra fazer a prisão. É essencial que o passador seja preso antes de trocar o dinheiro marcado. Os investigadores se apoderam do dinheiro marcado usado na compra e do junk adquirido. Se o caso é mais sério, o cagete é chamado pra depor. É claro que, aí então, sua presença no tribunal o expõe na praça, e mais ninguém do meio vai fazer negócio com ele. A menos que os investigadores queiram enviá-lo pra outra cidade — alguns dedos-duros habilidosos vivem em turnês pelo país —, sua carreira de informante está encerrada.

Cedo ou tarde, os passadores identificam o cagete e param de atendê-lo. Quando isso acontece, ele se torna inútil para a polícia, que, em geral, o deixa na mão. No fim, ele acaba puxando mais cana que todo mundo que ele dedurou.

No caso dos garotos, que não prestam pra caguetes em tempo integral, o procedimento é diferente. O investigador joga a velha conversa de tira: “Eu não gostaria de mandar um garoto como você pra gaiola. Claro, você fez bobagem. Mas pode acontecer com qualquer um. Agora, escuta: vou te dar uma chance, desde que você coopere com a gente; do contrário, não vai dar pra te ajudar”. Ou então eles dão uma dura no cara e dizem: “Onde foi que você arranjou isso?”. É o que basta pra um monte de gente. Entre os meus fregueses, eu tinha informantes de todo tipo, reais ou potenciais.

Depois da conversa com o funcionário do hotel, me mudei de hotel, me registrando com um nome falso. Parei de frequentar o Village e transferi todos os meus fregueses de lá para pontos de encontro em outros bairros.

Quando contei ao Gains o que o rapaz do hotel tinha me dito, comentando a nossa sorte de ele ser um cara legal, meu sócio falou: — Melhor puxar o carro. Atendendo essa corja a gente não vai durar muito.

— Bom — eu disse —, eles estão lá agora, esperando a gente em frente ao café automático. A turma toda. Vale a pena ir hoje?

— Vale. Vou a Lexington pro tratamento e preciso de grana pro ônibus. Me mando hoje à noite.

Assim que a gente se aproximou do ponto de encontro, Doolie se separou dos outros e veio correndo nos encontrar, com um blusão esporte de duas cores na mão. Calçava uma espécie de sandália ou chinelo.

— Me troca quatro cápsulas por este blusão — disse. — Faz vinte e quatro horas que estou a seco.

Era enervante ver o Doolie fissurado. A casca da sua personalidade se esvanecera, dissolvida pelas células famintas de junk. Suas vísceras e células, galvanizadas por uma atividade asquerosa, semelhante à dos insetos, estavam a ponto de irromper na superfície. A cara dele se tornara irreconhecível, ao mesmo tempo enrugado e intumescido.

Gains deu duas cápsulas ao Doolie e ficou com o blusão.

— Te dou mais duas amanhã à noite — disse —, aqui mesmo, às nove.

Izzy, que esperava calado, olhando Doolie com assombro e repugnância, disse: — Meu Deus! De sandália...

Os outros rodearam a gente de mãos estendidas; parecia um enxame de mendigos asiáticos. Ninguém tinha dinheiro.

— Sem fiado hoje — eu disse.

Em seguida, fui andando com Bill Gains. Nos seguiram, choramingando e puxando nossas mangas. — Só uma, só uma.

Eu disse que não e continuei caminhando. Aos poucos foram desistindo, um a um. Descemos pro metrô e avisamos Izzy, que nos

seguia, dos nossos planos de puxar o carro.

— É mesmo? — disse ele. — Eu entendo vocês. Sandália é demais!

Izzy comprou seis cápsulas; demos duas a Old Bart, que estava de partida para Riker's Island. Ia fazer o tratamento dos trinta dias.

Bill Gains examinava o blusão com seu olho clínico. — Pega dez dólares fácil — disse. — Tenho um alfaiate que me costura esse rasgo. — Um bolso estava meio estropiado. — Onde será que Doolie arranhou isto?

— Ele jura que foi na Brooks Brothers. Mas é o tipo do cara que rouba em qualquer lugar e depois vem dizer que foi na Brooks Brothers ou na Abercrombie & Fitch.

— Que chato — disse Gains com um sorriso —, esqueci que o meu ônibus sai às seis. Não vou poder dar a ele as outras duas cápsulas que prometi.

— Não faz mal — disse Izzy. — A gente dá um jeito nele. Descobrimos que ele trabalha pros ratos.

— Ah, é? Bom, então não faz a menor diferença.

Bill Gains partiu pra Lexington e eu me mandei pro Texas de carro. Levava 1/16 de onça de herô comigo. Achei que era uma redução de dose suficiente pra eu me desintoxicar. Eu tinha planejado cuidadosamente um esquema. Deveria durar doze dias. Eu levava o junk em solução num frasco; num outro, água destilada. Sempre que eu enchia o conta-gotas de junk para um pico, eu repunha no frasco de herô a quantidade equivalente de água destilada. No final, estaria me aplicando água pura. Esse método é bastante conhecido de todos os junkies. Existe uma variação conhecida como "cura chinesa", na qual se utiliza ópio e água tônica. Depois de algumas semanas, você está tomando apenas água tônica.

Quatro dias depois, em Cincinnati, eu estava sem junk e sem força pra sair do lugar. Nunca soube de nenhuma cura autoadministrada que funcionasse. Você sempre acha motivo pra um pico extra, o que requer cada vez mais junk. No fim, o junk acaba antes do previsto e você ainda está dependente.

Deixei o carro numa garagem e tomei o trem pra Lexington. Eu não tinha os documentos necessários à admissão, mas confiava no meu certificado de reservista pra me botar lá dentro. Em Lexington, peguei um táxi até o hospital, situado a alguns quilômetros da cidade. Na portaria do hospital, tinha um irlandês de guarda. Olhou meu certificado de reservista.

— O senhor é viciado em drogas que provocam dependência?

Eu disse que sim.

— Bom, sente-se. — Ele me apontou um banco.

Ligou para o prédio principal. — Não, ele está sem documentos... só um certificado de reservista. — Com o fone no ouvido, me perguntou: — O senhor já esteve aqui?

Respondi que não.

— Ele diz que nunca esteve aqui. — Desligou. — Um carro virá apanhar o senhor em alguns minutos. O senhor por acaso tem drogas, agulhas, conta-gotas consigo? Se tiver, pode deixar tudo aqui. Se pegarem o senhor no hospital com alguma coisa, estará sujeito a um processo por introduzir mercadorias ilícitas numa instituição governamental.

— Não tenho nada.

Pouco depois, um carro veio me buscar na portaria e me levou ao prédio principal. Um portão pesado com barras de ferro se abriu automaticamente diante do carro, fechando-se assim que passamos. Um guarda muito educado anotou meu histórico de viciado.

— O senhor está sendo muito previdente vindo até nós — disse. — Temos um homem aqui que nos últimos vinte e cinco anos passou todos os natais trancado numa cela.

Pus minhas roupas num cesto e tomei um banho. Em seguida, iam me examinar. Fiquei uns quinze minutos esperando o médico. Chegou pedindo desculpas por ter-me feito esperar, fez o exame e anotou meu histórico. Era cortês e eficiente. Ouviu minha narração, interrompendo aqui e ali com alguma pergunta ou comentário. Quando eu disse que costumava comprar junk em lotes de um quarto de onça, ele sorriu e falou: — Vendendo um pouco para manter o vício, né?

Por fim, me disse, reclinando-se na cadeira: — Como você sabe, só poderá sair daqui com um aviso prévio de vinte e quatro horas. Tem gente que vai embora depois de dez dias e permanece curada para sempre. Outros ficam seis meses e caem na droga de novo dois dias depois de saírem. Porém, estatisticamente falando, quanto mais tempo você ficar, melhores serão suas chances de cura. As rotinas aqui são mais ou menos impessoais. O processo de desintoxicação leva de oito a dez dias, dependendo da gravidade da dependência. Pode vestir esse roupão agora.

Tinham deixado pijama, roupão e chinelos à minha disposição. O médico falava rapidamente num ditafone. Fazia um resumo das minhas condições físicas e do meu histórico de viciado. “O paciente parece seguro de si. O motivo alegado para se submeter ao tratamento é a necessidade de sustentar a família.”

Um guarda me levou até a minha ala.

— Se você quer se ver livre das drogas — disse —, veio ao lugar certo.

O atendente da minha ala perguntou se eu realmente queria me afastar das drogas. Eu disse que sim. Ele me designou um quarto privativo.

Quinze minutos depois, o atendente anunciou: — Fila do pico! — Todo mundo formou fila. As pessoas eram chamadas pelo nome e enfiavam o braço numa janelinha da porta do dispensário, recebendo o pico das mãos do atendente. Fissurado do jeito que eu estava, aquele pico bastou pra me segurar. No ato, me bateu fome.

Fui até o centro da ala, onde havia bancos, cadeiras, um rádio, e puxei conversa com um italianinho mal-encarado. Ele me perguntou se eu tinha estado no hospital outras vezes. Respondi que não.

— Então você devia ficar com os Bem-Aventurados — disse. — Os quartos são melhores e você tem direito a um tratamento mais demorado.

Os Bem-Aventurados eram os novatos considerados com boas chances de cura permanente. Era óbvio que o médico da recepção não me tinha considerado um modelo de recuperabilidade.

Outras pessoas foram entrando na conversa. O pico tornara-os sociáveis. Primeiro apareceu um crioulo de Ohio.

— Quanto tempo você pegou? — perguntou-lhe o italianinho.

— Três anos — disse ele. Estava ali por ter falsificado receitas para vender. Começou a contar de uma cana que havia puxado na Estadual de Ohio. — É uma merda de lugar pra se puxar cana. Tem um bando de pivetes lá, é o maior jogo duro. Uns sacanas, todos eles. Você recebe os teus troços no comissariado e aí vem um pivete e te diz: “Me dá isso aí”. Se você não der, ele te acerta uma no bico. Daí, a gangue toda parte pra cima de você. E quem é que pode com eles todos?

Um crupiê do leste de St. Louis descrevia o método de cozinhar uma mistura de fenol, azeite de oliva e tintura de ópio, obtida com receita, pra extrair um junkezinho.

— Eu chego e digo pro coveiro que a minha mãe é muito velhinha e precisa da receita pras hemorroidas. Bom, depois de drenar o azeite, você bota o bagulho numa colher de sopa e esquentá na chama do fogão. O ácido fênico evapora. O troço te segura por vinte e quatro horas.

Um homem bonito, de corpo bem-feito, bronzeado, grisalho, de uns quarenta anos, contou como sua garota contrabandeava o bagulho pra ele numa laranja. — A gente estava na prisão municipal. Todo mundo fissurado, cagando nas calças feito ganso. Porra, aquela laranja tava amarga pra danar. Devia ter uns quinze ou vinte grãos nela, injetados com uma seringa. Nunca imaginei que ela fosse tão esperta.

Era a mesma lenga-lenga, com pequenas variações, saindo de cada boca:

— Daí, o guarda falou pra mim: “Dependente? Essa não cola pra cima de mim. Você é um drogado filho da puta, isso sim! E aqui ninguém vai te dar remédio nenhum!”.

— Azeite com tintura de ópio. O azeite vem à tona e você drena ele com o conta-gotas. Aí você cozinha a tintura até ela ficar da cor de alcatrão.

— Aí eu encontrei o Philly fissurado que nem um filho da puta.

— Bom, aí o coveiro pegou e disse: “O.k., quanto você costuma se aplicar?”.

— Já usaram Dilaudid em pó? Muita gente já se matou com isso. O que você conseguir pegar com a ponta de um palito de dente já é o bastante.

— É só cozinhar e mandar ver.

— Doidão.

— Loucão.

— Isso foi em 1933: vinte e oito dólares a onça.

— A gente costumava fazer um cachimbo com uma garrafa e um tubo de borracha. Quando acabava de fumar, a gente quebrava a garrafa.

— É só cozinhar e mandar ver nas canaletas.

— Doidão.

— Claro que dá pra aplicar cocaína na pele. Bate direto no estômago.

— Herô e coca. Você *saboreia* a mistura entrando no seu sangue.

Papo de faminto, que só sabe falar de comida. Com o tempo, o pico foi perdendo efeito. A conversa afrouxou. As pessoas se dispersaram; foram se deitar, ler ou jogar cartas. O almoço foi servido na própria ala e estava excelente.

Eram três picos diários. Um às sete da manhã, ao levantar, outro à uma da tarde e o último às nove da noite. Dois velhos conhecidos meus apareceram à tarde: Matty e Louis. Cheguei no Louis, na fila do pico da noite.

— Eles te pegaram? — ele me perguntou.

— Não. Tô aqui pro tratamento. E você?

— Eu também — respondeu.

Junto com o pico da noite, me deram um copo de hidrato de cloro. Cinco hóspedes novos chegaram na minha ala durante a noite. O atendente estava em polvorosa. — Não sei onde enfiar todo mundo. Agora tenho trinta e um malucões aqui.

Entre os novos hóspedes estava um senhor respeitável de setenta anos, grisalho, chamado Bob Riordan — um bandido da velha guarda, traficante de junk e batedor de carteira. Ele parecia um banqueiro de 1910. Chegou de carro com dois amigos. A caminho de Lexington, os três ligaram para o diretor nacional de Saúde, em Washington, e lhe pediram para avisar a portaria do hospital que

eles estavam chegando e deveriam ser admitidos. Chamavam o diretor-geral de Félix e pareciam conhecê-lo de outros tempos. Mas só Riordan se internou naquela noite. Os outros dois seguiram para uma cidade perto de Lexington, onde conheciam um coveiro que lhes providenciou um último pico para que eles não ficassem imobilizados por falta de junk.

Os dois voltaram ao hospital na hora do almoço do dia seguinte. Sol Bloom era um gordo com uma cara marcadamente judia. Transpirava bandidagem por todos os poros. Tinha um magrelo com ele chamado Bunky. Este poderia ser um antigo fazendeiro ou apenas um velhinho mirrado qualquer, não fossem seus olhos cinza, impassíveis e frios por trás dos óculos de armação metálica. Os dois eram amigos de Riordan. Tinham puxado muitas canas, a maior parte em prisões federais por tráfico de junk. Eram afáveis, mas um tanto reservados. Vieram com uma história de que pretendiam abandonar a droga por causa dos federais que viviam atrás deles.

Sol disse: — Poxa, eu adoro junk e posso encher meu quarto de junk, se quiser. Mas como não dá pra curtir sem ficar paranoico o tempo todo com a polícia, o melhor é cair fora pra sempre. — Continuou falando de uns conhecidos dele que eram junkies e acabaram se tornando cidadãos respeitáveis. — Agora eles dizem: “Não tenho nada a ver com o Sol. Ele não passa de um drogado”.

Acho que eles não esperavam que alguém acreditasse naquela conversa de abandonar o junk, e tal. Era só um jeito de dizer “O motivo que nos trouxe aqui é só da nossa conta”.

Outro recém-chegado era Abe Green, um judeu narigudo e pernetas. Era quase sócia do Jimmy Durante. Tinha olhinhos azuis de passarinho. Mesmo fissurado, irradiava intensa vitalidade. Na primeira noite estava tão mal que um médico foi vê-lo e lhe deu uma picada extra de meio grão de morfina. Em poucos dias já estava circulando pela ala, conversando e jogando baralho. Green era um passador manjado do Brooklyn, um dos poucos negociantes independentes no ramo. A maioria dos traficantes precisava trabalhar para a máfia ou desistir, mas Green tinha tantos contatos que conseguia se virar sozinho. Na época estava sob fiança, mas contava se safar do processo por ter sido preso ilegalmente. — Ele

(o investigador) me acordou a coronhadas no meio da noite. Queria que eu lhe desse meus contatos. Eu disse pra ele: “Eu tenho cinquenta e quatro anos e nunca disse nada pra vocês, nunca. Prefiro estar morto antes disso!”.

Contou de uma prisão em Atlanta, onde teve de cortar a frio a dependência. — Depois de catorze dias, eu já estava batendo a cabeça nas paredes. Saía sangue dos meus olhos e nariz. Quando o carcereiro aparecia, eu cuspi na cara dele. — Na sua boca, essas histórias ganhavam uma dimensão épica.

Benny era outro judeu junky da velha guarda de Nova York. Já tinha passado onze vezes por Lexington e estava ali agora por causa da lei Blue Grass. De acordo com essa lei, do Estado de Kentucky, “qualquer usuário notório de drogas entorpecentes está sujeito a um ano de prisão, na cadeia municipal, com a alternativa de se submeter ao tratamento em Lexington”. Era um judeuzinho gordo e baixinho, de cara redonda. Eu jamais poderia imaginar que ele era um junky. Vivia cantando, sonoro e bem afinado; seu melhor número era “Chuvvas de abril”.

Um dia, Benny apareceu todo excitado na sala de convivência.

— Moishe acabou de se internar — disse. — Não passa de um mendigo, e *ainda por cima* veado. Uma vergonha pra raça judia.

— Mas, Benny — alguém lembrou—, ele tem mulher e filhos.

— Não interessa; pra mim ele pode ter até dez filhos que vai continuar sendo veado.

Moishe apareceu uma hora depois. Era descaradamente veado, e ainda com pinta de chupim. Devia ter uns sessenta anos, cara lisa e rosada, cabelo preto.

Matty não parava quieto, falava com todo mundo na ala, fazia perguntas embaraçosas de chofre e descrevia com detalhes seus sintomas de privação. Nunca reclamava. Acho que nem era capaz de sentir pena de si mesmo. Bob Riordan perguntou o que ele fazia pra se virar e Matty respondeu: — Não passo de uma porra de um ladrão idiota. — Contou a história de um bêbado que dormia no banco da plataforma de uma estação de metrô. — Eu sabia que ele tinha uma bolada no bolso, mas sempre que eu chegava a dez passos dele o cara acordava e dizia: “Que cê quer?”. Era fácil

imaginar as vigorosas emanções intrusivas de Matty acordando o bebum. — Aí, então, eu apelei pra um cara que eu conhecia, um velho malandro ligadão em bolinha. Ele sentou do lado do bebum e, em vinte segundos, garfou-lhe a grana: cortou o bolso do sujeito!

— Você devia ter prensado ele na parede e pego você mesmo a grana — comentou Riordan num tom afável e condescendente.

O descaramento de Matty não tinha limites. Não havia incertezas dentro dele. Não tinha cara de viciado. Se um farmacêutico se recusava a lhe vender uma agulha, ele dizia: “Mas por que você não quer me vender essa agulha? E eu lá tenho cara de viciado?”. Foi um médico que iniciou Matty nas drogas. — Judeu filho da mãe — disse Matty. Ele costumava me dizer: “Matty, você anda precisando de um pico, de leve. Você está tão pálido!”. Mas eu fiz ele se arrepender de ter me conhecido.

Dava pra visualizar um velho médico judeu gordão tentando recusar um pico fiado ao Matty. Figuras como Matty representam um dos riscos inevitáveis do tráfico. Em geral, têm dinheiro; quando não, pedem fiado. Se você recusa, tentam te extorquir a droga na marra. Não sabem ouvir um não quando se trata de junk.

O tratamento no hospital de Lexington não foi planejado em função do bem-estar dos viciados. Começa com um quarto de grão de morfina três vezes ao dia, e dura oito dias — a droga usada agora é uma morfina sintética chamada dolofina. Depois dos oito dias, você recebe um pico de despedida e é encaminhado para a “população”. Lá te dão barbitúricos durante três noites, e aí acaba a medicação.

Para um caso de dependência mais aguda, é um programa muito violento. Tive sorte de chegar fissurado, assim a quantidade aplicada no tratamento foi suficiente pra eu me segurar. Quanto maior a fissura e quanto mais tempo você está sem junk, menor é a quantidade necessária pra te segurar.

Quando chegou a hora do meu pico de despedida, fui encaminhado à ala B, ou “Boca do Lixo”, como eles chamam. Não tinha nada de errado com as acomodações, mas os internos davam pena. No meu setor tinha um bando de vagabundos decrepitos que babavam o tempo todo.

Você pode ficar até sete dias na “população” depois que a medicação termina. Daí, te obrigam a escolher uma ocupação e começar a trabalhar. Lexington possui uma fazenda completa, inclusive um laticínio. Tem uma seção de laticínios para acondicionar frutas e vegetais cultivados na fazenda, um ateliê odontológico, onde os internos fazem próteses dentárias, uma oficina de assistência técnica para aparelhos de rádio e uma biblioteca. As pessoas trabalham também como faxineiros, cozinheiros, serventes e ajudantes dos atendentes das alas. Há, portanto, uma ampla variedade de ocupações à escolha.

Eu não pretendia ficar tanto tempo que precisasse trabalhar. Logo que o meu pico de despesada começou a se dissipar, caí na fissura de novo. Era só uma sombra do meu estado de quando cheguei lá, mas, ainda assim, era bem ruim. Não dormi naquela noite, mesmo com sedativos. No dia seguinte, eu estava pior. Não conseguia comer nada, era um esforço me mexer. A dolofina suspende a fissura, mas, assim que a medicação é cortada, a fissura volta. “Não é no salão dos picos que você corta a dependência”, me disse um dos internos. “Você corta é aqui, na população.” Eu ainda estava mal, quando a medicação da noite cessou. Numa tarde varrida por ventos frios, cinco de nós entramos num táxi para a cidade de Lexington.

“A coisa certa a fazer é cair fora de Lexington logo”, disseram meus companheiros. “Ir direto pra rodoviária e não sair de lá até a hora da partida. Senão, você fica sujeito à Blue Grass.” Essa lei visava, entre outras coisas, proteger os médicos e farmacêuticos do Kentucky contra o assédio dos viciados a caminho ou egressos da Fazenda de Desintoxicação de Lexington. Destinava-se também a desencorajar os junkies a ficarem rondando pela cidade de Lexington.

Em Cincinnati, percorri várias farmácias para comprar garrafas de uma onça de paregórico. Duas onças de paregórico bastam para aplacar um viciado em redução de dependência, como era o meu caso. Bebi três onças de paregórico — quase um litro — com um pouco de água morna. Depois de dez minutos, comecei a sentir o

junk se alastrar, aplacando a fissura. Senti fome no ato e saí do hotel pra comer.

Depois disso, fui ao Texas e fiquei mais ou menos quatro meses fora da vida junky. Daí, fui para New Orleans. Essa cidade apresenta um conjunto estratificado de ruínas. Ao longo da Bourbon Street existem ruínas dos anos 1920. Mais pra frente, onde o Bairro Francês se mistura à boca do lixo, se encontram ruínas mais arcaicas: bibocas de *chili*, hotéis decadentes, velhos *saloons* com balcões de mogno e lustres de cristal. Ruínas do princípio do século XX.

Tem gente em New Orleans que nunca saiu dos limites da cidade. O sotaque deles é muito parecido com o do Brooklyn. O Bairro Francês vive apinhado de gente. Turistas, trabalhadores, marinheiros mercantes, jogadores, malandros, vagabundos e fugitivos de todos os estados da União. As pessoas vão e vêm sem se falar, sem rumo, a maioria ostentando caras vagamente rancorosas e hostis. Mas é um lugar onde você se diverte. Até os criminosos vêm aqui pra dar um tempo e relaxar.

Porém, os infelizes que saem desesperados à cata de prazeres permanecem numa tensão constante, como se circulassem por um desses labirintos eletrificados que os psicólogos inventaram para bagunçar o sistema nervoso dos ratos brancos e porquinhos-da-índia. New Orleans é extraordinariamente barulhenta. Os motoristas se orientam, em princípio, pelo som das buzinas, como os morcegos. Seus habitantes são mal-humorados. A população flutuante é uma miscelânea tão díspar de gente, que não dá pra prever a reação de ninguém. Tudo é possível.

New Orleans era uma cidade desconhecida pra mim, e eu não tinha como descobrir um contato de junk. Andando pela cidade, localizei vários territórios junkies: St. Charles com Poydras, a zona em torno e além do Lee Circus, Canal e Exchange Place. Eu não detecto um território junky pela aparência, e sim pela sensibilidade, como um hidróscopo localiza água. Eu vou andando e, de repente, o junk nas minhas células se agita e vibra como a vareta de um hidróscopo: "Aqui, junk!".

Mas eu não conhecia ninguém, e além disso pretendia ficar fora da jogada. Pelo menos era o que eu pensava.

Uma noite, eu estava no Frank's Bar, numa travessa de Exchange Place, bebendo uma cuba-libre. Lugar ambíguo: marinheiros e estivadores, veados, crupiês do salão de pôquer que funcionava a noite toda na casa vizinha mais algumas figuras inclassificáveis. Tinha um sujeito do meu lado, de meia-idade, grisalho, cara magra e comprida. Perguntei a ele se gostaria de me acompanhar numa cerveja.

Ele disse: — Eu aceitaria, mas infelizmente... infelizmente não estou em condições de retribuir. — Via-se que era um trabalhador braçal, autodidata e um chato de carteirinha assim que reconhecia no interlocutor “um homem de inteligência”.

Pedi duas cervejas. Ele me explicou que, de hábito, era um homem de retribuir favores. Quando as cervejas chegaram, ele disse: — Que tal irmos para uma mesa onde a gente possa discutir a situação mundial e o significado da existência, sem ninguém nos importunando? — Levamos nossos copos até uma mesa. Eu já estava pensando numa desculpa pra me mandar, quando de repente o sujeito disse: — Veja, por exemplo, eu sei que você se interessa por drogas.

— Como você sabe? — perguntei.

— Eu sei — disse ele, sorrindo — que você está aqui investigando entorpecentes. Já trabalhei muito nessa área também. Já fui umas cinquenta vezes ao fbi daqui, para contar a eles o que eu sei. Você não deve ignorar, é claro, as ligações entre entorpecentes e comunismo. Eu embarquei num navio da linha c & a no ano passado. Essa linha é controlada pelos comunistas. O engenheiro-chefe era um deles. Saquei o sujeito de cara. Fumava cachimbo e o acendia com um isqueiro para cigarro. Usava o isqueiro para enviar sinais. — Ele mostrou como o engenheiro acendia o cachimbo, cobrindo e descobrindo a chama com a mão, para transmitir a mensagem. — Era um cara muito delicado — concluiu.

— Mensagem para quem? — perguntei.

— Não sei exatamente. Um avião nos seguiu por algum tempo. Cada vez que ele saía para acender seu cachimbo no convés, eu escutava o avião. Deixe eu lhe dizer uma coisa que vai ajudá-lo a poupar muito tempo. O lugar certo para obter as informações que você procura é o Hotel da Fronteira. Os donos desse hotel são os mesmos que exploram o Standish Hotel, na Filadélfia. Eles estão metidos com entorpecentes e têm ligações com os comunistas.

— Não acha perigoso falar assim tão abertamente? Você nem sabe quem eu sou. E se eu fosse um deles?

— Eu sei com quem estou lidando — disse ele. — Se não soubesse, a esta altura já estaria morto. De toda essa gente do bar, escolhi justo você, não foi?

— Foi, mas por quê?

— Alguma coisa sempre me diz o que fazer. — Mostrou uma medalhinha de santo pendurada no pescoço. — Não fosse por isto, eu já teria hospedado uma bala ou uma facada há muito tempo.

— Por que essa preocupação com entorpecentes?

— Porque eu não gosto do que os entorpecentes fazem às pessoas. Eu tinha um companheiro de embarcação que usava drogas.

— Me diga uma coisa — eu disse —, qual é exatamente a ligação entre entorpecentes e comunismo?

— Você sabe melhor que eu. Só está me testando para ver o quanto eu sei. Tudo bem. As pessoas que estão nos entorpecentes e no comunismo são as mesmas. Controlam, neste momento, a maior parte da América. Sou marinheiro. Vivo embarcado há vinte anos. A quem pertencem os cargos lá no Sindicato da Marinha Mercante? A brancos americanos como eu e você? Não senhor: a carcamanos, galegos, crioulos. E tudo por quê? Ora, porque o sindicato controla o trabalho nos navios e os comunistas controlam o sindicato.

Quando me levantei para sair, ele disse: — Bom, se precisar de mim, estou por aí.

\* \* \*

No Bairro Francês, há vários bares gays tão repletos de gente todas as noites, que os veados transbordam pras calçadas. Um

ambiente cheio de veados me enche de pavor. Eles se agitam pra lá e pra cá que nem marionetes movidas por fios invisíveis, galvanizados por um frenesi hediondo que é a própria negação de tudo que é vivo e espontâneo. A vida genuína se mudou desses corpos há muito tempo. E algo se infiltrou lá dentro depois que o inquilino original foi embora. Veados são bonecos de ventríloquos que tomaram de assalto a alma do mestre. O boneco senta no balcão ninando sua cerveja e tagarelado sem parar. Nada é capaz de alterar seus traços rígidos de boneca, inumanos.

De vez em quando, você encontra personalidades intactas num bar gay, mas são as bonecas que estabelecem o padrão nessas bibocas, e eu sempre me deprimos quando entro numa delas. Com o tempo, a depressão só aumenta. Depois de uma semana numa cidade nova, já esgotei todas as possibilidades desses bares; só me resta fuçar outros cantos, em geral nos bares da boca do lixo e imediações.

Mas às vezes eu tenho umas recaídas. Uma noite, no Frank's, fiquei descerebrado de tanto beber, e fui a um bar gay. Devo ter bebido mais lá, pois sofri um lapso de tempo. Já estava clareando lá fora quando se abriu no bar um desses súbitos bolsões de silêncio. Silêncio é algo que não ocorre com frequência num bar gay. Acho que a maioria dos veados já tinha ido embora. Eu estava debruçado no balcão diante de uma cerveja que eu não queria. O barulho se dissipou feito fumaça e notei que a mais ou menos um metro de distância um garoto ruivo me olhava fixamente.

Como ele não veio com veadagem pra cima de mim, me animei a dizer: "E aí, como vão indo as coisas?", ou algo assim.

— Quer ir pra cama comigo? — disse ele.

— O.k., vamos nessa — eu disse.

Quando a gente ia saindo do bar, ele apanhou minha garrafa de cerveja no balcão e escondeu-a sob o paletó. Lá fora já era dia. O sol despontava. Atravessamos às tontas o Bairro Francês, passando a garrafa um pro outro. Ele estava me levando ao seu hotel, pelo menos foi o que me disse. Eu sentia o meu estômago se crispar, como se eu estivesse prestes a tomar um pico depois de muito tempo sem junk. Eu devia ter ficado mais atento, sem dúvida, mas

nunca consegui misturar sexo com vigilância. O tempo todo eu ouvia a voz sexy dele, cujo sotaque sulista não era de New Orleans. Mesmo à luz do dia, ele ainda me parecia apetecível.

Chegamos no hotel, e ele veio com um papo de que tinha de entrar sozinho primeiro. Tirei umas notas do bolso. Ele deu uma olhada e disse: — Melhor você me dar uma de dez.

Dei a ele. Entrou no hotel e logo depois voltou.

— Lotado — disse. — Vamos tentar o Savoy.

O Savoy ficava logo ali, do outro lado da rua.

— Espere aqui — ele disse.

Fiquei esperando mais ou menos uma hora. De repente, me bateu o que estava errado com o primeiro hotel. Não devia ter porta dos fundos ou lateral por onde ele pudesse escapar. Voltei ao meu apartamento e peguei meu revólver. Fiquei esperando perto do Savoy; depois dei umas bandas pelo Bairro Francês, à cata do garoto. Já devia ser meio-dia quando me deu fome. Tracei um prato de ostras e um chope. Ao sair do restaurante, senti um cansaço repentino, desses de dobrar as pernas, como se tivessem me aplicado golpes de caratê atrás dos joelhos.

Peguei um táxi pra casa e me joguei de atravessado na cama, sem nem tirar o sapato. Acordei por volta das seis da tarde e fui ao Frank's. Três chopos depois, eu já estava me sentindo melhor.

Cruzei olhares com um homem que estava ao lado da jukebox. Seu olhar era cúmplice, desses que um veado lança pra outro. Ele parecia uma dessas cabeças artesanais de terracota usadas como vaso. Cara de camponês com intuição, estupidez, inteligência e malícia de camponês.

A jukebox não estava funcionando. Fui até lá e lhe perguntei o que havia de errado com ela. Ele disse que não sabia. Sugeri que tomasse um drinque comigo, e ele pediu uma coca-cola. Disse que se chamava Pat. Falei pra ele que eu tinha acabado de chegar da fronteira do México.

— Eu queria descer até lá também — disse ele. — Queria trazer uns bagulhos do México.

— A fronteira é a maior sujeira — eu disse.

— Não vá se ofender com o que eu vou te dizer, mas você tem cara de quem é chegado nos bagulhos.

— Claro que eu sou.

— Tá a fim de descolar algum? — perguntou. — Posso descolar em alguns minutos. Andei tentando batalhar a grana. Se você me comprar uma cápsula, eu descolo pra você.

— O.k. — eu disse.

Viramos a esquina, no prédio do Sindicato da Marinha Mercante.

— Espere aqui um instante — disse ele, desaparecendo em seguida pela porta de um bar. Desconfiei que ele fosse me passar a perna em quatro dólares, mas, minutos depois, estava de volta. — O.k. — disse ele —, tá em cima.

Convidei-o pra um pico no meu apartamento. Fomos pro meu quarto e peguei meus apetrechos, sem uso há cinco meses.

— Se você não é dependente, melhor ir com calma — ele me advertiu. — Esse bagulho é poderoso.

Me servi de dois terços de uma cápsula.

— Metade basta — disse ele. — Estou dizendo que o negócio é forte.

— Assim tá bom, não se preocupe — eu disse. Porém, assim que puxei a agulha da veia senti que nada estava bom. Senti um leve sopro no coração. Os contornos do rosto de Pat foram escurecendo, escurecendo, até serem engolidos inteirinhos pela escuridão. Deu pra sentir meus olhos revirando nas órbitas.

Voltei a mim horas depois. Pat tinha ido embora. Eu estava esticado na cama, com o colarinho aberto. Levantei e tombei de joelhos. Estava tonto, a cabeça doía. Tinham sumido dez dólares do bolsinho da minha calça. Ele deve ter imaginado que eu não ia mais precisar deles.

Dias depois, encontrei Pat no mesmo bar.

— Deus do céu — disse ele —, achei que você estava morrendo! Abri seu colarinho e esfreguei gelo na sua cara. Você ficou inteirinho azul. Então, eu pensei: “Nossa mãe, esse cara tá morrendo! Vou dar no pé. Eu, hein!”.

Uma semana depois, e lá estava eu, fígado de novo. Perguntei a Pat sobre as condições do tráfico em New Orleans.

— A cidade está coalhada de caguetes — disse ele. — A barra é pesada pra valer.

Continuei a descolar através de Pat. Parei de beber e de sair à noite. Caí na programação rotineira: uma cápsula de junk três vezes ao dia: entre elas, um tempo pra ser preenchido de alguma maneira. Em geral, eu passava as horas pintando e executando trabalhos pela casa. Trabalho manual faz o tempo passar mais rápido. Claro que muitas vezes eu também passava um bom tempo tentando descolar a droga.

Na primeira vez que estive em New Orleans, o maior passador local — o “Homem”, como eles dizem lá — era um tipo chamado Amarelo. Tinha esse nome porque sua tez era de um amarelo figadal. Baixinho, mirrado, e manquitolava um pouco. Operava a partir de um bar próximo do prédio do Sindicato e, às vezes, ficava chocando uma cerveja só pra justificar as longas horas que passava diariamente no bar. Naquela época, ele estava sob fiança; quando seu caso foi a julgamento, pegou dois anos de cana.

Seguiu-se um período confuso, no qual era difícil descolar junk. Às vezes eu gastava seis, oito horas rodando de carro com Pat, esperando ou procurando pessoas que poderiam ter o material. Por fim, Pat fez contato com um atacadista: um dólar e meio por cápsula e um mínimo de vinte cápsulas por vez. Esse contato era o Bob Brandon, um dos poucos traficantes que eu conheci que não usavam a droga.

Pat e eu começamos a passar junk em escala reduzida, o suficiente para assegurar nosso fornecimento pessoal. Só cuidávamos de pessoas que o Pat conhecia, em quem ele tinha confiança. Dupré era o nosso melhor freguês. Era crupiê num cassino e sempre tinha dinheiro. Mas era um saco sem fundo, não conhecia limites, se empapuçava pra valer. Resultado: acabou perdendo o emprego.

Don, um vizinho antigo e amigo de Pat, tinha um emprego no centro da cidade. Fiscalizava não sei o quê. Vivia a metade do tempo na fissura. Nunca tinha dinheiro para mais que uma cápsula. A maior

parte da sua grana vinha da irmã. Pat me contou que Don tinha câncer.

— Bom — eu disse —, parece que logo vamos perder um freguês.

E perdemos mesmo. Um dia Don caiu de cama, vomitou durante toda uma semana, e morreu.

O “Seltzer Willy” tinha um caminhão de entrega de club soda. Seu negócio lhe rendia o suficiente para duas cápsulas diárias. Ele não era um traficante muito aplicado de club soda. Magro, ruivo, delicado — o tipo do sujeito inofensivo.

— Ele é muito tímido — explicou Pat. — Tímido e estúpido.

Outros apareciam só para uma curtição ocasional. Um deles era o Whitey (Branquelo) — na verdade, um tipo bem moreno —, que trabalhava de garçom num grande hotel. Era gordo e estúpido. Achava que por comprar uma cápsula adquiria o direito de levar outra fiado. Uma vez em que Pat o deixou na mão, Whitey correu pra porta furioso e, brandindo uma moeda no ar, disse: “Estão vendo esta moeda? Vocês vão se arrepender por me deixar na mão. Vou botar a máfia em cima de vocês”. O que tinha a ver aquela moeda com a máfia?

Eu disse ao Pat que era melhor parar de atender o Whitey.

— Certo — disse Pat. — Só que ele sabe onde eu moro. Precisamos achar outro lugar.

Outro curtidor ocasional era Lonny, o Cafetão, que tinha se criado no puteiro de sua mãe. Lonny procurava espaçar seus picos, para evitar a dependência. Vivia chorando que não tinha grana, que as despesas com os quartos do hotel era enorme, que a polícia vivia no pé dele etc. “Sabe como são as coisas”, ele dizia. “Não tenho lucro.”

Lonny era cafetão até a alma. Era ossudo e nervoso. Não conseguia parar quieto na cadeira nem calar a boca um só instante. Falava sem parar, gesticulando com suas mãos recobertas de pelos longos e lustrosos. Estava na cara que ele tinha um pênis grande. É comum nos cafetões. Lonny andava sempre alinhado e rodava num Buick conversível. Mesmo assim, não hesitava em botar uma cápsula de dois dólares na conta.

Costumava dizer, depois de um pico, enquanto descia a manga da camisa de seda listrada e fechava a abotoadura: “Olha, eu ando

meio duro, viu. Cês não se importam de botar essa na conta, né? Cês sabem que eu sou bom freguês”.

Pat o olhava com seus olhos injetados. Um olhar rancoroso de camponês. — Pelo amor de Deus, Lonny, a gente tem que pagar esse bagulho. Que é que você ia achar se as pessoas chegassem, comessem as suas garotas e depois pedissem pra pôr na conta? — Pat balançou desconsolado a cabeça. — Você é igualzinho a todos eles. Depois que tomam nas canaletas, não pensam em mais nada. Eu ofereço um lugar tranquilo pra rapaziada se aplicar em paz, e o que eu recebo em troca? Nada. Vocês só querem saber do pico.

— Bom, Pat, não quero te deixar no toco. Olha aqui um dólar, o resto eu pago hoje à tarde, o.k.?

Pat embolsava o dólar sem abrir a boca, mas contraindo os lábios em sinal de reprovação.

Seltzer Willy aparecia lá pelas dez, em pleno horário de trabalho, tomava um pico e levava outra cápsula para a noite. Dupré vinha perto do meio-dia; ele trabalhava de madrugada. Os outros apareciam quando lhes dava na telha.

O nosso contato, Joe Brandon, estava livre sob fiança. A Justiça Estadual o processava por posse de junk, um crime, de acordo com a lei da Louisiana. A acusação se baseava em vestígios — quer dizer, ele se livrara do junk antes que os tiras botassem seu apartamento de pernas pro ar, mas não lavara os frascos que continham o bagulho. A Justiça Federal não acata processos baseados em “vestígios”, por isso o Estado se incumbiu de Brandon. É o procedimento normal na Louisiana. A Justiça Federal passa os casos duvidosos para o Estado, que processa qualquer coisa. Brandon esperava se safar. Tinha bons contatos com a máquina política e, além disso, o Estado costumava ter mão branda. Só que o promotor público invocou com a ficha de Brandon, em que constava uma condenação por assassinato, e ele pegou de dois a cinco anos.

Pat não demorou para arranjar outro contato, e a gente seguiu em frente no tráfico. Um passador de rua chamado Jonkers começou a vender na esquina da Exchange com a Canal. Pat perdeu alguns fregueses para Jonkers. Na verdade, o bagulho de Jonkers era melhor, e às vezes até eu descolava do Jonkers, ou do sócio dele,

um caolho chamado Richter. Pat sempre acabava descobrindo — era intuitivo como uma mãe possessiva — e, aí, ficava de cara amarrada por um ou dois dias.

Jonkers e Richter não duraram muito. Aquela esquina deles era o ponto mais sujo de New Orleans para junk. Quando soube da prisão dos dois, Pat comentou: — Agora quero ver os meus antigos fregueses voltando pra mim... Eu bem que avisei o Lonny: “Quer descolar do Jonkers, vai nessa; mas não me volte mais aqui, esperando que eu te atenda”. Você vai ver só o que eu vou dizer, se ele aparecer por aqui. Ele e o Whitey, que também andou descolando do Jonkers. — E me lançou um de seus olhares cheios de rancor.

Um dia, a mulher que gerenciava o hotel do Pat me parou no saguão. — Só queria te dizer pra tomar cuidado. Os tiras estiveram aqui ontem e deram uma busca completa no quarto do Pat. Prenderam o rapaz do caminhão de club soda. Ele tá na cadeia agora.

Agradei a ela. Um pouco depois, Pat chegou. Contou que os tiras tinham pego o Seltzer Willy, quando ele saía do hotel. Não acharam nada com ele, mas mesmo assim o levaram para o terceiro distrito. “Detido para investigações.” Ficou lá as setenta e duas horas que a lei permite que se detenha alguém sem acusação formal.

Os tiras revistaram o quarto de Pat, mas ele mocojava o junk no corredor, por isso não acharam nada. Pat disse: — Eles me falaram: “Temos informação de que você mantém um salão de picos aqui. Melhor você puxar o carro, garoto. Da próxima vez a gente vem pra te levar, sem mais”.

— Bom — eu disse —, é melhor mesmo deixar pra lá, com exceção do Dupré. Não tem perigo atender ele.

— Dupré perdeu o emprego — contou Pat. — Já está me devendo vinte dólares.

Caímos de novo na velha rotina de ter de descolar nosso junk todo santo dia. Descobrimos que Lonny era “o Homem” agora. É assim que as coisas se passavam em New Orleans. Ninguém sabia quem ia ser o “Homem” da próxima vez.

Nessa época, uma onda antidrogas invadiu a cidade. O chefe de polícia disse: "Essa campanha vai durar enquanto houver um único infrator solto nesta cidade". Os legisladores estaduais soltaram uma lei transformando em crime o vício em drogas. Não especificavam onde, quando nem o quê eles queriam dizer com viciado em drogas.

Os tiras começaram a parar os viciados nas ruas, examinando seus braços pra ver se encontravam marcas de picada. Se achavam marcas, pressionavam o cara até ele assinar um depoimento admitindo sua condição, de modo a enquadrá-lo na "lei do viciado". Eles prometiam suspender a sentença se o cara admitisse a culpa, só pra fazer a lei pegar. Os viciados passaram a procurar veias longe dos braços. Se os tiras não achavam marcas na pessoa, paravam de importuná-las. Mas, se achavam, seguravam o sujeito por setenta e duas horas, tentando fazê-lo assinar o tal depoimento.

Lonny foi obrigado a abandonar o ofício, pois seu fornecedor desistiu do negócio, e logo foi substituído por uma figura chamada Old Sam. Agora o "Homem" era Old Sam. Ele já tinha puxado doze anos de cana em Angola. Operava no território que se iniciava em Lee Circus, outro ponto sujo em New Orleans para junk ou qualquer outra história.

Um dia, me vi duro. Então, embrulhei o revólver para levar a uma casa de penhores na cidade. Antes, passei pelo quarto de Pat no hotel. Tinha duas pessoas lá: Red McKinney, um junky aleijado e todo encarquilhado, e Cole, um jovem marinheiro mercante. Cole ainda não era dependente nessa época, tudo que ele queria era um contato pra descolar maconha. Era um autêntico maconheiro o cara. Me disse que não conseguia achar graça na vida sem maconha. Tenho visto gente assim. Para eles, a maconha ocupa o espaço que o álcool costuma ocupar. Não que precisem dela no sentido físico; é que não conseguem realmente se divertir sem fumo.

Por acaso, eu tinha um tijolinho de maconha em casa. Cole concordou em nos comprar quatro cápsulas, em troca de duas onças de maconha. Fomos pra lá, Cole experimentou a erva e disse que era da boa. Fizemos negócio e saímos todos pra descolar o junk nosso de cada dia.

Red disse que conhecia um contato na Julia Street. — É capaz da gente encontrar ele lá agora.

Pat, de barato, dirigia meu carro. Estávamos na balsa, indo de Algiers, onde eu morava, para New Orleans. De repente, Pat se empertigou e arregalou os olhos injetados.

— Aquele lugar é a maior sujeira — disse bem alto.

— Onde mais a gente poderia descolar? — perguntou McKinney.— O Old Sam também fica praquelles lados.

— Tô dizendo pra você que aquele lugar é a maior sujeira — Pat repetiu. E olhou com rancor em volta, como se a visão lhe fosse estranha e desagradável.

De fato, não havia outro lugar onde descolar junk. Sem uma palavra, Pat tocou na direção de Lee Circus. Ao chegarmos na Julia Street, McKinney disse a Cole: — Me passa o dinheiro. A gente pode ver ele a qualquer momento. O cara fica rondando esse quarteirão. É um contato ambulante.

Cole passou quinze dólares a McKinney. Demos três voltas lentas no quarteirão, mas McKinney não avistou o “Homem”.

— Bom, acho que a gente vai ter que tentar o Old Sam — disse McKinney.

Começamos a procurar Old Sam do Lee Circus em diante. Old Sam não estava na velha casa de cômodos onde alugava um quarto. Rodávamos bem devagar. De vez em quando, Pat via algum conhecido e parava o carro. Ninguém tinha visto Old Sam. Algumas figuras com quem Pat falava apenas davam de ombros, incomodados, e seguiam seu caminho.

— Esses caras nunca te dizem nada — falou Pat. — Dói muito fazer um favor pra alguém.

Paramos o carro perto da casa de Old Sam, e McKinney foi a pé até a esquina comprar um maço de cigarros. Voltou manquitolando às pressas e entrou no carro.

— A polícia! — disse. — Vamos dar o fora daqui.

Já íamos saindo do meio-fio, quando uma radiopatrulha passou por nós. Vi o tira que dirigia o carro olhar pra a gente uma vez, e logo olhar de novo assim que viu Pat.

— Eles sacaram a gente, Pat — eu disse. — Vamos dar o fora!

Nem precisava dizer. Pat pisou fundo no acelerador e entrou numa rua, em direção à Corondolet. Me virei pro Cole, sentado no banco de trás, e ordenei: — Joga fora esse fumo!

— Dá um tempo — Cole replicou. — A gente já deve ter se livrado deles.

— Tá maluco? — eu disse. Pat, McKinney e eu gritamos em coro: — *Joga fora!*

A gente tinha pego a Corondolet, na direção da cidade. Cole atirou o pacote de fumo pela janela e ele foi parar embaixo de um carro estacionado. Pat virou a primeira à direita e pegou uma rua de mão única. A radiopatrulha vinha vindo na contramão. Um velho truque dos tiras. Ficamos encurralados. Ouvei Cole gritar: — Meu Deus, estou com um baseado!

Os tiras saltaram com as mãos nos coldres, mas sem sacar as pistolas. Avançaram para o nosso carro. Um deles, o que estava dirigindo e tinha reconhecido Pat, vinha com um sorriso escancarado na cara. — Onde arranjou esse carro, Pat? — perguntou.

O outro tira abriu a porta traseira. — Todo mundo pra fora! — disse.

McKinney e Cole estavam no banco de trás. Eles saíram, e os dois tiras deram uma geral neles. De cara, o tira que conhecia Pat achou o baseado no bolso da camisa de Cole.

— Achei o suficiente aqui pra levar a corja toda — disse.

Esse tira tinha uma cara lisa, avermelhada, e sorria o tempo todo. Achou meu berro no porta-luvas. — Essa arma é estrangeira — ele disse. — Você registrou ela no Departamento de Renda Interna?

— Eu achei que isso era só pra armas totalmente automáticas — expliquei —, dessas que disparam mais de um tiro com uma só puxada de gatilho.

— Não — disse o tira, sorrindo. — Se aplica a qualquer automática estrangeira.

Eu sabia que ele estava errado, mas não ia adiantar nada dizer isso a ele ali. Deu uma olhada nos meus braços. — Você andou picando demais esse braço. Olha, está quase infeccionando — disse, apontando para um hematoma provocado pela agulha.

O camburão chegou e fomos todos trancados lá dentro. Levaram a gente pro segundo distrito. Os tiras examinaram os documentos do meu carro. Não acreditavam que fosse meu. Fui revistado pelo menos umas seis vezes por diferentes pessoas. Por fim, nos puseram numa cela de um e oitenta por dois metros e meio. Pat sorriu e esfregou as mãos.

— Daqui a pouco vamos ter uns drogaditos de merda bem fissurados neste recinto — disse.

Um pouco mais tarde, o carcereiro veio e chamou meu nome. Fui levado a uma saleta que se abria pro saguão da delegacia.

Havia dois investigadores numa mesa. Um alto e gordo, com cara de sapo sulista. O outro era um tira atarracado de meia-idade, com jeito de irlandês. Faltavam-lhe alguns dentes na frente, o que dava à sua boca um ar ligeiramente leporino. Podia muito bem ter sido um antigo assaltante de carruagens. Não tinha pinta de burocrata.

O cara de sapo, pelo jeito, era o encarregado do interrogatório. Disse pra eu me sentar na sua frente, do outro lado da mesa. Empurrou um maço de cigarros e uma caixa de fósforos na minha direção. — Pega um cigarro — disse. O irlandês estava sentado à minha esquerda, na ponta da mesa. Perto o bastante para me agarrar sem se levantar. O tira-chefe examinava os documentos do meu carro. O conteúdo dos meus bolsos estava espalhado à sua frente: uma caixa de óculos, documentos de identidade, carteira, chaves, carta de um amigo de Nova York, tudo menos meu canivete, que o tira de cara lisa da radiopatrulha tinha metido no bolso.

De repente, me lembrei da carta. Esse amigo que me escrevera era maconheiro e um passador esporádico. Tinha me perguntado, em outra carta, quanto custava uma boa maconha em New Orleans. Pat me informara: mais ou menos quarenta dólares meio quilo. Na carta sobre a mesa, meu amigo fazia referência à cotação de quarenta dólares que eu lhe dera e dizia que, sendo assim, queria comprar uma certa quantidade.

No começo, achei que eles fossem deixar a carta pra lá. Afinal, eram da delegacia de furtos de automóveis e estavam a fim de carro roubado. Continuaram examinando meus documentos e fazendo

perguntas. Se apegavam sobretudo a algumas dúvidas que eu tinha sobre datas do carro. Pareciam a ponto de endurecer.

Por fim, eu disse: — Bom, é só verificar. Vocês vão ver que eu estou falando a verdade. O carro é meu. Mas não tem jeito de convencer vocês na conversa. Se quiserem, eu digo que roubei o carro e pronto. Só que vocês vão acabar descobrindo que o carro é meu mesmo.

— Vamos investigar, não tenha dúvida.

O cara de sapo dobrou os documentos com cuidado e os deixou de lado. Daí, pegou o envelope e olhou o endereço e o carimbo do correio. Tirou a carta de dentro. Leu a carta em silêncio. Releu em voz alta, pulando as partes que não falavam de maconha. Largou a carta na mesa e me encarou.

— Você não apenas usa maconha — disse — como também é passador. E eu sei que você tem um bom lote da mercadoria mocoçado em algum lugar. — Tornou a olhar a carta. — Uns vinte quilos, pelo menos. — E olhando firme pra mim: — É melhor você não brincar com a gente.

Fiquei quieto.

O irlandês disse: — Ele é igualzinho aos outros. Ficam na moita, até verem as merdas das costelas deles quebrando. Daí começam a falar. Ah, se falam. E com todo o prazer.

— Nós vamos dar uma busca na sua casa — disse o cara de sapo. — Se a gente não achar nada, sua mulher vai em cana também. Não sei o que vai ser dos seus filhos. Vão ter que ir pra casa de alguém.

— Por que não faz uma proposta pro homem? — me disse o irlandês.

Eu sabia que se eles dessem uma geral em casa iam encontrar o bagulho. — Chamem os federais que eu conto onde está a muamba — eu disse. — Mas quero a sua palavra que o processo correrá na Justiça Federal e que ninguém vai incomodar minha mulher.

O cara de sapo concordou com a cabeça. — Tudo bem. Aceito sua proposta. — E virando pro seu cupincha: — Chama o Rogers.

Daí a pouco o irlandês voltou: — O Rogers não está na cidade; só volta amanhã de manhã. E o Williams está doente.

— Bom, então chama o Hauser.

Fomos pra rua e entramos no carro. O irlandês assumiu a direção. O capitão sentou atrás comigo. Rodamos.

— É aqui — disse o capitão.

O irlandês parou o carro e buzinou. Um sujeito de cachimbo saiu da casa e entrou do meu lado no banco traseiro. Me deu uma olhada e virou pra frente, tirando baforadas do cachimbo. O homem parecia jovem no escuro, mas, quando passamos embaixo de um poste de luz, vi que sua cara era toda enrugada, com duas olheiras negras em volta dos olhos. Era um rosto bem talhado de americano, um rosto que tinha envelhecido sem amadurecer. Deduzi que era um agente federal.

Depois de fumar em silêncio por vários quarteirões, o agente se virou pra mim e tirou o cachimbo da boca: — De quem você anda descolando agora? — perguntou.

— Está difícil achar de quem descolar — respondi. — A maioria dos passadores já deu no pé.

Ele quis saber quem eu conhecia, e eu mencionei uma série de pessoas que já tinha dado no pé. Pelo jeito, ele se contentou com essa informação inútil. Se você fica na moita o tempo todo, os tiras acabam engrossando. Eles querem que você lhes dê alguma coisa, mesmo que não seja lá grande coisa.

Perguntou sobre a minha ficha, e eu falei do caso das receitas em Nova York.

— Quanto tempo você pegou?

— Nada. Não é crime em Nova York, apenas contravenção. Lei da Saúde Pública. Lei da Saúde Pública número 334, se estou bem lembrado.

— Ele é bem versado no assunto — disse o irlandês.

O capitão explicou pro agente que eu parecia ter um medo específico da Justiça Estadual e que ele tinha feito um acordo comigo, pro meu caso passar pros Federais.

— Bem — disse o agente —, o capitão é assim mesmo. Ele te trata bem, se você tratá-lo bem. — Cachimbou um instante. Estávamos na balsa para Algiers. — Tem um jeito fácil e um jeito difícil de fazer as coisas — concluiu.

Quando chegamos em casa, o capitão me agarrou pelo cinto, por trás. — Quem mais está aí, além da sua mulher?

— Ninguém — respondi.

O cara de cachimbo exibiu seu pedaço de lata à minha mulher e foi empurrando a porta. Mostrei a eles o meio quilo de maconha que eu tinha em casa e umas poucas cápsulas de junk. O capitão não se deu por satisfeito. Ele queria vinte quilos de maconha.

— Você não tá nos mostrando tudo, hein, Bill — disse ele. — Quê que é isso? A gente tem sido tão cortês com você.

Falei pra eles que eu não tinha mais nada.

O do cachimbo me olhou. — A gente quer tudo — ele disse. Seus olhos, porém, não queriam lá grande coisa. Ele estava de pé, embaixo do lustre aceso do teto. Sua cara não só envelhecera como também decaíra. Ele tinha um jeito de quem padece de uma doença fatal.

— Tá tudo na sua mão — eu disse.

Ele deu uma espiada rápida em volta e começou a fuçar armários e gavetas. Achou velhas cartas e se pôs a lê-las, agachado. Por que será que ele não senta numa cadeira?, pensei. Na certa, não queria se sentir confortável lendo a correspondência alheia. Os dois tiras da Delegacia de Furtos de Automóveis começavam a se chatear. Por fim, pegaram a maconha, as cápsulas, um 38 que eu guardava em casa e se prepararam para sair.

— Ele está nas mãos do Tio Sam agora — disse o capitão cara de sapo à minha mulher.

Voltamos ao segundo distrito, onde me trancafiaram. Dessa vez, numa cela diferente. Pat e McKinney estavam na cela ao lado. Pat me chamou através da parede e perguntou o que tinha acontecido.

— Que barra pesada — ele comentou depois que lhe contei.

Pat tinha dado dez dólares a um advogado de porta de cadeia para tirá-lo de lá de manhã.

Eu estava numa cela com quatro estranhos, três deles viciados, mais Cole. Só tinha um banco, ocupado, é claro; o resto ficava de pé ou se espalhava pelo chão. Deitei no chão ao lado de um homem chamado McCarthy. Já tinha visto ele pela cidade. Estava lá fazia

umas setenta e duas horas. Vez em quando gemia baixinho. Certa hora, ele disse: — Isto aqui é o inferno, não é?

Um junky funciona no tempo junk. Sem junk, seus ponteiros se arrastam e o relógio acaba parando. Só lhe resta ir se aguentando e esperar o início do tempo sem-junk. Um junky fissurado não tem como escapar do tempo externo, nem tem pra onde ir. Só pode esperar.

Cole falava sobre Yokohama. — Todo aquele Henry & Charlie (heroína com cocaína) ali à disposição. Dá pra sentir o gostinho do barato entrando na veia. Henry & Charlie é o que há.

McCarthy era um fantasma rabugento jogado no chão. — Cara — dizia ele —, nem me fale nesse troço.

Na manhã seguinte, fomos levados para a triagem. Tinha um garoto epilético na nossa frente, na plataforma. Os tiras ficaram um tempão tirando sarro da figura.

— Há quanto tempo você está em New Orleans? — perguntaram pra ele.

— Trinta e cinco dias.

— O que você andou fazendo esse tempo todo?

— Fiquei trinta e três dias preso.

Eles achavam aquilo engraçado e continuaram encarnando nele por mais uns cinco minutos.

Quando chegou a nossa vez, o tira que chefiava a triagem leu um relatório sobre cada caso.

— Quantas vezes você já passou por aqui? — perguntou ao Pat.

Outro tira riu e disse: — Umas quarenta vezes.

Perguntaram a cada um de nós quantas vezes tínhamos sido presos e por quanto tempo. Na minha vez, perguntaram quanto tempo eu tinha puxado por causa da história das receitas. Eu disse: — Nenhum. Minha sentença foi suspensa.

— Bom — disse o tira-chefe —, você vai ganhar uma aqui também.

De repente, fora da plataforma, alguém abriu um tremendo berreiro e começou a babar. Por um momento, pensei que os tiras estivessem dando um “trato” no epilético. Mas, quando desci da plataforma, vi ele no chão, em pleno surto, enquanto dois

investigadores o rodeavam, tentando acalmá-lo. Alguém foi chamar um médico.

Nos trancaram numa cela. Um policial gordo, que parecia conhecer Pat, veio até a porta e disse: — O cara é psicopata. Está lá repetindo: “Me levem pro meu capitão!”. Completamente psico. Mandei chamar o médico.

Depois de umas duas horas, fomos levados ao saguão da delegacia, onde aguardamos mais algumas horas. Lá pela hora do almoço, o cara do cachimbo mais outro sujeito apareceram pra nos levar ao prédio da Polícia Federal. O novo personagem era um rapaz gordinho. Mascava um charuto. Cole, McCarthy, eu e dois negros nos esprememos no banco de trás. O do charuto guiava. Uma hora, tirou o charuto da boca, se virou pra mim e disse polidamente, com uma voz que denunciava uma educação refinada:

— Trabalha com o quê, sr. Lee?

— Fazenda — respondi.

O sujeito do cachimbo riu:

— Milho e maconha lado a lado, né?

O do charuto balançou a cabeça: — Não, não, maconha não cresce bem perto do milho. Precisa crescer sozinha. — Daí, falou pro McCarthy, por cima do ombro: — Vou te mandar pra penitenciária de Angola.

— Por que, sr. Morton? — perguntou McCarthy.

— Porque você é uma porra de um viciado.

— Eu não, sr. Morton.

— E essas marcas de agulha?

— É que eu tenho sífilis, sr. Morton.

— Todo junky é sífilítico — disse Morton, com sua voz tranquila, condescendente, agradável.

O cara do cachimbo fazia o que podia pra atazanar um dos crioulos chamado Clutch (Gancho) por causa de uma deformidade que ele tinha na mão.

— Quer dizer que o velho chimpanzé montou nas suas costas, hein? — perguntou o do cachimbo, se referindo ao vício das drogas.

— Não sei do que o senhor está falando — disse Clutch. Foi só um comentário, sem a menor insolência. Clutch não era dependente de

junk e estava apenas dizendo isso.

Pararam em frente ao prédio da Federal e nos conduziram ao quarto andar. Ficamos na sala de espera de um gabinete, de onde nos chamavam, um por um, para interrogatório. Chegou a minha vez. Entrei no gabinete e topei com o sujeito do charuto sentado a uma mesa. Ele me apontou uma cadeira.

— Sou o sr. Morton — disse ele —, agente federal, divisão de entorpecentes. Quer prestar um depoimento? Como você sabe, a Constituição lhe dá o direito de recusar. É claro que o processo vai demorar mais tempo caso você não deponha.

Eu disse que prestaria o depoimento.

O cara do cachimbo também estava lá.

— O Bill não está se sentindo muito bem hoje — disse ele. — Quem sabe um pico de heroína, de leve, não ajudaria?

— Talvez — eu disse. Aí ele começou a me fazer perguntas, algumas tão sem nexos que eu mal acreditava no que ouvia. Estava na cara que ele não tinha faro policial. Não distinguia o que era importante do que não era.

— Quem são seus contatos no Texas?

— Não tenho nenhum. — Era verdade.

— Você quer ver sua mulher na cadeia?

Enxuguei o suor do rosto com o lenço. — Não — respondi.

— Mas é o que vai acontecer. Ela toma benzedrina. É pior que junk. Você e ela são oficialmente casados?

— Informalmente.

— Perguntei se vocês são legalmente casados.

— Não.

— Você estudou psiquiatria?

— Quê?

— Perguntei se você já estudou psiquiatria.

Ele tinha lido uma carta de um psiquiatra amigo meu. Na verdade, levaram todas as cartas quando revistaram minha casa.

— Não, nunca estudei psiquiatria. É só um hobby, como se diz.

— Você cultiva uns hobbies estranhos. Morton se reclinou na cadeira e bocejou.

O do cachimbo fechou o punho de repente e bateu no próprio peito: — Eu sou tira, tá sabendo? Só me dou com tiras. Você está no ramo dos entorpecentes. É óbvio que se dá com outras pessoas que trabalham nesse ramo. A gente não lida com gente como você só uma vez por mês. A gente lida *todo dia*. Você não tá sozinho nisso. Você tem contatos no Texas, em Nova York e aqui em New Orleans. A gente sabe que você tinha algum negócio em andamento, pronto pra acontecer.

— Acho que a gente vai mandar esse fazendeiro pra uma fazenda em Angola, se ele não quiser cooperar — disse Morton.

— E a quadrilha de roubo de carros? — disse o do cachimbo, me dando as costas e caminhando pela sala.

— Que quadrilha? — eu perguntei, bastante surpreso. Só muito mais tarde me lembrei de uma carta de cinco anos atrás que fazia referência a carros roubados. Ele foi em frente. Enxugou a testa e ficou circulando pela sala. Por fim, Morton lançou, seco:

— Pelo que entendi, sr. Lee, o senhor está preparado para admitir sua culpa, mas sem envolver ninguém, é isso?

— Isso mesmo — eu disse.

O charuto rolou na sua boca. — Bem — disse —, por enquanto é isso. Quantos ainda tem lá fora? — gritou.

A cara de um tira apareceu na porta. — Uns cinco — disse.

Morton se exasperou. — Não tenho mais tempo. Preciso estar no tribunal à uma hora. Tragam todos numa vez.

Os outros entraram e ficaram de pé em frente à mesa. Morton folheava uma pilha de papéis. Viu McCarthy e se virou pra um tira jovem de cabelo escovinha.

— Vocês acharam alguma coisa com ele? — perguntou. O investigador fez que não com a cabeça e sorriu. Daí, Morton levantou um pé. — Tá vendo este pé? — disse pro McCarthy. — Vou enfiar ele na sua goela.

— Eu não brinco com droga, sr. Morton — disse McCarthy. — Não quero ir parar na cadeia.

— O que você estava fazendo na esquina com esses outros junkies?

— Eu só estava passando por ali. Eu enchi a cara de Regal, sr. Morton. Eu me entupo dessa cerveja sempre que posso. Bebendo e servindo. Olha aqui. — Tirou alguns cartões da carteira e mostrou a todos, como um mágico prestes a fazer um truque. Ninguém deu bola. — Eu trabalho de garçom, olha aqui a carteirinha do sindicato. Tô de olho num bico lá no Roosevelt neste fim de semana. Vai ter uma convenção lá. Um negócio que vale a pena, se vocês me deixarem sair daqui.

Ele foi até o Morton e estendeu a mão. — O senhor me arranja uns trocados pra condução, sr. Morton?

Morton chapou uma moeda na mão dele.

— Pega esse teu rabo sujo de catador de algodão e dá o fora daqui — disse.

— Te pegamos na próxima — gritaram em coro os investigadores, mas McCarthy já tinha chispado.

O investigador de cabelo escovinha riu. — Aposto que ele foi de escada.

Morton começou a juntar sua papelada e a enfiar tudo na maleta. — Desculpem — disse —, mas não vai dar pra ouvir mais nenhum depoimento hoje.

— Já chamei o camburão — avisou o cara do cachimbo. — Vamos levar todo mundo pro Terceiro Distrito e deixar de molho lá.

No Terceiro Distrito, eu e Cole ganhamos uma cela só pra nós. Me espichei no banco. Uma dor áspera fustigava meus pulmões. A fissura de junk ataca as pessoas de jeitos variados. Alguns sofrem mais com vômitos e diarreia. Os tipos asmáticos, de peito miúdo e afundado, têm ataques violentos de espirros, corrimentos de nariz e olhos e, em alguns casos, espasmos nos brônquios capazes de interromper a respiração. No meu caso, o pior é a queda da pressão, desidratação e extrema fraqueza, como num colapso. Dá a impressão de que a energia vital se esgotou, levando à asfixia todas as células do corpo. Eu me sentia afundado numa pilha de ossos ali no banco.

Ficamos umas três horas no Terceiro Distrito, até os homens aparecerem para nos enfiar num camburão e nos levar à Prisão Regional, sem um motivo aparente. Mais tarde, o homem do

cachimbo foi nos apanhar na Regional, e nos conduziu ao prédio da Federal.

Lá, um burocrata de meia-idade com cara de nada se apresentou como chefe do escritório de New Orleans. Perguntou se eu não queria prestar um depoimento.

— Sim, senhor — eu disse. — O senhor escreve e eu assino.

Não que a cara dele fosse vazia ou inexpressiva; ela simplesmente não existia. Daquela cara, só me lembro dos óculos. Ele chamou um estenógrafo e se preparou para ditar o texto. Perguntou ao homem do cachimbo, sentado numa escrivaninha, se ele gostaria de acrescentar algo especial no meu depoimento.

O do cachimbo disse: — Bem, acho que não, a história é essa mesmo.

O burocrata-chefe pareceu se lembrar de alguma coisa. — Espera um pouco. — Levou o sujeito do cachimbo à outra sala. Voltaram minutos depois. O burocrata foi logo ditando o depoimento. No texto, eu admitia posse de maconha e heroína em minha casa.

Perguntou como eu tinha arranjado a heroína.

Eu disse que tinha sido no cruzamento da Exchange com a Canal, com um passador de rua.

— O que você fez depois?

— Fui pra casa de carro.

— No seu próprio carro?

Percebi aonde ele queria chegar, mas me faltava energia para dizer: “Mudei de ideia, não quero mais prestar nenhum depoimento”. Além disso, eu temia passar mais um dia fissurado na delegacia. Então respondi: “Sim”.

No fim, assinei outro depoimento, afirmando minha intenção de me confessar culpado das acusações no Tribunal Federal. Me levaram de volta ao Segundo Distrito. Os investigadores me garantiram que eu seria indiciado logo cedo, de manhã.

Cole disse: — Em cinco dias você vai se sentir melhor. Só mesmo o tempo, ou um pico, pra te livrar do bode.

Eu sabia disso, claro. Ninguém tolera de livre e espontânea vontade a fissura de junk; só mesmo preso ou sem condições de arrumar a droga. O que torna praticamente impossível parar de

tomar junk e cortar sozinho a dependência, é que a fissura dura de cinco a oito dias. Doze horas de fissura dá pra aguentar numa boa; vinte e quatro horas ainda é possível; mas de cinco a oito dias é demais.

Fiquei espichado no banco estreito de madeira, me virando de um lado pro outro. Sentia o corpo todo em carne viva, crispado, inchado; minha carne congelada pelo junk em lenta dissolução. Me pus de barriga pra baixo, e uma perna escorregou pra fora do banco. Fiquei encoxando a beirada do banco, arredondada e polida de tanta esfregação de pano ali. A borda deslizava pelo cavalo da minha calça. O sangue afluiu repentino para os meus genitais. Centelhas explodiram por trás dos meus olhos, os músculos das pernas se retesaram e me veio aquele orgasmo de enforcado quando o pescoço estala.

O carcereiro abriu a porta da minha cela. — Seu advogado veio te ver, Lee — disse.

O advogado me encarou um bom tempo antes de se apresentar. Tinha sido recomendado à minha mulher; eu nunca vira o cara antes. O carcereiro nos levou a uma sala ampla com bancos, um andar acima do pavilhão das celas.

— Imagino que você não esteja com muita vontade de falar agora — começou o advogado. — Mais tarde entraremos nos detalhes. Você assinou alguma coisa?

Falei sobre o depoimento.

— Isso foi pra apreender seu carro — ele disse. — Você está sendo acusado pelo Estado. Conversei com o promotor federal há uma hora e perguntei se ele iria pegar o caso. Ele disse: “Em hipótese alguma. A apreensão da droga foi ilegal, e esse gabinete não se incumbirá do processo de jeito nenhum”. Olha, eu acho que consigo te levar para o hospital pra um pico. — Depois de uma pausa, acrescentou: — O delegado de plantão é um bom amigo meu. Vou lá falar com ele.

O carcereiro me levou de volta pra cela. Minutos depois, abriu de novo a porta e disse: — Lee, quer ir pro hospital?

Dois tiras me levaram de camburão ao Hospital de Caridade. A enfermeira da recepção queria saber o que havia de errado comigo.

— Emergência — disse um dos tiras. — Ele caiu do alto de um prédio.

Um tira se afastou e voltou com um médico jovem, corpulento, ruivo, de óculos de armação dourada. Ele me fez umas perguntas e examinou meus braços. Outro médico, narigudo e de braços peludos, veio meter o bedelho.

— Veja bem — ele disse ao colega —, há uma questão moral envolvida. Esse homem deveria ter pensado em tudo isso antes de tomar drogas.

— É verdade, tem a questão moral, mas tem também a questão física. Esse homem está passando mal. — E, virando-se para uma enfermeira, pediu meio grão de morfina.

No caminho de volta, ao sabor do sacolejo do camburão, senti a morfina se espalhando pelas minhas células. Meu estômago se agitou, roncou. Um pico em plena fissura sempre mexe com o estômago da gente. A velha força me voltava aos músculos. Senti fome e sono.

No dia seguinte, lá pelas onze da manhã, um oficial de justiça apareceu pra eu assinar a carta de fiança. Parecia embalsamado, como se lhe tivessem aplicado uma injeção de parafina sob a pele. Meu advogado, o Tige, chegou ao meio-dia pra me tirar dali. Tinha providenciado minha remoção para um sanatório, onde eu faria um tratamento de desintoxicação. Ele disse que o tratamento era necessário do ponto de vista legal. Fomos pro sanatório num carro de polícia, junto com dois tiras. Isso fazia parte dos planos do advogado; os dois investigadores, sem saber, iam atuar como possíveis testemunhas.

Em frente ao sanatório, o advogado puxou umas notas do bolso e se virou pra um dos tiras: — Bota naquele cavalo pra mim, tá bom?

Os olhões de sapo do investigador saltaram de indignação. Nem fez menção de pegar o dinheiro. — Não vou botar nada em cavalo nenhum — disse.

O advogado riu e jogou o dinheiro no banco do carro. — O Mack bota — disse ele.

Essa aparente falta de jeito pra subornar os tiras na minha frente era deliberada. Quando, depois, os dois lhe perguntaram qual era a dele, Tige respondeu: — Ora, vocês não viram que o cara estava mal demais pra perceber alguma coisa? — Assim, se os dois tiras fossem arrolados como testemunhas no meu processo, diriam que eu parecia estar bem mal. A manha era a seguinte: o advogado queria testemunhas que atestassem meu péssimo estado na ocasião em que assinei o depoimento.

Um atendente pegou minhas roupas e eu deitei na cama, à espera do pico. Minha mulher veio me ver e contou que o administrador do lugar não manjava nada de junk ou junkies.

— Quando eu disse a ele que você estava mal, ele perguntou: “Quê que ele tem?”. Eu disse que você estava fissurado e precisava de uma injeção de morfina. Aí ele falou: “Ah, bom, eu pensei que fosse só um caso de dependência de maconha”.

— Dependência de maconha!? — eu disse. — Que diabo é isso? Vê se descobre o que eles estão planejando me dar. Quero um tratamento de redução. Se não for isso, me tire daqui imediatamente!

Logo ela estava de volta, dizendo ter falado com um médico pelo telefone, que pareceu entender o lance. Era o médico do advogado, que não tinha ligação com o sanatório.

— Ele ficou surpreso de saber que ainda não tinham te dado nada. Disse que iria ligar em seguida pro hospital e providenciar pra você ser bem atendido.

Minutos depois, veio uma enfermeira com uma seringa. Era demerol. Demerol ajuda, mas não chega aos pés da codeína pra aliviar fissura de junk. Um médico apareceu à noite pra me examinar. Meu sangue estava espesso e concentrado por causa da desidratação. Eu já estava sem junk há quarenta e oito horas. Tinha perdido cinco quilos. O médico levou vinte minutos para tirar uma amostra do meu sangue para exame — o sangue espesso entupia a agulha.

Às nove da noite, tomei outro pico de demerol. Não fez efeito. O terceiro dia da fissura geralmente é o pior. Depois disso, ela começa a ceder. Eu sentia uma queimação gélida por toda a superfície do

corpo, minha pele parecia tomada por uma urticária compacta. Eu sentia que formigas passeavam sob a minha pele.

É possível a gente abstrair a maioria das dores — afecções nos dentes, olhos e genitais são mais resistentes —, de forma a experimentá-las como estímulos neutros. Mas da fissura de junk não há escapatória. A fissura de junk é o avesso do barato do junk. O barato do junk é você não poder passar sem ele. Junkies funcionam no tempo junk e no metabolismo junk. Ficam sujeitos ao clima junk. São aquecidos e refrescados pelo junk. O barato junky é ter de viver sob condições junkies. Não dá pra escapar da fissura de junk, do mesmo jeito que ninguém escapa do barato do junk depois de um pico.

Estava me sentindo muito fraco pra sair da cama. Não conseguia parar quieto. Na fissura, qualquer ação ou inação se torna intolerável. O sujeito é capaz de morrer simplesmente porque não consegue ficar dentro do próprio corpo.

Às seis da manhã, tomei outro pico, que surtiu algum efeito. Mais tarde me disseram que não era demerol. Consegui até comer uma torradinha com um pouco de café.

Quando minha mulher apareceu no fim do dia para me ver, contou que estavam me submetendo a um novo tratamento. O tratamento começara com o pico matinal.

— Percebi a diferença. Achei que fosse morfina — eu disse.

— Falei com o dr. Moore pelo telefone. Ele disse que era a droga maravilhosa que eles andavam procurando pro tratamento de dependência de entorpecentes. Alivia os sintomas da privação, sem provocar nova dependência. Não é entorpecente. É um anti-histamínico. Teforin, parece.

— Então deve ser porque os sintomas de privação são como uma reação alérgica.

— É o que o dr. Moore diz.

O médico que me recomendou esse tratamento era amigo do meu advogado. Não era ligado ao sanatório, como eu já disse, nem psiquiatra. Em dois dias, eu já estava traçando uma refeição completa. O efeito do anti-histamínico durava de três a cinco horas; depois a fissura voltava. Os picos se pareciam com junk.

Quando consegui me aguentar sobre as pernas e dar umas voltinhas, um psiquiatra veio me entrevistar. Era superalto. Um pernilongo de corpo pesado, uma pera de cabeça pra baixo. Sorria ao emitir sua voz fanha e lamuriosa. Não que fosse afeminado. Apenas lhe faltavam os atributos, sejam eles quais forem, que fazem de um homem um homem. Chamava-se dr. Fredericks e era o psiquiatra-chefe do hospital.

Perguntou o que todos perguntam: — Por que o senhor acha que precisa de entorpecentes, sr. Lee?

Quando você ouve uma pergunta dessas, pode ter certeza de que a pessoa não entende bulhufas de junk.

— Preciso pra sair da cama, me barbear, tomar café da manhã.

— Quero dizer, psiquicamente.

Dei de ombros. Melhor corresponder ao diagnóstico dele e ser deixado em paz. — É que dá o maior barato — respondi.

Junk não dá “o maior barato”. O essencial no junk, para quem o toma, é que ele provoca dependência. Ninguém sabe o que junk significa até se ver fissurado.

O médico balançou a cabeça. *Personalidade psicopática*. Levantou-se. De repente, afivelou um sorriso, com a pretensão óbvia de se mostrar compreensivo e dissipar minha reticência. O sorriso se abriu pleno e terminou num esgar. Se inclinou, trazendo aquele sorriso pra perto da minha cara.

— A sua vida sexual é satisfatória? — perguntou. — O senhor e sua esposa mantêm relações satisfatórias?

— Sim, claro — eu disse —, sempre que eu tô fora do junk.

Ele se endireitou. Não tinha gostado nem um pouco da minha resposta.

— Bem, nos veremos de novo — ele disse, enrubescido, lançando-se em direção à porta. No que ele entrou no quarto, eu já tinha desconfiado que o cara era o maior charlatão. Chegou com a tradicional pose de autoconfiança, erigida pra si mesmo e pros outros. Eu esperava uma fachada mais durona e sensível.

O médico disse à minha mulher que o meu prognóstico era péssimo. Minha atitude diante das drogas era de “e daí?”.

Esperava-se uma recaída, pois os determinantes psíquicos da minha condição continuavam operantes. Ele não poderia me ajudar, a menos que eu resolvesse colaborar. Com a minha cooperação, ele se dizia capaz de demolir minha psique e reerguê-la em oito dias.

Os outros pacientes formavam um bando careta e melancólico. Nenhum junky no pedaço. O único paciente mais descolado na minha ala era um bêbado que apareceu com o queixo quebrado e diversos machucados na cara. Me disse que todos os hospitais públicos o haviam recusado. No de Caridade, disseram a ele: "Cai fora. Você tá respingando sangue no chão todo". Acabou vindo a este sanatório, onde já tinha estado e sabiam que ele podia pagar a conta.

Os outros eram uma gente qualquer, uns miseráveis, do tipo que os psiquiatras adoram, do tipo que o dr. Fredericks conseguia impressionar. Tinha um magrinho pálido, de carne exangue, quase transparente. Parecia uma lagartixa, fria e flébil. Essa figura reclamava dos nervos e passava a maior parte do dia andando pra cima e pra baixo nos corredores, dizendo: "Ó Senhor, Senhor, eu nem me sinto um ser humano". Ele carecia da concentração de energia necessária pra se manter inteiro; os componentes de seu organismo pareciam a ponto de se desintegrar.

Os pacientes, na maioria, eram velhos. Me jogavam um olhar perplexo, ressentido e estúpido de vaca moribunda. Alguns nunca saíam do quarto. Um rapaz esquizofrênico andava de mãos amarradas na frente, com bandagens, pra não importunar os outros pacientes. Um lugar depressivo, cheio de gente depressiva.

Eu sentia cada vez menos falta dos picos. Depois de oito dias, comecei a dispensá-los. Quando completei vinte quatro horas a seco, resolvi que era o momento de me mandar.

Minha mulher foi ver o dr. Fredericks. Encontrou-o no corredor, defronte ao seu consultório. Ele disse que eu precisava ficar mais quatro ou cinco dias. — Ele ainda não sabe — disse o médico —, mas as injeções acabaram pra ele.

— Ele já está longe dos picos há vinte e quatro horas — disse-lhe minha mulher.

O médico enrubesceu de raiva. Em seguida se controlou e disse:  
— Seja como for, ele ainda pode apresentar sintomas de abstinência.

— Depois de dez dias já é improvável, não é?

— Tem chance de acontecer — disse ele, dando as costas à minha mulher antes que ela pudesse dizer alguma coisa.

— Ele que vá pro meio do inferno — falei pra ela. — A gente não precisa do testemunho dele. Tige quer apresentar seu próprio médico para atestar meu estado. Não interessa o que esse cretino possa dizer no tribunal.

O dr. Fredericks tinha de assinar minha dispensa do hospital. A enfermeira foi levar o papel ao consultório dele. Ele assinou com a observação: “Contra parecer médico”.

Eram cinco da tarde quando saímos do hospital e pegamos um táxi pra Canal Street. Entrei num bar, virei quatro uísques com soda e fiquei de porre. Estava curado.

Na soleira da porta de casa, ao virar a chave na fechadura, tive a sensação do retorno depois de uma longa ausência. Voltava no tempo ao ponto em que decidira curtir aquele primeiro barato com Pat.

Quando se completa a desintoxicação, a pessoa em geral se sente bem por alguns dias. Dá pra beber, sente-se uma fome de leão e se tem prazer em comer. O desejo sexual volta a se manifestar. Tudo parece diferente, mais nítido. Daí, vem a depressão. É um esforço se vestir, levantar da cadeira, erguer o garfo. Não dá vontade de fazer nada nem de ir a parte alguma. Nem mesmo junk a pessoa quer. A ânsia de junk se foi, mas não sobrou nada no lugar dele. O melhor é atravessar esse período fora de casa. Trabalhando fora, por exemplo. Trabalho de fazenda é a melhor terapia.

Pat logo deu as caras quando soube que eu tinha sido solto. Será que eu não estava a fim de “voltar à ativa?” Só unzinho não ia machucar ninguém. Ele pegaria um bom preço por dez cápsulas ou mais. Falei que não. Não é preciso força de vontade pra dizer não ao junk, quando se está fora. Não se tem vontade.

Além disso, eu estava sendo processado pelo Estado. Pelas leis estaduais, os processos de junk se acumulam e se agravam, como

qualquer outro crime. Dois processos podem te valer sete anos de cana; ou então você pode responder a um processo estadual e a outro federal, de modo que, ao sair da gaiola estadual, os federais já estão te esperando na porta. Se você cumprir a pena federal antes, então é o Estado que te espera na porta da gaiola federal.

Eu sabia que, dessa vez, a lei não podia me encanar, pois a polícia estadual tinha bagunçado tudo, agindo como federais e revirando minha casa sem mandado de busca e apreensão. Eu estava livre para inventar um novo relato dos acontecimentos, já que não estava amarrado a nenhum depoimento válido. O Estado não podia usar o depoimento que eu assinara para os federais, sem trazer à tona o acordo que eu tinha feito com o cara de sapo, aquele artista do Segundo Distrito. Porém, se pusessem as mãos em mim de novo, aí eu não teria escapatória.

Em geral, o junky sai correndo atrás de um contato tão logo se vê livre de um confinamento. Os homens esperavam que eu fizesse isso e deviam estar vigiando Pat. Então, falei pro Pat que eu estava fora até o caso se resolver. Ele me pediu dois dólares emprestados e foi embora.

Dias depois, eu já estava bebendo nos bares das redondezas da Canal Street. Quando um junky fora do junk chega a um certo ponto de embriaguez, seus pensamentos escorregam pro junk. Num desses bares, fui ao banheiro e achei uma carteira em cima do porta-papel higiênico. A sensação de achar dinheiro é como a de sonhar. Abri a carteira e tirei uma nota de vinte, uma de dez e um cincão. Resolvi ir no banheiro em outro bar, e saí, abandonando um dry martini inteiro.

Fui ver Pat no hotel.

Pat abriu a porta e disse: — Oi, meu chapa, legal te ver.

Um cara sentado na cama virou o rosto pra porta quando entrei. — Oi, Bill — disse ele.

Levei uns bons três segundos até reconhecer Dupré. Parecia mais jovem e mais velho ao mesmo tempo. Perdera aquele seu olhar mortício e estava uns dez quilos mais magro. Seu rosto se contorcia de tempos em tempos, feito uma matéria morta querendo voltar à vida, de um jeito convulsivo, mecânico. Quando bem servido de

junk, Dupré se tornava um cadáver anônimo. Era difícil distingui-lo numa multidão ou reconhecê-lo à distância. Agora sua imagem era clara, nítida. Andando depressa na rua e cruzando com Dupré, você logo o reconhecia: aquele rosto ia se imprimir na sua memória — como no truque das cartas, em que o manipulador embaralha rápido e diz: “Pega uma”, te empurrando, sutil, determinada carta do baralho.

Nos tempos de abundância de droga, Dupré ficava mais calado. Agora, estava um tagarela. Me contou como tinha se afundado, a ponto de perder o emprego. Não tinha mais dinheiro para junk. Não podia nem arcar com os custos de pg (paregórico) e bolinhas de nembutal pra ir tapeando. Falava sem parar.

— Antes da guerra, todos os tiras me conheciam. Cansei de passar aquelas boas setenta e duas horas no Terceiro Distrito. Na época, lá ainda era o Primeiro Distrito. Sabe como é quando a gente começa a cair fora dos bagulhos... — Apontou os genitais com todos os dedos, daí ergueu a mão com a palma virada pra cima; um gesto concreto, como se apanhasse o assunto que lhe interessava e o exibisse na palma da mão. — O pau sobe e você acaba na calça mesmo. Nem precisa estar muito duro. Me lembro de uma vez, eu estava com o Larry, sabe aquele garoto? Ele tava dando um tempo também das drogas. Eu disse: “Larry, cê tem que me quebrar esse galho”. Aí ele abaixou a calça. Poxa, ele precisava me quebrar aquele galho...

Pat procurava uma veia. Apertou os lábios, contrariado. — Ei, vocês aí com esse papo, parecem uns degenerados.

— Que foi, Pat? — eu disse. — Não tá conseguindo espetar?

— Não — respondeu. Tirou o garrote do braço e o amarrou no pulso, pra pegar uma veia da mão.

Mais tarde, dei um pulo no escritório do meu advogado pra conversar sobre o meu caso e perguntar se eu podia deixar o estado e ir pro Vale do Rio Grande, no Texas, onde eu tinha uma fazenda.

— Você está mais sujo que meia de jogador de futebol nesta cidade — disse Tige. — Mas arranjei uma permissão do juiz pra você deixar o estado. Pode ir pro Texas quando quiser.

— Eu posso querer também dar um pulo no México — eu disse. — Você acha que tudo bem?

— Desde que você esteja de volta para o julgamento. Não há restrições contra você. Tenho um cliente que foi para a Venezuela. Acho que ainda está lá. Pelo menos não voltou mais pra cá.

Era difícil sacar o Tige. Será que ele estava sugerindo que eu não voltasse? Sempre que ele parecia desajeitado ou distraído, na verdade tinha um plano na cabeça. Alguns de seus planos avançavam longe no futuro. Às vezes, no meio do caminho, ele via que um plano não ia dar em nada e o abandonava. Era espantoso ver um homem tão inteligente vir, de vez em quando, com ideias bobas. Por exemplo, quando eu disse que tinha estudado medicina em Viena (seis meses), ele comentou:

— Ótimo. Vamos supor o seguinte: que você, tendo estudado medicina, se sinta capaz de usar seus conhecimentos médicos pra se autoprescrever um tratamento de desintoxicação; e que, portanto, as drogas que eles acharam na sua casa eram usadas com essa finalidade. Que tal dizermos isso no tribunal?

Achei difícil alguém engolir aquilo. Eu disse: — Não é uma boa ideia ostentar uma educação refinada, Tige. Os jurados não gostam de gente que estudou na Europa.

— Bom, você podia afrouxar o laço da gravata e carregar no sotaque sulista.

Tentei me imaginar atacando de “gente como a gente”, arrastando a língua feito bobo pra imitar os sulistas. Fazia vinte anos que eu tinha desistido de ser como os outros. Disse-lhe que eu era incapaz de fazer um gênero desses, e Tige nunca mais tocou no assunto.

Advogado criminalista é uma das poucas profissões em que o cliente compra a boa sorte de alguém. A sorte da maioria das pessoas é intransferível, porém um bom advogado criminalista pode vender toda a sorte dele pro cliente — e, quanto mais sorte ele vende, mais tem pra vender.

Deixei New Orleans dias depois, e toquei pro Vale do Rio Grande. O Rio Grande alcança o Golfo do México na altura de Brownsville. A quase cem quilômetros de Brownsville, rio acima, fica a vila de Mission. O Vale se estende de Brownsville a Mission: uma faixa de terra de cem quilômetros de comprimento por trinta de largura. Essa

área é irrigada pelo Rio Grande. Antes da irrigação, nada crescia ali além de algarobo e cacto. Agora é uma das regiões agrícolas mais ricas dos Estados Unidos.

Uma estrada de três pistas liga Brownsville a Mission e ao longo dela se alinham os vilarejos do Vale. Não tem cidade ali, nem campos. A região é um vasto subúrbio de casebres frágeis. O Vale é chapado feito uma mesa. Ali só dá algodão, frutas cítricas e palmeiras trazidas da Califórnia. Um vento quente e seco sopra todas as tardes até o sol se pôr. O Vale é um território cítrico e foi todo loteado. Grapefruits rosados e vermelhos crescem ali de um jeito único em todo o país. Chácaras de turistas pé de chinelo se misturam às de idosos aposentados à espera da morte. O Vale todo tem um jeito provisório de acampamento, de Carnaval. Logo mais esses babacas vão estar todos mortos e os mascates irão fazer negócio em outro lugar.

Durante os anos 1920, os corretores imobiliários trouxeram ao Vale bateladas de clientes em potencial, convidando-os a apanhar grapefruits direto das árvores e saboreá-los. Dizem que um desses corretores pioneiros construiu um lago artificial e vendeu terrenos em volta dele. "O lago vai irrigar seus pomares", ele apregoava. Tão logo o último terreno foi vendido, ele cortou a água e desapareceu com seu lago dentro do bolso, deixando os clientes esturricados no deserto.

Segundo o corretor, fruta cítrica é o negócio ideal para pessoas idosas que desejam se aposentar e levar a vida na brisa. Os pomares não dão nenhum trabalho aos donos. Uma cooperativa cuida das árvores, comercializa as frutas e bota um cheque na mão do dono. Na verdade, fruta cítrica é um negócio arriscado para o pequeno investidor. Por um certo período, o retorno médio é alto, sobretudo para as fruta rosadas e vermelho-rubi. Mas um pequeno proprietário não consegue se segurar nos anos de preços baixos ou de baixa produtividade.

O apocalipse paira sobre o Vale. Você precisa tirar rápido o seu antes que os borrachudos arruinem as frutas, antes que o governo suspenda o subsídio ao preço do algodão, antes das inundações, antes dos furacões, das geadas, das longas secas que enxugam as

águas para irrigação, antes que a Polícia da Fronteira impeça o fluxo dos imigrantes mexicanos clandestinos. A ameaça de desastre está sempre lá, persistente e inquietante como o vento da tarde. O Vale já foi deserto, e deserto voltará a ser. Portanto, trate de tirar logo o seu enquanto é tempo.

Os velhotes que trabalham nas imobiliárias dizem: “Bom, não vejo nada de novo nisso. Já vi isso acontecer. Me lembro que em 1928...”.

Um novo fator, porém, algo jamais visto, começa a mudar o aspecto familiar de desastre do Vale, como o lento desenvolvimento de uma doença que ninguém sabe quando começou.

Morte é ausência de vida. Sempre que a vida se retira, a morte e a podridão tomam conta. Seja o que for — orgânicos, energia vital — que a gente precisa descolar a cada segundo pra continuar vivo, não tem muito disso no Vale. A comida apodrece antes de você levá-la pra casa. O leite azeda antes de terminada a refeição. O Vale é um lugar onde está irrompendo uma nova força antívida.

A Morte paira sobre o Vale como fumaça invisível. O lugar exerce um magnetismo curioso nos moribundos. Células em vias de extinção gravitam em torno do Vale. Pois veja.

Gary West veio de Minneapolis. Tinha poupado vinte mil dólares tocando uma fazenda leiteira durante a guerra. Com esse dinheiro, comprou uma casa e um pomar no Vale. Ficava num ponto muito distante, para os lados de Mission, onde acaba a irrigação e começa o deserto. Cinco acres de grapefruits *ruby reds* e uma casa em estilo espanhol de 1920. Ali se fixou com a mãe, a mulher e dois filhos. Via-se em seus olhos as marcas da revolta, do ressentimento e do medo, próprias de um homem que sente nas células o desabrochar de uma doença fatal. Ele não estava doente na época, mas suas células já farejavam a morte e West sabia disso. Um dia, quis vender tudo e abandonar o Vale.

— Me sinto enclausurado aqui. Fui até onde dava; agora quero cair fora do Vale — dizia.

Começou a pular de um projeto pra outro: uma plantação no Mississippi, uma horta invernal no México. Acabou voltando para Minnesota, onde entrou como sócio numa empresa de ração bovina. Pra isso usou o dinheiro da entrada que recebeu pela venda da sua

propriedade do Vale. Mas ele não conseguia ficar longe do Vale. Debateu-se que nem um peixe fígado no anzol, até que as engrenagens de sua depressão celular o esgotaram e o Vale tornou a enredá-lo. Enfrentou várias doenças. Uma infecção na garganta que afetou seu coração, por exemplo. Internado no Hospital McAllen, procurava se ver como um homem de negócios ávido para se pôr de pé e voltar ao trabalho. Seus projetos foram se tornando mais e mais destrambelhados.

— Esse cara é louco — disse Roy, o corretor de imóveis. — Não sabe o que quer.

Agora só o Vale era real para West. Não tinha mais para onde ir. Os outros lugares eram pura fantasia. Ouvindo ele falar, você tinha a estranha impressão de que lugares como Milwaukee não existiam. Acabou se recuperando e partindo para o Arkansas, pra dar uma olhada num negócio de criação de ovelhas a quinze dólares o acre. Voltou ao Vale e começou a construir uma casa graças a um empréstimo. Daí, alguma coisa pifou nos seus rins, e seu corpo se inundou de urina. Dava pra sentir a urina no hálito e na transpiração dele. “Isso é envenenamento urêmico”, afirmou o médico em meio ao odor de urina que dominava o consultório. West começou a ter convulsões e morreu. Deixou pra mulher uma maçaroca de títulos de crédito e duplicatas de Milwaukee e do Vale que levaria uns dez anos para ela destrinchar.

As piores características da América afluíram para o Vale e lá se concentraram. Em toda a região não havia sequer um bom restaurante. A alimentação ali só podia ser tolerada por gente que não saboreia o que come. No Vale, os restaurantes não são administrados por verdadeiros cozinheiros e provedores de alimentos. São tocados por gente que pensa: “Bem, as pessoas estão sempre comendo; portanto, abrir um restaurante é um bom negócio”. As bibocas têm uma fachada de vidro, de modo a possibilitar a visão do interior, e guarnições cromadas. A comida é típica dos maus restaurantes americanos. O dono fica sentado no restaurante, olhando os fregueses com perplexidade e rancor. No fundo, não tem muita vontade de tocar um restaurante. Nem dinheiro ele está ganhando.

Muita gente fez dinheiro rápido e com facilidade durante a guerra e nos anos subsequentes. Qualquer negócio era um bom negócio, do mesmo jeito que qualquer investimento vale a pena num mercado em ascensão. As pessoas se achavam muito espertas, quando na verdade estavam apenas tendo a sorte de explorar um filão rico. Mas agora o Vale se revela um filão difícil, e só mesmo o grande capital consegue explorá-lo. As leis econômicas atuam no Vale como uma fórmula de álgebra do ginásio, pois não há o elemento humano para interferir. Os muito ricos estão cada vez mais ricos, enquanto todos os outros vão ficando cada vez mais duros. Os Grandes Investidores não são especialmente espertos, ou inescrupulosos, ou empreendedores. Não precisam dizer ou pensar nada. Tudo que fazem é esperar sentados o dinheiro que vem desaguar em seus bolsos. Ou você se acerta com os Grandes Investidores, ou então larga tudo e aceita o primeiro emprego que te oferecerem. A classe média vai se achatando, e só um em mil consegue subir. Os Grandes Investidores são o cassino, os pequenos fazendeiros são os jogadores. O jogador acaba duro se continuar jogando; se desistir, perde a fazenda para o governo, por desistência. Os Grandes Investidores possuem todos os bancos do Vale, e quando o fazendeiro se vê, por fim, sem um tostão, o banco toma sua propriedade. Não demora muito, os Grandes Investidores vão ser donos de todo o Vale.

O Vale é como um jogo de dados honesto, onde os jogadores não têm a vitalidade necessária para influenciar os dados, limitando-se a ganhar ou perder ao acaso. Você nunca ouve ninguém dizer: "Era pra ser assim". E, quando dizem, estão se referindo a alguma morte. Um acontecimento que "era pra ser assim" pode ser bom ou mau, mas é como é, não se pode lamentá-lo ou consertá-lo — o que não tem remédio remediado está. Mas, como tudo no Vale acontece por acaso — exceto a morte —, os habitantes estão sempre chorando sobre o leite derramado, como apostadores pobretões do jôquei na volta das corridas: "Eu devia ter ficado com aqueles cem acres da baixada; eu devia ter arrendado aqueles campos de petróleo; eu devia ter plantado algodão em vez de tomate". Um suspiro nasal se

desprende do Vale, um murmúrio descomunal de arrependimento e desespero.

Quando cheguei ao Vale, eu ainda estava na depressão pós-cura. Me faltavam apetite e energia. Só queria saber de dormir, o que eu fazia de doze a catorze horas por dia. De vez em quando, comprava duas onças de paregórico, bebia com duas bolas de nembutal e me sentia normal por horas a fio. É preciso assinar um comprovante quando se compra pg, e eu não queria me queimar nas farmácias. Você só pode comprar pg de vez em quando, do contrário o farmacêutico desconfia e te bate a porta na cara ou aumenta o preço.

Fiz sociedade com um amigo chamado Evans para comprar máquinas, contratar um capataz e plantar algodão. Plantamos cento e cinquenta acres de algodão. Uma boa colheita de algodão rende um fardo por acre, ao preço subsidiado de cento e cinquenta dólares o fardo. Esperávamos, portanto, uma receita bruta de vinte e dois mil dólares. O capataz fazia todo o trabalho. Evans e eu só dávamos uma espiada no algodão de vez em quando. Demorava uma hora para percorrermos toda a plantação, pois os campos se espalhavam de Edinburgh até a baixada, já perto do rio. Não adiantava muito olharmos o algodão, já que nenhum de nós entendia patavina do assunto. Passeávamos de carro pelas plantações só pra matar o tempo até as cinco da tarde, quando começava o bebum.

Uns cinco ou seis habitués que se reuniam toda tarde na casa do Evans. Exatamente às cinco, alguém martelava uma panela e gritava: "Hora da mamadeira!" — e os demais vinham, aos pulos, como lutadores excitados pelo gongo. Por economia, preparávamos nosso próprio gim, usando álcool mexicano. Os martinis feitos com esse gim tinham um gosto péssimo. A gente precisava pôr pedaços de gelo no copo pra não ficar morno na hora de beber. Eu, que não consigo tomar nem bons dry martinis no calor, preparava pra mim um belo coquetel à base de açúcar, lima, club soda e um tiquinho de quinino pra ficar parecido com gim-tônica. Ninguém no Vale tinha ouvido falar de água tônica de quinino.

O tempo naquele verão foi perfeito para o algodão. Quente e seco dia após dia. Começamos a colheita antes de 4 de julho, e lá pelo

dia primeiro de setembro já estava tudo ensacado. O lucro foi pequeno. Os altos custos de produção, mais o altíssimo custo de vida — eu gastava cerca de setecentos dólares por mês pra viver naquele Vale, sem carro nem empregada —, devoravam quase todo nosso lucro. Resolvi que era hora de cair fora do Vale.

No começo de outubro, recebi uma carta da Justiça dizendo que meu caso ia ser julgado dali a quatro dias. Liguei pro Tige, que disse: — Não dá bola. Eu consigo uma prorrogação. Dias depois, recebo uma carta do Tige, dizendo ter descolado uma prorrogação de três semanas. Mas duvidava que pudesse conseguir um novo adiamento.

Liguei pra ele dizendo que eu estava de partida para o México. Ele disse: — Bom. Divirta-se o máximo que puder nessas três semanas, e volte para o julgamento.

Perguntei-lhe sobre as possibilidades de uma nova prorrogação.

Ele disse: — Falando com toda a franqueza, não são nada boas. Não consigo nada com esse juiz. A úlcera está corroendo o humor dele.

Resolvi tomar providências para permanecer no México assim que chegasse lá.

Mal cheguei na Cidade do México, saí à cata de junk. Pelo menos, estava sempre com um olho aberto pra coisa. Como já disse, eu sei localizar um território junky. Na primeira noite, andando pela rua Dolores, vi um grupo de junkies chineses na porta de uma biboca de Chop Suey. É difícil chegar num chinês. Eles só fazem negócio entre si. Eu já sabia que era perda de tempo tentar descolar junk com aquelas figuras.

Um dia, vagando pela San Juan Létran, passei em frente de uma cafeteria com azulejos coloridos na fachada e no piso. Tinha um ar indisfarçável de Oriente Próximo. Uma pessoa estava saindo da cafeteria. A típica figura que você só encontra nos arredores de um território junky.

Do mesmo jeito que geólogos em busca de petróleo se orientam pelas formações rochosas de um terreno, também certos sinais indicam a proximidade do junk. Sempre se acha junk perto de

bairros obscuros ou em transição. Rua Catorze, lado leste, perto da Terceira Avenida em Nova York; Poydras com St. Charles em New Orleans; San Juan Létran na Cidade do México. Aí se encontram lojas de membros artificiais, perucas, equipamentos para dentistas e *lofts* industriais — edifícios com andares-salões abrigando maquinaria e operários — que fabricam perfumes, pomadas, bijuterias, óleos essenciais. São pontos em que negócios bizarros convivem com a boca do lixo.

Há uma figura típica que de vez em quando pode ser encontrada nessas redondezas, que tem contato com junk, embora ela mesma não seja nem usuário nem vendedor. Quando o vejo, a vareta do meu hidrógrafo treme. Junk à vista. Seu país de origem fica no Oriente Próximo, Egito talvez. Tem um narigão reto e lábios finos, azul-violáceos, igual à pele da cabeça do pênis. Rosto com uma pele lisa e esticada. Ele é basicamente obscuro, sem que isso envolva, necessariamente, nenhum ato depravado ou atividade vil. Traz a marca de um certo tipo de comércio ou ocupação que não existe mais. Se a droga fosse banida da Terra, ainda assim restariam junkies zanzando por esses bairros dúbios, sentindo uma falta longínqua mas persistente da droga — um pálido fantasma da velha fissura junky.

Assim, esse homem se move imperturbável por lugares onde antes exerceu seu comércio obsoleto e impensável. Seus olhos negros possuem a calma invisível de um inseto. Tem cara de quem se alimenta de mel e essências do Levante, sugados através de uma espécie de tromba.

E que comércio perdido é esse? Próprio das classes servis, sem dúvida. Algo a ver com mortos, embora ele não seja embalsamador. Quem sabe não armazena algo em seu corpo — alguma substância secreta que prolonga a vida — com a qual seus mestres o amamentam regularmente? Ele é tão especializado como um inseto no desempenho de alguma função abominável, inconcebível.

O Chimu Bar, de fora, parece uma cantina qualquer. Basta entrar lá dentro, porém, para se perceber que é um bar gay.

Pedi um drinque no balcão e olhei em volta. Três bichas mexicanas faziam pose diante da jukebox. Um deles veio rebolando até mim, com gestos estilizados de dançarino de cerimônias rituais, e me pediu um cigarro. Havia alguma coisa de arcaico nele, uma graça animalesca e depravada, ao mesmo tempo bela e repulsiva. Eu o via se agitando em torno de uma fogueira, seus gestos ambíguos se fundindo com a penumbra. A sodomia é tão velha quanto a espécie humana. Uma das bichas estava sentada num reservado ao lado da jukebox, em perfeita imobilidade, sereno e estúpido como um animal.

Me virei para olhar mais de perto o rapaz que me abordara. Nada mal. “*Por qué triste?*”, perguntei em espanhol. Não foi um bom começo, mas eu não estava lá pra conversar.

O rapaz sorriu, revelando gengivas ultravermelhas e dentes pontiagudos e separados. Deu de ombros e disse qualquer coisa, que não estava triste, ou pelo menos não muito. Dei uma olhada em torno.

— *Vámonos a otro lugar* — eu disse.

O garoto sorriu. Seguimos pela mesma rua até um restaurante boêmio e pegamos um reservado. O garoto pôs a mão na minha perna, por baixo da mesa. Senti um nó no estômago, de pura excitação. Engoli o café e esperei, impaciente, que ele acabasse a cerveja e o cigarro.

O garoto conhecia um hotel. Enfiei cinco pesos através de uma grade. Um velho abriu a porta do quarto e jogou uma toalha esgarçada na cadeira. “*Llevas pistola?*”, perguntou o garoto. Ele tinha visto minha arma. Eu disse que sim.

Dobrei minha calça, a deixei sobre uma cadeira e pus meu revólver em cima. Joguei a camisa e a cueca em cima da arma. Sentei pelado na beira da cama e fiquei apreciando o strip-tease do garoto. Com muito cuidado, ele dobrou a calça do seu terno azul já bem gasto. Tirou a camisa e pendurou-a sobre o paletó, no encosto da cadeira. Tinha uma pele cor de cobre suave. Fez a cueca escorregar pelas pernas, se virou pra mim e sorriu. Daí, veio se sentar ao meu lado na cama. Passei a mão lentamente por suas

costas, enquanto a outra descia pelo peito até a concavidade de seu estômago enxuto. Ele sorriu e deitou.

Mais tarde, fumamos um cigarro, nossos ombros se tocando debaixo das cobertas. O garoto disse que precisava ir embora. Pusemos a roupa. Fiquei imaginando se ele ia querer dinheiro. Achei que não. Lá fora, nos separamos numa esquina com um aperto de mão.

Um tempo depois, topei com outro garoto, o Ângelo, no mesmo bar. Continuei a vê-lo, com intervalos, nos dois anos seguintes. Quando eu caía no junk, ficava meses sem ver Ângelo; mas, quando estava fora, sempre cruzava com ele numa rua qualquer. No México, os desejos têm uma força mágica. Basta querer alguém, que ele aparece.

Uma vez, eu estava à cata de um garoto. Cansado, sentei num banco de pedra da alameda. Sentia a lisura da pedra através do pano da calça e uma dor nos quadris semelhante a uma leve dor de dente, que não é comparável a nenhuma outra dor. Ali sentado, olhando o parque, me bateu uma calma repentina, uma felicidade. Me vi numa relação mágica com A Cidade e tive certeza de que eu ia descolar um garoto naquela noite. E descolei.

Ângelo tinha um rosto oriental, parecia japonês, exceto pela pele acobreada. Ele não era veado propriamente, e eu lhe dava dinheiro, sempre a mesma quantia, vinte pesos. Às vezes, quando eu não tinha essa quantia, ele dizia: "*No importa*". Insistia em varrer meu apartamento sempre que dormia lá.

Depois de conhecer Ângelo, não voltei mais ao Chimu. No México ou nos States, bares gays sempre me deprimiram.

O significado de "*manãna*" é "espere até aparecerem sinais positivos". Se você tem pressa de descolar junk e sai por aí abordando desconhecidos, vai acabar sem a grana e espancado, sem contar prováveis encrencas com a polícia. Mas se você souber esperar, o junk acabará vindo às suas mãos.

Eu já estava na Cidade do México fazia vários meses. Um dia, fui ver o advogado que eu tinha contratado para tirar autorizações de

residência e trabalho pra mim. Um sujeito de meia-idade malvestido estava parado na porta do escritório.

— Ele ainda não chegou — disse o sujeito. Olhei pra ele. Era um junky da velha guarda, sem dúvida. Óbvio que ele também não tinha dúvidas a meu respeito.

Ficamos levando um papo até o advogado chegar. O junky estava ali pra vender medalhinhas religiosas. O advogado tinha pedido a ele que levasse uma dúzia delas ao escritório.

Depois de falar com o advogado, convidei o junky pra jantar, e lá fomos nós a um restaurante da San Juan Létran.

O junky quis saber minha história, e eu contei pra ele. Virou a lapela do seu paletó e exibiu uma agulha espetada na parte interna.

— Estou nessa há vinte e oito anos — disse ele. — Quer descolar algum?

Só existe um traficante na Cidade do México, e seu nome é Lupita. Faz vinte anos que ela está no ramo. Lupita começou com um grama de junk e partiu daí pro monopólio da droga na cidade. Pesava cento e trinta e seis quilos e começou a usar junk pra emagrecer. Porém, apenas sua cara emagreceu, nada mais. Ela contrata um amante por mês, mais ou menos, lhe dá camisas, ternos, relógios, e depois despacha o cara quando se farta dele.

Lupita se vale do suborno para atuar abertamente, como se administrasse uma vendinha. Não precisa se preocupar com os caguetes, pois qualquer tira do Distrito Federal sabe que Lupita vende junk. Ela mantém em sua casa apetrechos pro pico em copos com álcool, que é pros junkies irem lá se picar e poderem sair na maior limpeza. Quando um tira quer levantar grana pra uma cervejinha, se põe à porta de Lupita, na esperança de que alguém saia de lá com um papelote no bolso. Por dez pesos (um dólar e vinte e cinco cents, na época), o tira solta o cara. Por vinte pesos, devolve o junk. Vez por outra, algum cidadão desavisado começa a passar papelotes mais bem servidos que os dela por um preço melhor, mas não dura muito. Lupita oferece um prêmio permanente de dez papelotes pra quem lhe apontar outro passador no Distrito

Federal. Daí, ela só telefona pra um de seus amigos da delegacia de entorpecentes, e o passador logo cai.

Lupita joga dos dois lados. Se alguém aplica um bom golpe, ela aciona sua rede de informações pra descobrir quem estava na jogada. Os ladrões lhe vendem a muamba pelo preço que ela estipula. Do contrário, ela os entrega à polícia. Lupita está por dentro de tudo que se passa até nos confins do submundo da Cidade do México. Fica ali sentada, distribuindo seus papelotes como uma deusa asteca.

Lupita só vende o bagulho em papéis. Ela diz que é heroína, mas na verdade não passa de pantopon malhado com lactose e uma merda qualquer que parece areia e fica no fundo da colher depois que se “cozinha” a substância.

Eu passei a descolar os papelotes de Lupita através do Ike, o junky da velha guarda que eu tinha encontrado no meu advogado. Eu já estava há três meses sem junk nessa época. Só demorou três dias pra eu voltar à antiga forma.

Um ex-viciado pode ficar dez anos sem junk, mas se retomar os picos volta a ficar dependente em menos de uma semana. Uma pessoa virgem de junk precisar tomar dois picos por dia durante dois meses consecutivos para se tornar dependente. Eu tomei, da primeira vez, um pico por dia durante quatro meses até começar a sentir sintomas de fissura. É possível enumerar esses sintomas, mas a sensação que eles provocam não se compara a nenhuma outra — não dá pra pôr em palavras. Eu só soube o que era fissura de junk, na sua plenitude, na minha segunda dependência.

Por que será que um ex-dependente volta a se viciar muito mais rápido que um virgem de junk, mesmo depois de anos de abstenção? Eu não aceito a teoria de que o junk fica armazenado no corpo o tempo todo — a espinha é seu suposto esconderijo — e também não concordo com nenhuma das explicações psicológicas. Acho que o uso de junk causa alterações celulares permanentes. Uma vez junky, sempre junky. Você pode parar de tomar junk, mas depois da primeira dependência ficará marcado para sempre.

Quando minha mulher viu que eu estava me viciando de novo, fez algo inusitado. Eu estava cozinhando um pico dois dias depois de ter contactado Old Ike. Minha mulher arrancou a colher da minha mão e jogou-a no chão. Dei-lhe dois tapas na cara e ela se atirou na cama, soluçando; aí, se virou pra mim e disse: — Será que não tem nada que te interesse na vida? Você bem sabe o quanto fica entediado quando está no junk. É como se todas as luzes se apagassem. Bom, faça o que você quiser. Além do mais, aposto que você tem mais bagulho mocoçado em algum lugar.

Eu tinha mesmo um pouco de junk mocoçado.

Os papelotes de Lupita custam quinze pesos cada um — cerca de dois dólares — e têm só a metade da potência de uma cápsula americana do mesmo preço. Se a pessoa é dependente, precisa de dois papelotes pra se segurar — nada mais que se segurar. Pra ficar chapado de verdade são necessários quatro papelotes. Eu achava esse preço aviltante, já que tudo é mais barato no México. Eu era obrigado a pagar preços superiores aos dos Estados Unidos por um bagulho de qualidade inferior. Ike me disse: — Ela precisa cobrar caro pra poder subornar a polícia.

Então perguntei ao Ike: — E que tal receitas?

Ele me disse que os coveiros só podiam receitar M (morfina) líquida. O máximo permitido por receita eram quinze centigramas, mais ou menos dois grãos e meio. Sairia bem mais barato que descolar de Lupita. Fomos atrás dos coveiros. Encontramos vários dispostos a receitar por cinco pesos e outros tantos farmacêuticos que topavam aviar as receitas.

Uma receita dá pra um dia, se você mantiver a dependência em nível baixo. O problema é que é mais fácil descolar receitas do que aviá-las. Quando você acha uma farmácia que topa, o cara rouba o teu junk e te vende água destilada. Isso não é nada raro. Ou então ele nem tem morfina e bota qualquer coisa no frasco. Já me deram porcarias contendo um pó que não se dissolvia. Poderia ter me matado, se eu tivesse tentado aplicar aquelas merdas.

Os médicos mexicanos não são que nem os dos Estados Unidos. Eles nunca vêm com aquele teatrinho pra cima de você. Os que topam receitar, fazem isso sem que você precise contar nenhuma

história pra eles. Tem tanto médico na Cidade do México que muitos mal conseguem viver. Conheço coveiros que morreriam de fome se não passassem receitas de morfina. Eles nunca têm pacientes, a menos que você considere junkies como pacientes.

Eu estava sustentando o vício do Ike e o meu próprio; o dinheiro escasseava. Perguntei pro Ike quais eram as chances de se traficar na Cidade do México. Ele disse que era impossível.

— Você não ia durar uma semana. Lógico, você arrumava um montão de fregueses dispostos a pagar quinze pesos por uma boa morfina, igual à que a gente descola com as receitas. Mas na primeira vez que eles levantassem da cama fissurados e sem grana, iam correr pra Lupita e te dedar em troca de alguns papelotes. Ou então, se os homens pegam esses caras, eles abrem a boca num segundo. Alguns nem precisam de interrogatório: vão logo cantando o jogo. “Me solta que eu te conto quem anda passando junk.” Daí, os homens mandam o cara fazer uma compra com dinheiro marcado, e pronto — você tá fodido. São oito anos por vender droga, sem fiança. Já vieram me dizer: “Ike, a gente sabe que você arranja o bagulho com receita. Olha aqui quinze pesos. Me arruma um pouco”. Às vezes eles vêm com um belo relógio ou com roupas boas. Eu digo pra eles que estou fora. Claro que eu podia fazer duzentos pesos por dia, mas não ia durar uma semana.

— Mas não dá pra arrumar uns cinco ou seis clientes bons?

— Conheço todos os malucos da Cidade do México. Não confio em nenhum. Em nem unzinho.

No começo foi mais ou menos fácil aviar as receitas. Depois de umas semanas, porém, nossas receitas se acumulavam nas farmácias que vendiam M, e elas passaram a nos despachar. Pelo jeito, íamos voltar a Lupita. Uma ou outra vez ficamos a zero e tivemos de descolar com ela. A boa morfina de farmácia tinha acentuado nossa dependência, e agora eram precisos dois papelotes de quinze pesos da Lupita para nos segurar. Bom, trinta pesos por pico era demais pro meu bolso. Ou eu desistia, ou reduzia minha dependência a dois papelotes por dia, ou, ainda, arranjava outra fonte de suprimento.

Um dos nossos médicos receitadores sugeriu ao Ike que solicitasse uma autorização especial do governo. Ike me explicou que o governo mexicano expedia autorizações aos viciados, garantindo-lhes uma certa quantidade mensal de morfina a preços de atacado. O médico queria cem pesos para encaminhar um pedido. Eu disse: "Vai em frente, pede a ele", e lhe dei o dinheiro. Não esperava que desse certo, mas deu. Dez dias depois, Ike recebia uma autorização oficial para comprar quinze gramas de morfina por mês. A autorização era assinada por seu médico e pelo médico-chefe do Conselho de Saúde. Bastava levá-la a uma farmácia.

O preço era de mais ou menos dois dólares o grama. Lembro da primeira vez que ele usou a autorização: uma caixa cheia de ampolas de morfina. O sonho de todo junky. Eu nunca tinha visto tanta morfina junta. Dei-lhe a grana, e a gente rachou o bagulho. Sete gramas por mês davam cerca de três grãos por dia; eu nunca tivera tanto nos Estados Unidos. Assim, me vi suprido de morfina por trinta dólares mensais, contra trezentos dólares por mês nos States pela mesma quantidade.

Durante esse tempo, não conheci os outros junkies da Cidade do México. A maioria rouba para levantar o dinheiro do junk. Estão sempre na mira dos tiras. São todos caguetes. Não se pode confiar neles nem pra comprar um único papelote. Não é bom negócio se ligar a essas figuras.

Ike não roubava. Se virava vendendo pulseiras e medalhinhas que imitavam prata. Ele tinha que sumir logo dos fregueses, pois sua prata fajuta pretejava em poucas horas. Uma ou duas vezes ele pegou cana e foi condenado por fraude, mas eu sempre ia lá pagar sua fiança. Disse a ele que arrumasse alguma atividade rigorosamente lícita. Ike começou, então, a vender crucifixos.

Ike já fora ladrão de loja nos Estados Unidos e, segundo ele, chegava a tirar cem dólares por dia em Chicago com uma certa mala "mágica" usada para surrupiar roupas. A lateral da mala se abria e fechava graças a uma mola. O dinheiro ia todo em cocaína e M.

No México, porém, Ike não roubava. Sabia que mesmo os melhores ladrões passavam a maior parte da vida na gaiola. No México, os ladrões notórios podem ser jogados na colônia penal de Três Marias sem julgamento. Não existe o ladrão de classe média, de aparência burocrática e bom nível de vida, como nos Estados Unidos. Só dá grandes golpistas, com ligações políticas, ou vagabundos que apodrecem nas prisões. Os grandes golpistas são, em geral, chefes de polícia ou autoridades de boa posição. Esse é o quadro no México, e Ike carecia de um pistolão para agir em paz.

De vez em quando, eu via um junky de pele parda, um yucateco que Ike chamava de "Nego Sacana". Nego Sacana também estava no ramo dos crucifixos. Na verdade, era extremamente religioso e todos os anos fazia uma peregrinação a Chalma, se arrastando de joelhos sobre pedras nos últimos quatrocentos metros, escorado por duas pessoas. Depois disso, ele ficava um ano num barato místico.

Nossa Senhora de Chalma deve ser a madrinha dos junkies e dos ladrões pés de chinelo, pois todos os fregueses de Lupita fazem a peregrinação uma vez por ano. O Nego Sacana aluga um cubículo na igreja e passa papelotes de junk descaradamente malhados com muita lactose.

Eu costumava vê-lo de vez em quando, e Ike me contava muitas histórias a seu respeito. Ike odiava o Nego Sacana como só um junky pode odiar outro. “O Nego Sacana me queimou naquela farmácia. Foi lá e disse que eu tinha mandado ele. Agora o farmacêutico não quer mais saber de aviar as minhas receitas.”

Assim iam passando os meses. Sempre estávamos curtos de junk no fim do mês, o que nos obrigava a descolar umas receitas. Sempre me sentia inseguro sem o bagulho; só desfrutava de uma confortável sensação de segurança quando eu tinha os meus sete gramas bem mocoçados em algum lugar.

Uma vez, Ike pegou quinze dias de cana na prisão local — a Carmen, como eles chamam — por vadiagem. Eu estava sem um tostão e não podia pagar a fiança dele. Fui vê-lo no terceiro dia de cana. Seu corpo tinha encolhido; os ossos despontavam em seu rosto; os olhos castanhos luziam de dor. Eu tinha levado na boca uma pedrinha de ópio embrulhada em celofane. Cuspi o ópio numa meia laranja e lhe dei. Em vinte minutos ele estava numa boa.

Dei uma olhada em volta e notei como os malucos formavam um grupo à parte, como as bichas, que ficavam num canto do pátio, com seus gritinhos e trejeitos. Os junkies se aninhavam numa patota à parte, conversando e gesticulando à maneira junky.

Todos os junkies usam chapéu, se têm um. Todos se parecem, como se envergassem trajes idênticos em aspectos impossíveis de classificar. O junk imprimiu neles sua marca indelével.

Ike me contou que os presos costumavam roubar a calça dos recém-chegados. “Uma gentinha escrota, essa.” De fato, eu vi vários homens circulando de cueca. O comandante dava uma geral nas mulheres e nos parentes dos presos, pra ver se não estavam contrabandeando junk. Uma vez, pegou uma mulher tentando passar um papelote pro marido. Ela só tinha cinco pesos. Então, ele pegou o vestido dela, vendeu por quinze pesos, e ela teve de voltar embrulhada num lençol imundo.

O lugar fervilhava de caguetes. Ike tinha medo de guardar pra depois o pedaço de ópio que eu tinha levado pra ele, pois temia que os outros presos o roubassem ou fossem dedá-lo ao comandante.

Caí na velha rotina de ficar em casa tomando três ou quatro picos por dia. Pra ter o que fazer, me matriculei na Universidade do México. Os estudantes só me inspiravam piedade, e eu não gastava meu tempo olhando pra eles.

Um ano de vida junky parece nada, quando se olha pra trás. Só os períodos de fissura permanecem na memória. A gente só lembra dos primeiros picos que inauguram a dependência e dos picos que te salvam de uma fissura brava.

(Mesmo no México, sempre tem o dia em que tudo dá errado. A farmácia fecha, ou o seu garoto que não está de serviço, ou então o coveiro foi a uma festa fora da cidade, e você não consegue descolar nada: nem sexo nem junk.)

Fim do mês. Eu, sem junk e fissurado, esperava Old Ike aparecer com uma receita de morfina. Um junky passa a metade do tempo esperando. Tinha um gato em casa que a gente andava alimentando, um gato cinza horrendo. Peguei o bicho no colo e fiquei acariciando seu pelo. Quando ele quis pular fora, segurei-o com força. O gato começou a miar, procurando um jeito de escapar.

Aproximei meu rosto do focinho dele, pra encostar seu nariz gelado no meu. Ele arranhou minha cara. Foi de raspão, nem saiu sangue. Mas era tudo que eu precisava. Segurei o gato no ar, o braço esticado, e, com a mão livre, comecei a estapeá-lo na cara. O gato berrava, me enfiando as garras; aí, deu uma mijada na minha calça. Continuei a espancar o gato, com a mão sangrando dos arranhões. Uma hora, o bicho deu uma pirueta e conseguiu se livrar, correndo pro banheiro. Ficou lá gemendo e choramingando, em pânico.

— Agora eu acabo com esse filho da puta! — eu disse, agarrando uma bengala pesada. O suor escorria pela minha cara. Eu tremia de excitação. Lambi os lábios e fui indo pro banheiro, atento a qualquer tentativa de fuga.

Nisso, minha patroa interveio, e eu larguei a bengala. O gato disparou pra fora do banheiro e voou escada abaixo.

Ike me trazia cocaína, quando conseguia descolar alguma. É difícil encontrar C no México. Eu nunca tinha experimentado uma boa

coca. Coca é puro barato. Te deixa ligado — uma ligação mecânica que começa a te abandonar mal você começa a senti-la. Não conheço nada como C pra ligar uma pessoa, mas o barato não dura mais que uns dez minutos. Daí, você já quer outro pico. Nos períodos em que você está se aplicando C, tende a aumentar a dose de M pra acelerar o pique do pó e também para arredondar suas arestas. Sem M, C te deixa muito nervoso; M funciona como antídoto em caso de overdose. Não se desenvolve tolerância à cocaína, e a diferença entre uma dose normal e uma tóxica não é muito grande. Várias vezes errei na medida e comecei a ver tudo preto, o coração indo a pique. Por sorte eu tinha sempre muita morfina à mão, e um pico de M me reanimava rápido.

Junk é uma necessidade biológica, quando se está dependente. É uma boca invisível. Você se satisfaz com um pico de junk, como se batesse um belo prato de comida. Com C, porém, logo que o efeito do último pico se dissipa, você já quer outro. Tendo C em casa, você não sai mais pra ir ao cinema ou pra qualquer outro lugar até que tenha dado conta do pó. Um pico cria um desejo urgente pelo próximo, pra peteca não cair. Mas no que a cocaína abandona seu organismo, você esquece por completo dela. Cocaína não provoca dependência.

Junk dá curto-circuito no sexo. O impulso para a sociabilidade não sexual tem a mesma origem do desejo sexual, por isso, quando estou fisgado pela heroína ou pela morfina, me torno não sociável. Se alguém quiser conversar, o.k. Mas não tomo a iniciativa de conhecer ninguém. Quando fora do junk, atravesso uns períodos de sociabilidade incontrolável e falo com qualquer um que se dispuser a me escutar.

O junk te tira tudo e não te dá nada além de proteção contra a fissura de junk. De vez em quando, eu fazia um balanço da vida que estava levando e resolvia me tratar. Com muito junk em cima, parece fácil cair fora. Você diz: "Isso não tá mais me dando nenhum barato. Acho que vou cair fora". Basta entrar na fissura, porém, pras coisas ficarem diferentes.

Durante mais ou menos o ano em que eu vivi me picando no México, tentei me curar cinco vezes. Tentei reduzir os picos e tentei a cura chinesa, com uma fórmula de lúpulo e xarope Wampole. Toda vez que você toma a fórmula de lúpulo tem que adicionar uma quantidade igual de xarope Wampole. Em mais ou menos dez dias você está bebendo o Wampole puro, e a diluição foi tão lenta que nem deu pra se dar conta.

Essa é a teoria da cura chinesa. Mas o que acontece em geral é o seguinte: você começa a tomar um pouco mais de lúpulo que o seu programa permite e isso significa incluir mais Wampole e diluir o lúpulo muito mais rapidamente. Depois de alguns dias você não sabe mais quanto tem ali e acaba tomando tudo de uma vez, pra ter certeza. E assim você acaba com um vício pior que aquele de antes da cura chinesa.

O vício de comer é o pior vício que existe. É mais difícil de largar que o vício da agulha, e os sintomas de abstinência são muito piores. Na verdade, não é raro um junky com vício de comida morrer quando cortam sua cota de peru defumado na cadeia. Um junky com vício de comida sofre de cólicas de estômago terríveis quando não consome o alimento. E os sintomas duram até três semanas, enquanto os do vício de agulha levam uns oito dias.

Quando você larga a seringa, passa muito mal até o terceiro dia, e aí você pensa: seria *impossível* me sentir pior que isso. Mas o quarto dia é pior. Depois disso, o alívio é absurdo. E no sexto dia fica apenas uma sombra pálida do mal-estar do junk.

Mas com o vício de comer você pode esperar pelo menos dez dias de um sofrimento terrível. Então quando você está se curando com lúpulo, é preciso ter muito cuidado pra não adquirir o vício de comer. Se você não consegue seguir um cronograma, é melhor voltar para a agulha.

Depois do meu fiasco chinês, resolvi fazer uns papelotes e dá-los à minha mulher, para que os escondesse e fosse me passando, de acordo com um cronograma. Ike me ajudou a fazer os papéis, mas, como ele não tinha senso de medida, sua programação era muito generosa no início, e acabava de repente, sem uma redução real. Então, tracei eu mesmo meu cronograma. No começo cumpri as

etapas, mas me faltava motivação. Descolava o bagulho por baixo do pano com Ike e sempre arranjava pretextos para um pico extra.

Eu sabia que não queria continuar no junk. Se fosse simples tomar essa decisão, eu nunca mais tocaria em junk. Mas, quando começava o processo de abandono, me faltava determinação. Sentia uma terrível sensação de desesperança ao me ver melar todas as tentativas, como se eu não tivesse mais controle sobre as minhas ações.

Numa manhã de abril, acordei meio fissurado. Fiquei ali deitado, observando as sombras no teto de estuque branco. Me lembrei de um tempo muito remoto, quando eu deitava ao lado da minha mãe e ficava olhando as luzes da rua deslizarem do teto pras paredes. Senti uma saudade aguda dos apitos de trem, do som de piano ecoando na rua, de folhas secas.

Fissura de junk, quando moderada, sempre me traz de volta a magia da infância. “Nunca falha”, pensei. “É que nem um pico. Será que os outros junkies também curtem essa maravilha?”

Fui ao banheiro tomar um pico. Há tempos andava espetando a mesma veia. A agulha entupiu duas vezes. O sangue escorria pelo meu braço. O junk se espalhou pelo meu corpo, uma injeção de morte. O sonho acabara. Fiquei olhando o sangue escorrer do cotovelo pro pulso. Senti uma súbita compaixão pelas veias e tecidos violados. Enxuguei com carinho o sangue do meu braço.

— Vou cair fora disto — eu disse em voz alta.

Preparei uma solução de ópio e pedi ao Ike pra não aparecer por uns dias. Ele disse: — Tomara que você consiga, garoto. Tomara que você caia mesmo fora. Quero ficar paralítico se não estiver sendo sincero.

Em quarenta e oito horas a provisão de morfina no meu corpo se exauriu. A solução que eu havia preparado mal dava pra controlar a fissura. Tomei tudo, com duas pastilhas de nembutal, e dormi várias horas. Quando acordei, minha roupa estava empapada de suor. Meus olhos lacrimejavam e ardiavam. O corpo todo estava dolorido e sensível. Me virei na cama, arqueando as costas e esticando pernas e braços. Daí, puxei as pernas e os joelhos e enfiei as mãos unidas

entre as coxas. A pressão das mãos disparou o gatilho tênue de um orgasmo típico da fissura. Levantei e fui trocar de cueca.

Ainda tinha um pouco de ópio no fundo da garrafa. Dei um último gole e saí pra comprar quatro tubos de tabletes de codeína. Tomei a codeína com chá quente e me senti melhor.

Ike disse: — Você está indo rápido demais. Me deixa preparar uma solução pra você. — Eu o ouvia na cozinha, irradiando o processo: — Um pouquinho de canela, pro caso dele começar a vomitar... um pouco de salva pra caganeira... uns cravos pra limpar o sangue...

Eu nunca tinha provado nada tão ruim. Mas a beberagem baixou minha fissura a um nível tolerável e com isso eu me sentia meio de barato o tempo todo. Não era um barato de ópio; era um barato da privação. Junk é uma inoculação de morte que mantém o corpo em estado de emergência. Quando se suspende o junk, a emergência continua. As sensações se aguçam, o viciado adquire consciência dos seus trâmites viscerais num grau nada confortável, o movimento peristáltico torna-se incontrolável. Seja qual for a sua idade, o viciado em processo de desintoxicação se sujeita aos excessos emocionais de uma criança ou adolescente.

Depois de engolir por três dias a beberagem do Ike, caí no álcool. Eu nunca bebia quando estava no junk ou na fissura de junk. Porém, beber ópio é diferente de se aplicar o pozinho branco. Dá pra misturar ópio e bebida.

No começo, eu só bebia depois das cinco da tarde. Uma semana mais tarde, eu já estava bebendo às oito da manhã; passava o dia e a noite bêbado, e amanhecia de porre no dia seguinte.

Toda manhã, ao acordar, eu mandava ver benzedrina, sanicin e uma pedrinha de ópio, com café preto e um trago de tequila. Daí, deitava de novo e tentava reconstituir a noite anterior, e o dia também. Em geral, me dava um branco a partir do meio-dia. Às vezes, a gente acorda de um sonho e pensa: “Meu Deus, será que eu fiz mesmo isso?”. A fronteira entre o dizer e o pensar se torna ambígua. “Eu falei aquilo ou só pensei?”.

Não é comum um junky largar o bagulho por decisão própria. Eu nunca tinha largado antes, a não ser quando não conseguia nenhum

tipo de junk e tinha que jogar a toalha. Ninguém consegue se rebaixar tanto quanto um junky que se curou sozinho.

Depois de dez dias de tratamento, minha deterioração era chocante. Minha roupa estava toda manchada e espessa, de tanta bebida derramada. Nunca tomava banho. Perdi peso, minhas mãos tremiam, andava derrubando coisas, tropeçando em cadeiras e levando tombos. Mas parecia ter energia e capacidade ilimitadas para encarar o bebum, o que nunca acontecera antes. Minhas emoções estavam estilhaçadas. Tive um acesso de sociabilidade incontrolável, que me levou a conversar com qualquer um em quem eu pudesse grudar. Fazia confissões íntimas desagradáveis a pessoas totalmente estranhas. Fazia, às vezes, propostas sexuais na lata a pessoas que não haviam demonstrado nenhum sinal de reciprocidade.

A cada tantos dias, Ike aparecia. — Tô contente de ver que você tá abandonando o junk, Bill. Quero ficar paralítico se não estiver dizendo a verdade. Mas, se você ficar muito fissurado e começar a vomitar, olha aqui cinco centigramas de morfina.

Ike não via com bons olhos minhas bebedeiras. — Você tá bebendo bem, hein? Tá ficando pirado, cara. Olha só a tua cara: horrível. Melhor voltar aos bagulhos do que beber desse jeito.

Eu estava numa cantina vagabunda da rua Dolores, na Cidade do México. Eu vinha bebendo por duas semanas seguidas. Estava sentado num reservado com mais três mexicanos, bebendo tequila. Os mexicanos estavam muito bem-vestidos. Um deles falava inglês. Outro, troncado e de meia-idade, cara triste e doce, tocava violão e cantava umas músicas. Ele estava sentado no fundo do reservado. Eu achava ótimo que a cantoria impossibilitasse a conversa.

Cinco tiras entraram. Achei que poderia levar uma geral, por isso tirei a cartucheira e o revólver da cintura e joguei debaixo da mesa, junto com uma pedrinha de ópio escondida num maço de cigarro. Os tiras tomaram uma cerveja rápida e foram embora.

Quando fui olhar debaixo da mesa, o revólver tinha sumido, mas a cartucheira estava lá.

Fui pra outro bar e sentei numa mesa com o mexicano que falava inglês. O cantor e os outros dois mexicanos tinham ido embora. O ambiente estava imerso em uma luz amarela, baça. Atrás do balcão de mogno, coroando a prateleira de bebida, havia uma cabeça de touro do tempo do onça. Fotografias de toureiros, algumas autografadas, decoravam as paredes. A palavra “*saloon*” aparecia talhada no vidro fosco da porta de mola. Fiquei lendo e relendo aquela palavra. Tive a sensação de estar no meio de uma conversa.

Pela cara do sujeito à minha frente, deduzi que eu tinha parado no meio de uma frase, mas não me lembrava o que eu tinha dito nem o que estava por dizer, nem do assunto da conversa. Achei que a gente pudesse estar falando sobre o revólver. “Eu devo estar tentando comprá-lo de volta”, pensei. Notei que o sujeito segurava a minha pedra de ópio na mão.

— Quer dizer que você acha que eu tenho cara de junky, é? — ele disse.

Olhei pra ele. O sujeito tinha uma cara esquelética, com zigomas salientes, e olhos castanho-cinzentos, comuns nos mestiços de índio com europeu. Vestia um terno cinza-claro e gravata. Boca enxuta, retorcida nos cantos. Uma boca junky, sem dúvida. Tem gente que parece junky sem ser, do mesmo jeito que há falsas bichas. São tipos que causam problemas.

— Vou chamar um policial — disse ele, dirigindo-se a um telefone preso a uma coluna.

Arranquei o fone da mão do cara e dei-lhe um tranco tão forte que ele se estatelou contra o balcão. Sorriu pra mim. Pátina marrom recobria seus dentes. Virou as costas, chamou o barman e mostrou-lhe a pedrinha de ópio. Dei o fora e peguei um táxi.

Lembro que fui pra casa pegar outro revólver — um berro de grosso calibre. Eu estava com uma raiva danada, embora não lembrasse exatamente por quê.

Saí de outro táxi, cruzei a rua e entrei no bar. O homem estava inclinado sobre o balcão, com seu paletó apertando suas costas e ombros. Virou sua cara anódina pra mim.

Eu disse: — Vai andando na minha frente.

— Por quê, Bill? — ele perguntou.

— Vamos logo!

Puxei, já engatilhando, o revólver da cintura e encostei a boca do cano no estômago do homem. Com a mão esquerda agarrei-o pela lapela e joguei-o de novo contra o balcão. Só depois me ocorreu que o sujeito me chamara pelo nome e que o barman provavelmente também sabia quem eu era.

O sujeito estava relaxado, controlando o medo na cara imperturbável. Percebi alguém se aproximando por trás de mim, pela direita. Virei um pouco o rosto. O barman vinha chegando com um policial. Me virei pra eles irritado com a interrupção. Enfiei o revólver na barriga do guarda.

— Quem te mandou vir aqui meter o bedelho? — perguntei em inglês. Eu não estava falando com um policial palpável, em três dimensões; eu me dirigia ao policial que frequentava meus sonhos: um sujeito moreno, irritante, indefinido, que sempre aparecia quando eu estava prestes a tomar um pico ou ir pra cama com um rapaz.

O barman agarrou meu braço e afastou a arma da barriga do policial. O policial, impassível, puxou seu velho 45 e o encostou com firmeza no meu corpo. Senti o frio do metal através da camisa de algodão fino. A barriga do policial, antes encolhida, saltou pra fora. Relaxei a mão e alguém me tirou o revólver. Levantei as mãos pro alto, a meio-pau, em atitude de rendição.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse em inglês —, *bueno*.

O guarda abaixou o 45. O barman, encostado no balcão, examinava minha arma. O homem do terno cinza ficou ali parado com sua cara de nada.

— *Está cargado* — disse o barman, sem tirar os olhos da arma.

Eu queria dizer: “Claro, de que adianta um revólver descarregado?”. Mas fiquei quieto. Era uma cena irreal, banal, gratuita, como se eu tivesse entrado de supetão no sonho alheio: um bêbado invadindo o palco.

Eu era irreal para eles, um estrangeiro. O barman me olhou com curiosidade. Deu de ombros com um perplexo desprezo e enfiou a arma na cintura. Não havia ódio no ambiente. Talvez me odiassem, se eu fosse mais próximo deles.

O guarda me agarrou firme pelo braço. — *Vámonos gringo* — disse.

Saí com o policial. Me sentia mole, com dificuldade para controlar as pernas. Tropecei e o policial me segurou. Pensei em emprestar dinheiro de uns *muchachos* amigos, pois não tinha nenhum comigo. Meu cérebro estava anestesiado. Espanhol e inglês se misturavam na minha cabeça. A palavra espanhola para *emprestar* se escondera num nicho fugidio da minha mente, barrada ao meu acesso por conexões alcoólicas entorpecedoras. O policial sacudiu a cabeça. Eu fazia um esforço enorme pra me controlar. De repente, o policial parou.

— *Ándale, gringo* — disse, empurrando de leve meu ombro. O policial ficou ali parado um minuto, vendo eu me afastar. Fiz-lhe um aceno. Ele não respondeu. Virou as costas e voltou pelo caminho por onde viéramos.

Só me sobrara um peso. Entrei numa cantina e pedi uma cerveja. Não tinha chope, só garrafa, a um peso cada uma. Vi um grupo de mexicanos num canto do balcão e fui puxar papo com eles. Um deles me mostrou um distintivo do serviço secreto. Um babaca, provavelmente, pensei. Em todos os bares mexicanos tem um babaca metido a tira. Quando dei por mim, estava bebendo uma tequila.

Acordei no dia seguinte num quarto estranho. Olhei em volta. Lugarzinho vagabundo. Um guarda-roupa, uma cadeira, uma mesa. Através da cortina eu via gente passando lá fora. Estava no térreo. Umhas roupas minhas estavam penduradas na cadeira. Em cima da mesa, o paletó e a camisa.

Joguei as pernas pra fora da cama e tentei me lembrar do que tinha acontecido depois do último gole de tequila. Me deu um branco. Saí da cama e fiz um inventário dos meus pertences. “Caneta-tinteiro sumiu. Não faz mal, estava vazando... igual a todas que eu já tive... canivete sumiu... não tem importância também...” Comecei a me vestir. Tremia muito. “Preciso engolir umas cervejinhas... talvez eu pegue o Rollins em casa agora.”

Foi uma longa caminhada. Rollins estava na frente de sua casa, passeando com seu perdigueiro norueguês. Era um homem forte, da

minha idade, bonito, de cabelo negro, crespo e um pouco grisalho nas têmporas. Vestia um paletó esporte caro, calça de lã rajada e um colete de camurça. Fazia trinta anos que a gente se conhecia.

Rollins ouviu meu relato dos eventos da noite anterior. — Você vai acabar levando um tiro nos miolos, se continuar andando com aquele revólver — disse. — Pra que andar armado? Você nunca ia saber mesmo no quê está atirando. Você entrou de frente em duas árvores na Insurgientes. Avançou contra um carro no meio da rua. Te dei um puxão, e você ainda me ameaçou. Te larguei lá, tentando achar o caminho de casa, e não sei como você conseguiu. Todo mundo já se encheu do seu comportamento dos últimos tempos. Se tem alguém que eu não quero ter ao meu lado, e acho que ninguém quer, é um bêbado com um revólver.

— Você tem razão, claro — eu disse.

— Bom, mesmo assim quero te ajudar no que eu puder. Mas a primeira providência é parar com essa bebedeira e cuidar da saúde. Você tá péssimo. Depois seria bom pensar em ganhar algum dinheiro. E, por falar nisso, imagino que você esteja duro, como sempre. — Rollins puxou a carteira. — Olha aqui cinquenta pesos. É tudo que eu posso fazer por você.

Enchi a cara com os cinquenta pesos. Lá pelas nove da noite, fiquei liso e voltei pra casa. Deitei e tentei dormir. Ao fechar os olhos, vi um rosto oriental de lábios e nariz corroídos por alguma doença. A doença se espalhou, transformando a cara em uma massa ameboide na qual os olhos flutuavam, olhos baços de crustáceo. Devagar, um novo rosto ia se formando em torno dos olhos. Uma série de caras distorcidas, hieróglifos se encaminhando ao ponto final, onde termina a estrada humana, onde a forma humana já não pode conter o horror em forma crustácea que se desenvolveu dentro dela.

Observei com curiosidade aquilo. “Estou alucinando”, constatei.

Acordei sobressaltado. Permaneci deitado, o coração batendo rápido, tentando atinar com o motivo do meu medo. Me pareceu ouvir barulhos lá embaixo. — Tem alguém aqui — eu disse em voz alta, o que aumentou minha crença de que tinha mesmo alguém.

Peguei minha carabina 30-30 no armário. Minhas mãos tremiam; mal consegui carregá-la. Deixei cair vários cartuchos no chão antes de acertar dois nos orifícios dos canos. As pernas não queriam me sustentar. Desci e acendi todas as luzes. Ninguém, nada.

A tremedeira só piorava e, além de tudo, eu estava fissurado! “Há quanto tempo você não toma um pico?”, perguntei a mim mesmo. Não me lembrava. Comecei a revirar a casa em busca de junk. Algum tempo atrás, eu tinha mocoçado um pedaço de ópio num canto do quarto. A pedrinha havia escorregado para uma fresta do assoalho de tábuas, fora de alcance. Fiz várias tentativas de recuperá-la, sem sucesso.

— Desta vez eu pego — falei, com um sorriso. Com as mãos trêmulas, improvisei um gancho com um cabide e tentei pescar o ópio. O suor escorria pelo meu nariz. Esfolei as mãos nas farpas de madeira do buraco. — Se eu não conseguir de um jeito, vai ser de outro — ponderei, com o mesmo sorriso insano. Fui procurar o serrote.

Não achei. Eu corria de um aposento pro outro, espalhando coisas por toda parte e esvaziando gavetas no chão. Fiz uma bagunça dos diabos. Soluçando de raiva, tentei arrancar as tábuas do assoalho com as mãos nuas. Por fim, desisti e fiquei largado no chão, ofegante, choramingando.

Lembrei que havia um pouco de dionina na caixa de remédios. Fui ver. Só tinha um tablete. Cozinhei ele na colher, e o troço ficou leitoso. Estava com medo de me picar na veia. Um solavanco involuntário da minha mão arrancou a agulha do meu braço e o líquido se espalhou sobre a minha pele. Fiquei ali sentado, olhando o braço.

Acabei dormindo um pouco. Na manhã seguinte, acordei com uma depressão terrível. A fissura de junk, suspensa pela codeína e pelo ópio, anestesiada por semanas a fio de bebedeira constante, voltou a todo vapor. “Preciso arranjar codeína”, pensei.

Remexi nas minhas roupas. Nada, nem um cigarro nem um centavo. Fui pra sala e enfiei a mão entre o assento e o encosto do sofá. Corri a mão por ali e encontrei um pente, um pedaço de giz, um lápis quebrado, uma moeda de dez centavos, uma de cinco. Daí,

senti uma dor dilacerante e puxei a mão pra fora. Um corte fundo no dedo sangrava com abundância. Uma gilete, na certa. Rasguei um pedaço de toalha e enfaixei o dedo. O sangue empapou o pano e começou a pingar no chão. Voltei pra cama. Não conseguia dormir. Não conseguia ler. Fiquei ali, olhando estoicamente pro teto.

Um palito de fósforo atravessou a porta do quarto e foi parar no chão do banheiro. Sentei de chofre, o coração aos pulos. “Old Ike, o passador!” Ike costumava se esgueirar pra dentro de casa e manifestar sua presença como um poltergeist, atirando coisas ou batendo nas paredes. Surgiu no quadro da porta.

— Como vão as coisas? — perguntou.

— Não muito bem. Estou com tremedeira. Preciso de um pico.

Ike balançou a cabeça. — Pois é — começou —, M é o mais indicado pra tremedeira. Me lembro uma vez em Minneapolis...

— Esquece Minneapolis. Cê tem aí?

— Tenho, mas não comigo. Preciso de uns vinte minutos pra ir pegar. — Old Ike sentou e começou a folhear uma revista. Olhou pra mim. “Por quê? Você tá a fim?”

— Tô.

— Vou já buscar.

Ike demorou duas horas.

— Tive de esperar o cara do hotel voltar do almoço pra me abrir o cofre. Guardo os bagulhos no cofre, pra ninguém me arrochar. Eu digo lá no hotel que é ouro em pó.

— Mas, e aí, pegou?

— Peguei. Cadê teus trecos?

— No banheiro.

Ike voltou do banheiro com os apetrechos e começou a cozinhar um pico. Falava sem parar. — Você anda bebendo demais e já tá pirando. É mal te ver sair do junk pra uma coisa ainda pior. Conheço muita gente que abandonou o junk. Muitos não aguentam os preços da Lupita. Quinze pesos por papelote... e você precisa de três pra te segurar. Eles acabam caindo na biritá e não duram mais que dois ou três anos.

— Vamos logo com esse pico — eu disse.

— Já vai. A agulha entupiu — Ike procurou nas bordas da lapela do seu paletó uma crina para limpar a agulha. Continuou falando: — Me lembro de uma vez, perto de Mary Island, a gente estava num barco e o Coronel caiu bêbado na água. Já ia se afogando, ele e as suas duas pistolas. Foi a maior dureza tirar o sujeito da água. — Ike soprou a agulha. — Tá limpa agora. Eu conheci um maluco que se abastecia na Lupita. Era chamado de “El Sombrero” porque se virava passando a mão no chapéu das pessoas e dando no pé. Quando o bonde começava a andar, ele se aproximava, agarrava o chapéu de alguém e... *xisp!*, dava no pé. Você devia ver esse cara agora. Pernas inchadas, cobertas de feridas nojentas. Meu Deus! As pessoas desviam dele! — Ike ficou parado com o conta-gotas numa mão, a agulha na outra.

— E esse pico, sai ou não sai?

— O.k., quanto você quer? Uns cinco centigramas? É, acho que cinco tá bom.

O pico demorou um tempão pra surtir efeito. Bateu devagarinho no começo; daí, foi crescendo de intensidade. Afundei na cama, como se estivesse imergindo num banho quente.

Continuei bebendo. Dias depois, desmaiei no Ship Ahoy após oito horas seguidas de tequila. Uns amigos me levaram pra casa. No dia seguinte, tive a pior ressaca da minha vida. Comecei a vomitar de dez em dez minutos. No fim, era só bílis pura.

Old Ike apareceu. — Para de beber, Bill. Cê tá pirando, rapaz.

Nunca me senti tão mal. A náusea fazia meu corpo estremecer em convulsões. Old Ike me segurava enquanto eu expelia golfadas de bílis na privada. Passou um braço pelos meus ombros, pra me sustentar, e me ajudou a voltar pra cama. Lá pelas cinco da manhã, parei de vomitar e consegui segurar no estômago uma jarra de suco de uva e um copo de leite.

— Tá cheirando a mijado aqui — eu disse. — Um gato deve ter mijado debaixo da cama.

Ike deu umas cheiradas em volta da cama. — Não tô sentindo nada, não. — Deu mais umas cheiradas na cabeceira onde eu me

recostava, apoiado nos travesseiros. — Bill, é você que tá cheirando a mijo!

— Hein? — eu fiz, cheirando minhas mãos com um horror crescente, como se estivesse descobrindo lepra. — Meu Deus! — Meu estômago gelou de medo. — Estou com uremia! Estou envenenado! Ike, vai buscar um médico.

— O.k., Bill, vou te arranjar um logo, logo.

— Só não me apareça com um desses coveiros vagabundos que vendem receitas a cinco pesos!

— O.k., Bill.

Fiquei ali deitado, tentando controlar o medo. Eu não sabia grande coisa sobre uremia. Uma mulher que eu conheci ligeiramente no Texas tinha morrido disso depois de beber uma garrafa de cerveja por hora durante duas semanas. Rollins me contou como foi. “Ela foi inchando e ficando meio preta. Começou a ter convulsões e morreu. A casa inteira ficou cheirando a mijo!”

Procurei relaxar e prestar atenção nas minhas tripas pra ver o que estava acontecendo. Não sentia a presença da morte nem sinais de doença grave. Me sentia cansado, abatido, mole. Fiquei de olhos fechados no quarto escuro.

Old Ike voltou com um médico e acendeu a luz. Um médico chinês, dos que passavam receita de junk pro Ike. Ele falou que não era uremia, pois eu conseguia mijar e não tinha dor de cabeça.

— E por que será que eu tô fedendo desse jeito? — perguntei.

O médico deu de ombros. Ike disse: — Ele acha que não é nada sério. Falou que você precisa parar de beber. Ele acha melhor você voltar pros picos do que beber desse jeito. — O médico confirmou com a cabeça. Quando saíram, ouvi Ike pedindo uma receita de morfina pro coveiro.

— Ike, acho que esse cara não entende nada de nada. Quero que você faça o seguinte. Vai falar com o Rollins, aquele meu amigo — eu te dou o endereço —, e pede que ele me mande um bom médico. Ele deve conhecer um, porque a mulher dele anda doente.

— Bom, tudo bem — disse Ike. — Mas acho que você só vai gastar dinheiro à toa. Esse médico é muito bom.

— É, ele tem uma ótima mão pra receitas, né?

Ike riu e deu de ombros. — Tá legal.

Uma hora depois ele estava de volta, com Rollins e outro médico. Logo que entrou em casa, o médico deu uma cafungada no ar e sorriu. Balançou a cabeça pro Rollins. Tinha uma cara redonda e sorridente, de traços orientais. Me fez um exame rápido e perguntou se eu estava conseguindo urinar. Daí, virou pro Ike e perguntou se eu costumava ter ataques.

Ike me contou: — Ele veio me perguntar se você já tinha pirado. Eu disse que não, tirando aquela vez que você andou brincando com o gato...

Rollins falava num castelhano titubeante, procurando cada palavra. "*Este señor huele muy malo e quiere saber por qué.*"

O médico explicou que se tratava de uma uremia incipiente, mas que o perigo já tinha passado. Eu ia ter que ficar sem beber por um mês. Ele pegou uma garrafa de tequila vazia. — Mais uma dessas e o senhor está morto. — Guardou seus instrumentos. Passou uma receita de um preparado antiácido pra eu tomar de tantas em tantas horas. Apertou minha mão e a do Ike, e foi embora.

No dia seguinte, me bateu a larica e eu comi tudo que estava à minha frente. Fiquei três dias de cama. Os efeitos metabólicos do alcoolismo cessaram. Quando voltei a beber, foi com moderação e nunca antes do fim da tarde. Fiquei longe do junk.

Naquela época, os cadetes frequentavam o Lola's durante o dia e o Ship Ahoy à noite. O Lola's não era bem um bar. Era uma espécie de lanchonete. Havia uma caixa cheia de cerveja, soda e gelo logo à entrada, à esquerda. Um balcão, com bancos sustentados por tubos metálicos e revestido de couro amarelo envernizado, corria por uma das laterais do salão até uma jukebox. Do outro lado, uma fileira de mesas. As borrachinhas dos pés dos bancos tinham se perdido fazia muito tempo, e quando a faxineira os arrastava de um lado pro outro, pra varrer o chão, eles faziam um som estridente horroroso. Tinha uma cozinha nos fundos, onde um cozinheiro maltrapilho fritava umas porcarias numa gordura rançosa. O Lola's não tinha passado nem futuro. Nada mais era que uma sala de espera.

Eu estava sentado no Lola's lendo jornal. Uma hora, abaixei o jornal e dei uma olhada em volta. Na mesa ao lado, alguém falava sobre lobotomia. "Eles cortam os nervos." Em outra mesa, dois rapazes passavam uma cantada numas garotas mexicanas. "*Mi amigo es muy, muy...*" O cara procurava a palavra. As garotas davam risadinhas. As conversas no Lola's eram de uma banalidade alucinante, bocas tagarelas espalhadas pelas cadeiras metálicas, conjuntos humanos se desconjuntando em uma cósmica insanidade, eventos aleatórios num universo moribundo.

Eu já estava fora do junk fazia dois meses. Tudo parece banal quando se abandona o junk, mas sempre vem à lembrança a rotina dos picos, do horror catatônico do junk, da vida drenada pra dentro do braço três vezes ao dia.

Apanhei a seção de quadrinhos de um jornal na mesa ao lado. Era de dois dias antes. Deixei de lado. Nada pra fazer. Nenhum lugar pra ir. Minha mulher estava em Acapulco. Voltei pra casa e vi Old Ike no outro quarteirão.

Tem gente que você reconhece de longe; outras pessoas, só mesmo chegando muito perto, o suficiente para tocá-las. Os junkies em geral projetam uma imagem nítida. Houve uma época em que a minha pressão sanguínea subia de prazer só de eu ver Old Ike. Quando se está no junk, o passador é que nem o ser amado para o amante. Você fica esperando seus passos inconfundíveis ressoarem no corredor, sua batidinha especial na porta. Você sai à rua esquadrinhando todos os rostos. Você começa a alucinar e a imaginar cada detalhe da presença dele, como se o cara estivesse ali na porta, fazendo a velha piadinha de passador: "Desculpe te desapontar, mas não consegui descolar nada hoje", enquanto observa a combinação de esperança e ansiedade na sua cara, saboreando a sensação de poder benevolente, de quem pode dar ou negar. Pat, em New Orleans, sempre vinha com esse papo. Bill Gains, em Nova York, também. Old Ike jurava que não tinha arranjado nada, aí, sem eu perceber, jogava o papel no meu bolso e dizia: "Olha aí, você tinha o bagulho o tempo todo".

Mas agora eu estava fora do junk. Se bem que um pico de morfina mais tarde, antes de dormir, cairia legal, pensei; ou melhor, um

*speedball*: metade cocaína, metade morfina. Alcancei Ike na porta de casa. Botei a mão no seu ombro e ele virou, sua cara junky de velha desdentada se abrindo num sorriso ao me reconhecer.

— Oi — disse ele.

— Porra, não te vejo há quinhentos anos! — eu disse. — Onde cê tem andado?

Ele riu. — Tava na gaiola. E também não quis aparecer por aqui, porque eu sabia que você estava fora do junk. Você caiu fora totalmente mesmo?

— Pois é, tô fora da jogada.

— Tem certeza que não tá a fim de um pico? — Old Ike sorria.

— Bom...

Senti um toque de excitação, que nem ao encontrar alguém com quem se ia pra cama, e de repente a excitação volta e os dois sabem que vão pra cama de novo. Ike fez cara de santo. — Eu tô com uns dez centigramas aqui. Não é o bastante pra me fazer a cabeça. Tenho um pouco de coca também.

— Vamos entrar — eu disse.

Abri a porta. Estava escuro e mofado lá dentro. Roupas, livros, jornais, pratos e copos sujos, tudo espalhado por cadeiras, mesas e pelo chão imundo. Empurrei uma pilha de revistas pra fora do assento do sofá estropiado.

— Senta aí — eu disse. — O bagulho tá em cima?

— Tá, e bem mocoçado.

Ele abriu a braguilha e tirou de lá um envelope de papel retangular, dobrado à maneira junky, com uma ponta encaixando na outra. Dentro do envelope tinha dois envelopinhos dobrados do mesmo jeito. Ele botou os envelopes na mesa. Me olhou com seus olhos castanhos brilhantes. A boca, banguela e bem apertada, dava a impressão de ter sido costurada.

Fui pro banheiro pegar meus trecos. Agulha, conta-gotas e um chumaço de algodão. Pesquei uma colher de chá numa pilha de louça suja na pia da cozinha. Old Ike rasgou uma longa tira de papel, umedeceu-a com saliva e a enrolou na extremidade do conta-gotas. Daí, ajustou a agulha ao colarinho de papel. Abriu um dos

envelopes, com cuidado pro papel vegetal não estalar, fazendo o pó espirrar pra fora.

— Esta é a coca — disse, com o outro envelope na mão. — Cuidado que o bagulho é poderoso.

Esvaziei o envelope de morfina na colher, juntando um pouco d'água. Meio grão, mais ou menos, calculei. Muito mais pra quatro centigramas que dez. Segurei um fósforo aceso debaixo da colher, até a morfina se dissolver. Não se esquentava cocaína. Colhi um pouco de coca na ponta de uma faca e juntei à mistura. O pó se dissolveu instantaneamente, como neve na água. Usei uma gravata esgarçada como garrote, apertada em volta do braço. Estava com a respiração curta, de pura excitação. Minhas mãos tremiam.

— Me aplica, Ike?

Old Ike apalpou uma veia com dedo gentil, segurando o conta-gotas entre o dedão e o indicador. Ike era competente. Mal senti a agulha deslizar pra dentro da veia. Sangue vermelho-escuro penetrou no conta-gotas.

— O.k. — disse ele —, pode soltar.

Afrouxei o garrote e o conteúdo do conta-gotas correu todo pra dentro da veia. A coca bateu na cabeça, uma zoeira agradável, uma tensão; a morfina se espalhou pelo meu corpo em ondas relaxantes.

— Tá legal? — perguntou Ike, sorrindo.

— Se Deus inventou alguma coisa melhor, deve ter guardado só pra ele — eu disse.

Ike limpou a agulha esguichando água através do canal. — Bom — disse, displicente —, quando eu ouvir o chamado distante dos tambores, estarei de volta, tá bom?

Sentei no sofá e acendi um cigarro. Old Ike foi pra cozinha fazer um chá. Ele começou a narrar um novo capítulo da interminável saga do Nego Sacana. — O Nego Sacana tá atendendo três caras agora. Batedores de carteira, os três, dos que se viram bem na praça. Ele paga os tiras. Oferece mais ou menos quatro centigramas por pico, a quinze pesos. Agora que ele tá se dando bem, não quer mais falar comigo, o filho da mãe. Não dura um mês, você vai ver. A primeira vez que um dos caras for pego, abre o bico na maior. — Ike apareceu na porta da cozinha e estendeu um dedo na minha

direção. — Não dura um mês, ouça o que eu tô dizendo. — A boca banguela se retorcia de ódio.

Quando resolvi burlar a fiança e sair dos States, o junk começava a ocupar um lugar de destaque no noticiário, uma novidade especial. Eram claros os sintomas de uma histeria em dimensão nacional. Na Louisiana, uma nova lei criminalizava o viciado. Uma vez que não se especificava tempo e lugar nem se definia com clareza o termo “viciado”, as provas não eram necessárias e nem mesmo relevantes sob uma lei formulada dessa maneira. Sem provas não havia julgamento. Uma legislação típica de um Estado policial, que penalizava um jeito de ser. Outros estados seguiam o exemplo de Louisiana. Eu via as minhas chances de escapar de uma condenação minguaem a cada dia, à medida que o sentimento antijunk assumia proporções de obsessão paranoica, como o antissemitismo na época dos nazis. Então, resolvi mandar a justiça às favas e ir viver para sempre fora dos Estados Unidos.

Eu acompanhava a campanha antijunk a salvo, no México. Lia sobre crianças viciadas e senadores pedindo pena de morte para os passadores de droga. Isso não me parecia verossímil. Quem ia querer crianças como fregueses? Elas nunca têm dinheiro suficiente e sempre confessam num interrogatório. Os pais descobrem que os filhos caíram no junk e vão à polícia, dizem os jornais. Achei que ou os passadores de agora eram uns simplórios, ou então essa história de crianças viciadas era apenas cascata, pra estimular o sentimento antijunk e fazer passar novas leis.

Começaram a aparecer vários hipsters refugiados no México. “Sei meses por marcas de agulha na Califórnia.” “Oito anos por porte de conta-gotas em Washington.” Um grupo desses malucões pintava na minha casa todos os dias pra fumar maconha.

Tinha o Cash, um músico que tocava pistão. Tinha o Pete, um loiro fortão que poderia posar para um pôster do Garoto Americano Saudável. Tinha o Johnny White, com mulher e três filhos e uma cara de americano médio. Tinha o Martin, um garoto moreno bonito, de ascendência italiana. Não estavam lá por modismo; os hipsters agora tinham entrado mesmo na clandestinidade.

Aprendi o novo vocabulário daqueles caras: *jererê* pra maconha; *dançou* pra entrou em cana; *joia*, uma palavra que indicava qualquer coisa boa, sem sujeira com a polícia. Ao contrário, *bode* é tudo de que não se gosta e que implica confusão. Ouvindo essas figuras, fiz um quadro da situação nos Estados Unidos. Um caos total, onde não se sabe mais quem é quem nem onde se está pisando. Junkies da velha guarda costumavam dizer: “Se você encontrar um cara se picando no braço, pode ter certeza de que ele não é agente federal”.

Isso não é mais verdade. Martin me disse: — Aquele carinha pintou por lá dizendo que estava fissurado. Disse que conhecia uns amigos da gente de Frisco (São Francisco). Então, os outros dois carinhas serviram ele de H. Uma semana depois, os dois tomaram uma cana. Eu não estava junto quando aconteceu, porque não curtia aquele carinha e não estava na herô na época. Daí, o advogado dos dois que dançaram descobriu que o outro carinha era agente federal da delegacia de entorpecentes. *Agente*, não caguete. Vê se pode.

E o Cash me contou alguns casos, como o de dois caras que tomaram um pico juntos. Daí, um puxou o distintivo.

— Como evitar isso? — disse Cash. — Esses caras também são doidões. Caras como eu e você, só que com uma pequena diferença: trabalham pro Tio Sam.

Agora que a Delegacia de Entorpecentes resolveu prender todos os viciados dos Estados Unidos, a lei precisa de mais agentes pra realizar o trabalho. Não apenas mais agentes, mas também um tipo diferente de agente. Do mesmo jeito que, durante a Lei Seca, vagabundos e vigaristas foram recrutados pelo Departamento de Renda Interna, agora agentes viciados trabalham para a polícia em troca de junk grátis e impunidade. É difícil se fingir de viciado. Um conhece o outro. Os agentes viciados escondem seu vício da sociedade. Ou talvez até sejam tolerados, pois obtêm resultados. Um agente obrigado a escolher entre descobrir os canais de tráfico ou cair fissurado, exerce seu trabalho com um zelo todo especial.

Cash, o pistonista, que pegou seis meses por indícios de ser viciado, era alto e magrelo, com um cavanhaque irregular e óculos escuros. Andava com sapatos de sola grossa de crepe de couro, camisas caras de pelo de camelo e um blusão de couro com um

cinto afivelado na frente. Dava pra ver que no mínimo cem dólares cobriam seu corpo. A velha dele tinha grana e ele a gastava. Quando o conheci, seu dinheiro já estava quase no fim. Cash me disse: “As mulheres vêm me procurar. Não ligo pra mulher. A única coisa que realmente me dá barato é tocar pistão”.

Cash vivia mendigando junk e sabia dar sua chorada. Era difícil recusar. De vez em quando me emprestava algum dinheiro — insuficiente para cobrir o junk que ele tomava — e daí dizia que tinha me dado todo o seu dinheiro e não tinha sobrado nem pra comprar pílulas de codeína. Me disse que estava pulando fora do junk. Quando chegou no México, dei-lhe meio grão de morfina e ele apagou. Acho que o bagulho que eles estão vendendo agora nos States vem muito *cortado* (malhado, misturado).

Depois disso, ele pintava todo dia pra me pedir um “meio pico”. Ou então ia chorar no ombro do Old Ike, que não sabia resistir aos apelos de um homem fissurado. Falei pro Ike mandar o Cash passear; depois expliquei ao Cash que nem eu nem o Ike estávamos atuando no ramo do junk. Na verdade, o que eu quis dizer é que não estávamos no ramo a troco de nada. Ou seja, não éramos uma sociedade junky beneficente. A partir daí, não vi muito o Cash.

O peiote é o novo barato nos States. Não está incluído na Lei Harrison e pode ser comprado de herboristas por reembolso postal. Eu nunca tinha experimentado peiote e perguntei ao Johnny White se ele conseguiria descolar peiote no México.

Ele disse: — Claro. Um herborista daqui vende o negócio. Ele convidou a gente pra ir à casa dele comer peiote. Vem junto, se quiser. Quero ver se ele tem alguma outra coisa que eu possa levar pros Estados Unidos e vender lá.

— Por que não o próprio peiote?

— Não dá pra conservar. Apodrece ou resseca em poucos dias, e perde a força.

Fomos à casa do herborista. Ele trouxe uma cumbuca com peiote, um ralador e um bule de chá.

O peiote é um pequeno cacto, e só a parte superior, a que fica acima da terra, é aproveitável. É o chamado botão. Os botões são

descascados e ralados até ficarem parecidos com salada de abacate. A dose média pra um iniciante são quatro botões.

Engolimos o peiote com chá. Quase engasguei várias vezes. Por fim, engoli tudo e fiquei ali sentado, esperando alguma coisa acontecer. O herborista trouxe uma casca de não sei o quê, com efeitos parecidos com o do ópio, segundo ele. Johnny enrolou um baseado com aquele troço e botou na roda. Pete e Johnny disseram: — Que loucura! Isto é demais!

Dei umas puxadas, me deu tontura e ardência na garganta. Johnny comprou uma quantidade dessa porcaria fedorenta, com a ideia de vendê-la a *hipsters* desesperados nos Estados Unidos.

Dez minutos depois, comecei a passar mal por causa do peiote. Todos me disseram: — Segura firme, cara! — Aguentei mais dez minutos, daí corri pro banheiro pronto pra chamar o hugo, mas não consegui vomitar. Meu corpo todo se contraía num espasmo convulsivo, mas nada do peiote vir à tona. Também não queria ficar quieto no meu bucho.

Por fim, ele resolveu subir, sólido como uma bola de cabelo, entupindo minha garganta. Uma das piores sensações da minha vida. Depois disso, o barato veio vindo, devagarinho.

O barato de peiote é parecido com o de benzedrina. As pupilas se dilatam e você permanece acordado. Tudo em volta fica parecido com uma planta de peiote. Eu estava dirigindo o carro com os White mais Cash e Pete. Íamos pra casa de Cash no bairro de Lomas. Johnny disse: — Olha o barranco ao longo da estrada: parece uma planta de peiote.

Dei uma olhada e pensei: “Que ideia mais idiota. As pessoas acreditam no que querem”. Mas a verdade é que parecia mesmo um cacto de peiote. Tudo que eu via parecia um cacto de peiote.

Nossas caras incharam ao redor dos olhos e os lábios ficaram mais espessos, sob algum tipo de ação glandular provocado pela droga. Todo mundo ficou com cara de índio. Os outros diziam estar se sentindo primitivos, rolavam na grama e faziam tudo que achavam que os índios faziam. Além da zoeira parecida com a da benzedrina, eu não estava sentindo nada de extraordinário.

Passamos a noite inteira conversando e ouvindo os discos do Cash. Ele me falou de diversos carinhos de Frisco que se livraram da dependência de junk com peiote. — Parece que eles não quiseram mais saber de junk quando começaram a tomar peiote. — Um desses junkies veio ao México e começou a tomar peiote com os índios. Não parava de tomar, em grandes quantidades: até doze botões numa só dose. Morreu de alguma coisa que foi diagnosticada como pólio. Eu imagino que os sintomas de intoxicação por peiote e por pólio sejam idênticos.

Fiquei sem dormir até a manhã seguinte. Daí, toda vez que eu fechava os olhos tinha um pesadelo. Num dos sonhos, eu estava morrendo de hidrofobia. Olhei no espelho, meu rosto se transfigurou e comecei a uivar. Num outro sonho, eu era viciado em clorofila. Eu e mais uns cinco viciados em clorofila estávamos na frente de um hotel barato, esperando pelo contato. Fomos ficando verdes. Ninguém consegue se livrar da dependência de clorofila. Basta um pico pra ser fígado pra sempre. Estávamos virando plantas.

Parece faltar energia e uma alegria espontânea de viver aos jovens *hipsters*. A mera referência a fumo ou junk galvaniza-os como um pico de coca. Eles ficam excitados e dizem: — Demais, cara, demais! Vamo nessa, cara, vamo cair de boca! — Mas depois do pico ficam largados numa cadeira feito bebês resignados à espera de que a vida lhes traga de novo a mamadeira.

Achei seus interesses muito limitados. Reparei que o interesse deles por sexo, em particular, era bem menor que o da minha geração. Alguns confessavam não achar nenhuma graça no sexo. Cometi com frequência o erro de pensar que um cara era bicha só porque ele se mostrava indiferente às mulheres. No fim, acabava descobrindo que o sujeito não era homossexual; ele apenas não se interessava pelo assunto.

Bill Gains pediu arrego e se mandou pro México. Fui esperá-lo no aeroporto. Estava chapado de H e bolinhas. Sua calça estava manchada de sangue nos lugares em que ele se picara, no avião, com um alfinete. Você faz um buraco na carne com o alfinete e põe

o conta-gotas sobre o buraco, e a solução vai pra dentro dele. Esse método dispensa a agulha, mas é preciso ser macaco velho pra dar certo. É preciso pressionar com exatidão o bulbo do conta-gotas. Tentei uma vez, mas o junk espirrou pra fora do buraco e se perdeu. Gains, porém, entendia do assunto: o buraco aberto em sua carne já ficava à espera do junk.

Bill era da velha guarda. Conhecia todo mundo no ramo. Tinha uma reputação excelente e, enquanto alguém vendesse junk, ele conseguiria descolar o seu. Imaginei que a situação devia estar desesperadora nos States, quando soube que o Gains ia fazer as malas.

— Claro que ainda se pode descolar as coisas — me disse ele. — Mas, se eu continuasse nos Estados Unidos, ia acabar puxando uns dez anos de cana.

Tomei um pico com ele e entramos no papo o-que-aconteceu-com-quem.

— Old Bart morreu na prisão de Riker's Island, em Nova York. Louie virou dedo-duro. Tony e Nick também. Herman não conseguiu pegar condicional. Gimp vai cumprir de cinco a dez anos. Marvin, o garçom, morreu de overdose.

Lembrei de como Marvin costumava desmaiar sempre que tomava um pico. Podia vê-lo na cama de um hotel barato com o conta-gotas cheio de sangue espetado na veia feito uma ventosa e seu rosto azulando ao redor dos lábios.

— E o Roy? — perguntei.

— Você não soube? Virou dedo-duro e acabou se enforcando nas Catacumbas.

Parece que a polícia conseguiu fisgar o Roy por três lados: duas acusações por roubo, uma por entorpecentes. Prometeram retirar todas as acusações se ele ajudasse a pegar Eddie Crump, um velho passador. Eddie só atendia gente que ele conhecia bem, como o Roy. Os homens puxaram o tapete de Roy depois que pegaram o Eddie. Retiraram a acusação de entorpecentes, mas mantiveram as de furto. Roy acabou condenado a cumprir pena em Riker's Island, junto com o Eddie, que cumpria a pena máxima permitida naquele

presídio: três anos, cinco meses e seis dias. Roy se enforcou nas Catacumbas, onde aguardava transferência para Riker's.

Roy sempre tinha encarado os caguetes de forma puritana e intolerante. "Não sei como um caguite consegue viver dentro da própria pele", me disse uma vez.

Perguntei ao Bill sobre as tais crianças viciadas. Ele balançou a cabeça, sorrindo aquele seu sorriso matreiro e sacana: — Pois é, Lexington está cheio de garotinhos agora.

Um dia, eu estava no Opera Bar, na Cidade do México, quando cruzei com um político que eu conhecia. Ele estava numa mesa, guardanapo enfiado no colarinho, comendo um filé. Entre garfadas generosas, ele me perguntou se eu conhecia alguém interessado em comprar uma onça de heroína.

Eu disse: — Talvez. Quanto?

— Eles querem quinhentos dólares.

Falei com Bill Gains, que disse: — Tudo bem. Se for mais ou menos pura, eu fico com ela. Mas nada de comprar no escuro; quero provar o bagulho antes.

Marquei um encontro com o político, e a gente foi lá no gabinete dele. O sujeito tirou o bagulho de uma gaveta, acondicionado numa dedeira de borracha, e colocou na mesa, ao lado de um 45 automático.

— Não entendo nada desse troço — disse ele. — Eu só cheiro cocaína.

Despejei um pouquinho num pedaço de papel. Não me pareceu lá grande coisa. Meio cinza-escuro, o pó. Deduzi que "eles" tinham torrado o bagulho num forno de cozinha.

Gains tomou um pico, mas como estava tão chapado de bolinhas de nembutal e morfina, não conseguia mais distinguir uma droga da outra. Então, tomei um pico e disse a ele: — É H, mas tem alguma coisa errada...

Nesse meio-tempo, pessoas entravam e saíam do gabinete. Ninguém deu a mínima pra gente ali, de manga arregaçada, cutucando as respectivas veias com a agulha. Pode acontecer de tudo no gabinete de um político mexicano.

Bill acabou comprando a herô e eu fui pra não sei onde, e não o vi até o dia seguinte. Às onze horas de uma luminosa manhã mexicana, lá estava ele de pé ao lado da minha cama, cadavérico com um sobretudo preto-azulado, seus olhos mais brilhantes que nunca cintilando na sombra do quarto cortinado. As impurezas da morfina picareta estavam corroendo seu cérebro como espiroquetas.

— Você vai ficar aí parado — disse ele —, com todo esse carregamento que está pra chegar?

— Claro que vou — respondi, aborrecido. — Isto aqui não é uma fazenda... Carregamento do quê?

— Da velha, boa e pura morfina — disse. Aí, de sobretudo, sapato e tudo mais, ele deitou na cama comigo.

— Que aconteceu com você, cara? — perguntei. — Ficou louco? — E ao olhar pros seus olhos vazios percebi que tinha ficado. Levei-o de volta pro quarto e confisquei o que restava da heroína.

Old Ike apareceu, e a gente enfiou uma boa golada de láudano pela goela do Bill. Depois disso, ele parou de delirar sobre "carregamentos da velha, boa e pura morfina" e foi dormir.

— E se ele morrer? — disse Old Ike. — Vão botar a culpa em mim.

— Se ele morrer você puxa o carro — eu disse. — Escuta, ele tem seiscentos dólares na carteira. Bobagem deixar pros tiras mexicanos, né?

Demos uma geral completa no lugar, atrás da carteira, mas não conseguimos achá-la. Olhamos em todo canto, menos debaixo do colchão onde o Bill estava.

No dia seguinte, Bill levantou novo em folha. Não conseguia achar sua grana.

— Você deve ter mocozado ela — eu disse. — Olha debaixo do colchão.

Ele levantou o colchão e a carteira apareceu, recheada de notas.

\* \* \*

Por essa época eu não estava no junk, mas ainda faltava muito pra ficar completamente limpo, caso eu levasse uma geral imprevista. Sempre tinha maconha na minha casa, onde, aliás, umas pessoas iam regularmente tomar uns picos. Eu só estava me

arriscando, sem ganhar um centavo com isso. Resolvi que tinha chegado a hora de sair da baixa e rumar pro Sul.

Abandonar o junk significa abandonar um meio de vida. Já vi junkies largarem o vício, caírem no bebum e acabarem abotoando o paletó em poucos anos. O suicídio é frequente entre ex-junkies. Por que um junky abandona o junk por vontade própria? Ninguém sabe. Não é um levantamento consciente das desvantagens e dos horrores da vida junky que leva o sujeito a cair fora. A decisão de abandonar o junk é uma decisão celular, e uma vez que se decidiu abandonar o junk, não se volta mais a ele em termos permanentes, tanto quanto não se conseguia ficar muito tempo longe dele antes. Quem volta da vida junky vê tudo diferente, como alguém que esteve fora muito tempo.

Andei lendo sobre uma droga chamada *yage*, usada pelos índios das cabeceiras do rio Amazonas. Dizem que o *yage* aumenta a sensibilidade telepática. Um cientista colombiano extraiu do *yage* uma droga que ele batizou de telepatina.

Sei, por experiência própria, que a telepatia é um fato. Não tenho o menor interesse em provar a existência da telepatia ou de qualquer outra coisa a ninguém. Eu quero é adquirir conhecimentos práticos de telepatia. O que me interessa, num relacionamento, é estabelecer contato com o nível não verbal da intuição e dos sentimentos — ou seja, um contato telepático.

Parece que eu não sou o único interessado no *yage*. Os russos estão usando essa droga em experimentos com trabalho escravo. Eles pretendem induzir as pessoas a estágios de obediência automática e controle efetivo do pensamento. A velha sacanagem. Nada de condicionamento ou lero-lero: basta entrar na psique da pessoa e dar ordens. Esse negócio não vai funcionar, pois a telepatia não é um dispositivo de mão única de direção ou mesmo um tipo de emissor/receptor. Não é administrável, enfim.

Resolvi me mandar pra Colômbia e descolar *yage*. Bill Gains resolveu se virar junto com Old Ike. Eu e minha mulher nos separamos. Estou prestes a partir pro Sul em busca do puro barato que expande a mente, ao contrário do junk, que a estreita.

Barato quer dizer ver as coisas de um ângulo especial. Barato significa liberdade momentânea das exigências da carne, tão perecível, cautelosa, irritadiça e apavorada, coitada. Talvez eu descubra no *yage* o que eu andava procurando no junk, na maconha, na cocaína. *Yage* talvez me dê o barato definitivo.

Copyright © 1961, 1966, 1968, William S. Burroughs

Todos os direitos reservados

Copyright da introdução 1976 © Allen Ginsberg, 1976

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Junky

*Capa*

Retina\_78

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Renata Lopes Del Nero

Marise Leal

ISBN 978-85-8086-644-5

Todos os direitos desta edição reservados à

editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)